REVISTA DA SEMANA

VÉUS DA MORTE

A BOMBA ATÔMICA

Completa foto-reportagem sôbre a explosão de Las Vegas

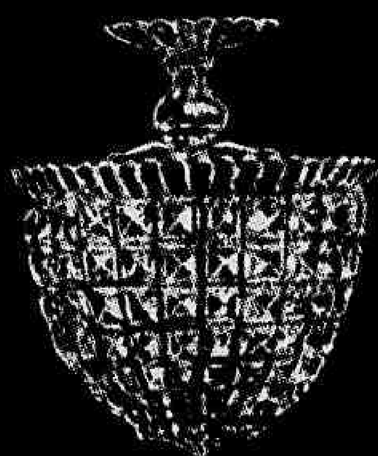
Rio de Janeiro NACIONAL

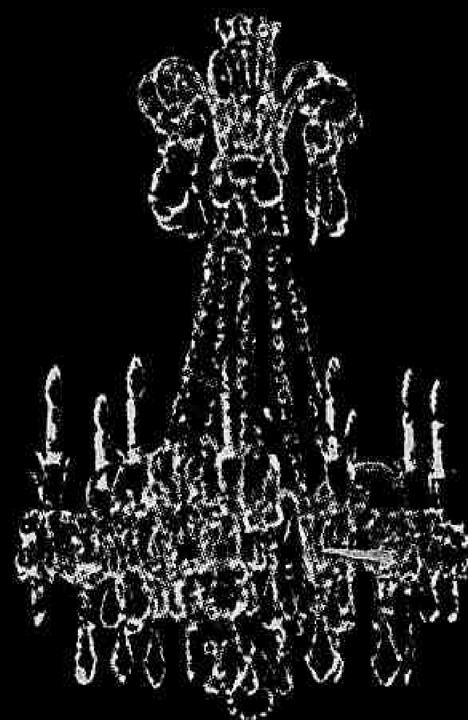


A MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL EM LUSTRES FINOS, IMPORTADOS DIRETAMENTE DAS MELHORES FABRICAS DA EUROPA.

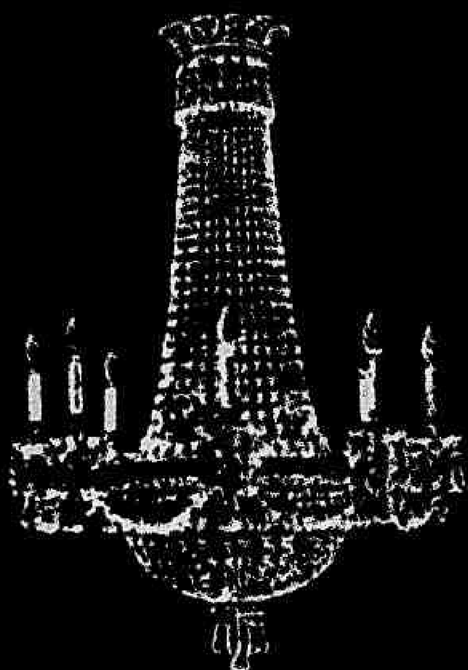
LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA E FRANCESES EM AUTENTICOS ESTILOS MARIA TEREZA, ISABELINO, CLASSICO, IMPERIO, VERSALLES E MODERNO E TAMBEM EM BRONZE ARTISTICAMENTE TRABALHADOS.



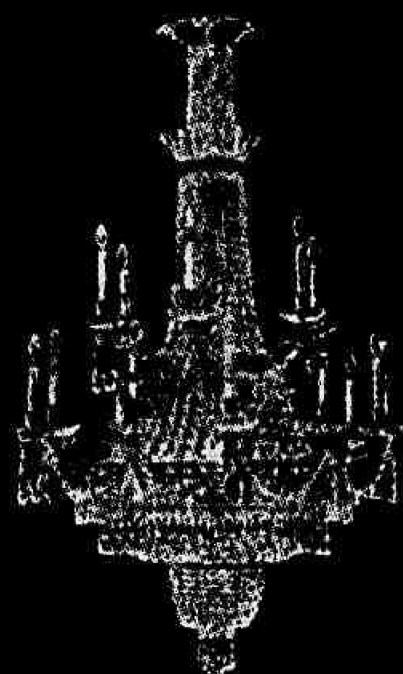




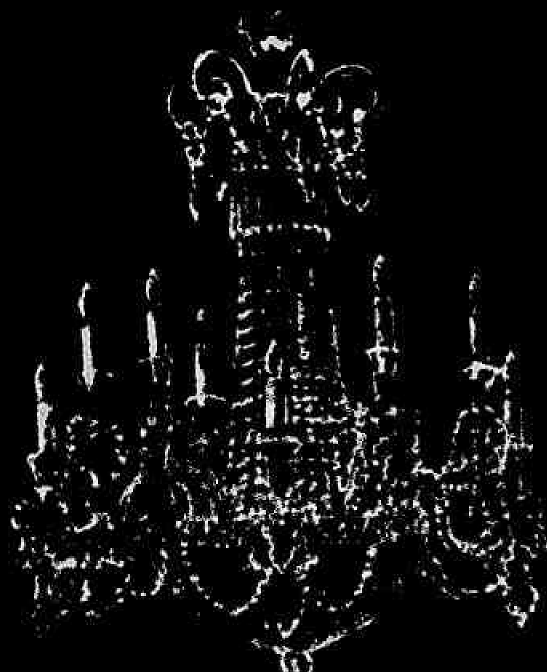
Especialidades em grandes lustres sob encomenda para finas residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. — Colocação gratuita por pessoal especializado.

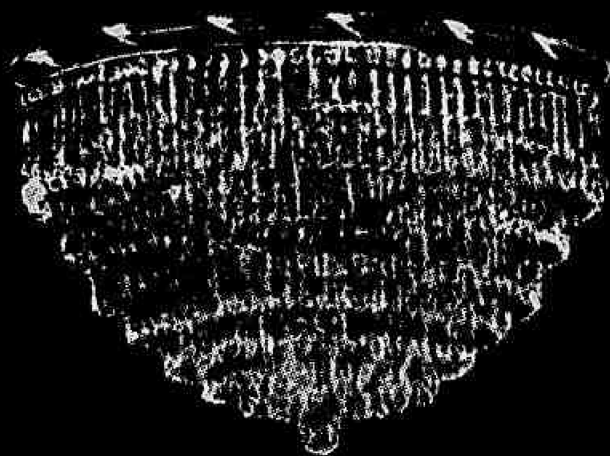






ARTISTAS DECORADORES PARA ORIENTAÇÃO NA ILUMINAÇÃO DE SUA RESIDENCIA







LUSTRES

MASUET

EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. BRASIL, 216 – FONE: 8-2958

S. PAULO

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 21 ★ 24-5-52

Sumário

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

Zenóbio Recepciona, Estillac Janta 4/7
Caçadores submarinos (por Bruno Hermanny) 12/14
Ela se chamava Teresa (por Leon Eliachar) 16/20
Novas explosões da bomba atômica 29/34
Derrotado o favorito argentino (por L. Spivak) 40/41
S. Ex. o Motorista 56/57

LITERATURA

O Milagre (por Osório Borba) 3
O Pequeno Conto (por Géo William) 8
Semana Literária (por Edmundo Lys) 48/49
Um Casamento Americano (Conto de Rita Eng) 26
O Sonho do Pescador (Conto de Nina Maria) 35

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8/9
A Personagem da Semana (Augusto Severo) 9
Artes (por Jane Bouchaud) 14
Cinema (por L. E.) 21
Noite e Dia 28
Teatro (por Martim Gonçalves) 39
Puxe pelo cérebro 46
Passatempo (por Renato Cartaxo) 47
Correio da Revista 50
A Revista há 50 anos 51
Tudo isto aconteceu 52/53
Rádio (por Milton Salles) 54
Música (por Oswaldo da Cunha) 55
A Pergunta da Semana (por Sinimbu) 58

ROMANCE

A Insatisfeita (por Irene Temple-Bailey) 22/23

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Amor e Ódio 38

FEMININAS

Noivas (por Ramon) 36/37
A Saúde do Bebê (pelo Dr. Saboia Ribeiro) .. 42
A Moda 44
Uma recém-chegada a Paris (por Isolette) .. 45
Candelárias em desfile (por Inocência Rosas) 46
Week-End na Cozinha 47

CERTAME FOTOGRÁFICO 28

CARICATURA

Deus Pagão (Por Théo) 11
Êste mundo e o outro (por Darcy) 15

VARIEDADES

O Segrêdo do renascimento alemão (por Kenneth Ames) 10

NA CAPA:

Pier Angeli
(Foto M.G.M.)



lagre

QUANDO uma senhora da família do desembargador, enfêrma, lhe propôs a viagem a Urucaina, devemos presumir que êle relutou, procurou dissuadi-la e convencê-la. O desembargador é católico mas não beato. Crê em todos os mistérios da sua religião, mas provàvelmente não em curas milagrosas: acredita mais na penicilina, na radiologia, nos ferros do cirurgião.

Daí, talvez que não. Que aderisse sem dificuldade à aventura da romaria, quando menos por uma curiosidade intelectual. E talvez mesmo nem só por isso, e nem só por solidariedade afetiva com a doente querida. A essa questão de milagre pode-se aplicar uma variante do dito célebre sôbre a existência de "brujerias": "Yo no creo en milagros Pero que los hay, los hay!"

E lá se partiu o desembargador com a família no seu estóico Chevrolet por estradas que muitas vêzes não passam de caminhos de mulas, enfrentando poeira, sol ou chuva, atoleiros, e o espetáculo de um desfile dantesco de doentes de tôdas as doenças, estropiados, cegos, paralíticos.

A chegada à pequena cidade superlotadíssima não podia ser o repouso, afinal. Milhares de romeiros na nova Joazeiro tornavam o problema do teto mais trágico que no Rio dos nossos dias. A família ficou hospedada... no automóvel. A praça em frente à casa de Padre Antônio estava cheia. Sòmente uma percentagem mínima dos crentes podia ter acesso à morada do milagreiro. Quase tôda a multidão era obrigada a ficar na praça, debaixo da canícula, à espera da Graça que poderia surgir-lhe com a aparição do padre na janela.

Ao desembargador arranjaram um caixote para melhor suportar, sentado, a longa espera, enquanto a doente procurava aproximar-se da casa.

Estava êle absorto na observação do espetáculo daquela multidão de enfermos quando um grito sacudiu a massa: — "Olha o padre!" Todos se movimentaram, eletrizados. O desembargador levantou-se de um pulo, do seu caixote. E logo viu que uma grande parte do povaréu se dirigia agora era a êle:

— Milagre! O paralítico andou! Milagre! Milagre! Louvado seja Nosso Senhor. Louvado o santo padre Antônio!

E num átimo, viu-se carregado nos braços da multidão que o exibia como o testemunho material do milagre e procurava conduzi-lo para a casa do padre. Tentou explicar. Naquela altura não era ouvido. E se fôsse, ouviria respostas como estas:

— Não era paralítico o quê! Eu não vi?!

— Já está negando! Mal agradecido!

— Tomara que volte!

— T'esconjuro, herege!

E a fama de mais um milagre se espalhou por aquêles mundos perdidos, consolidando o prestígio dos poderes divinos do bom padre Antônio.

★

No prefácio do livro do juiz Osni Duarte Pereira sôbre os países de atrás da cortina de ferro, o desembargador Sady de Gusmão descreve as dramáticas vacilações, a longa luta íntima que valeu à sua consciência de católico e de conservador o convite para um congresso jurídico na Alemanha sovietizada. Foi. Mas não passou de Praga, obstinou-se em não acompanhar até Moscou os companheiros de delegação.

Talvez receasse passar na Meca do fanatismo soviético por uma aventura semelhante a que o colheu em Nrucaina. Êsses outros romeiros poderiam dá-lo como beneficiário de outro milagre: uma "conversão", por exemplo.

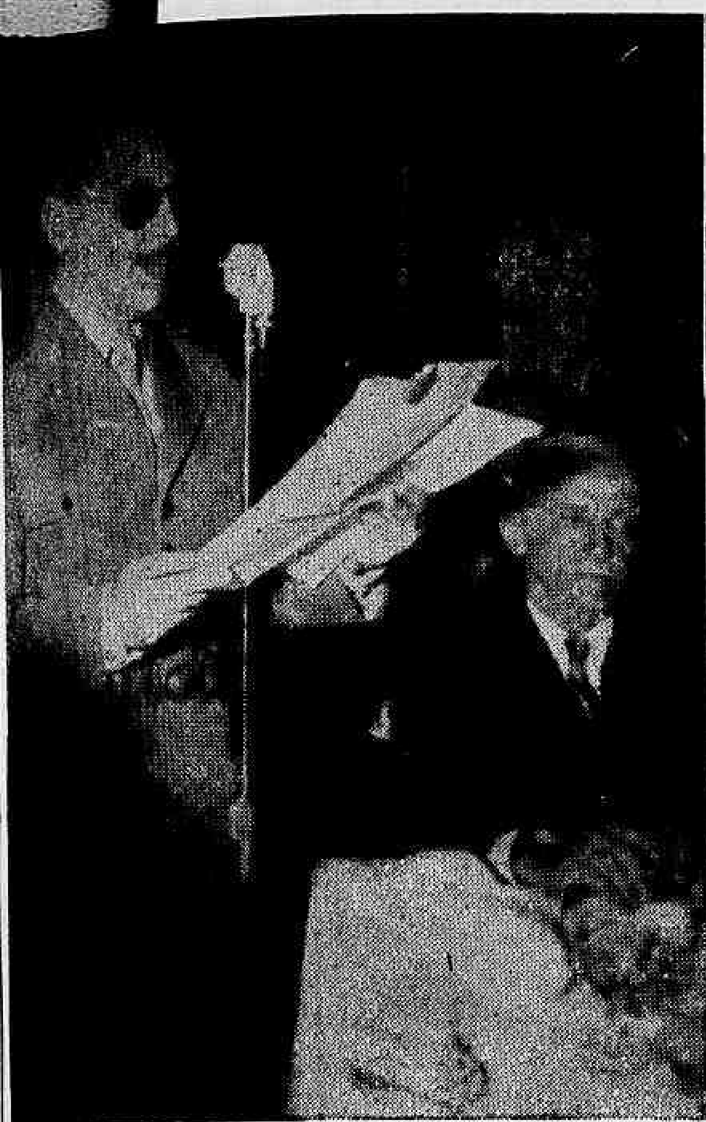
OSÓRIO BORBA

ZENÓBIO RECEPCIONA ESTILAC JANTA



Ao lado, o Gen. Zenóbio em palestra com o Gen. Espírito-Santo, ministro da Guerra. Em baixo, os mesmos, ladeando o Marechal Mascarenhas, de copo na mão





Enquanto o Cel. Nelson Werneck Sodré proferia o discurso de saudação, o Gal. Estilac conversava com seu colega Leitão de Carvalho, possuído de viva animação.



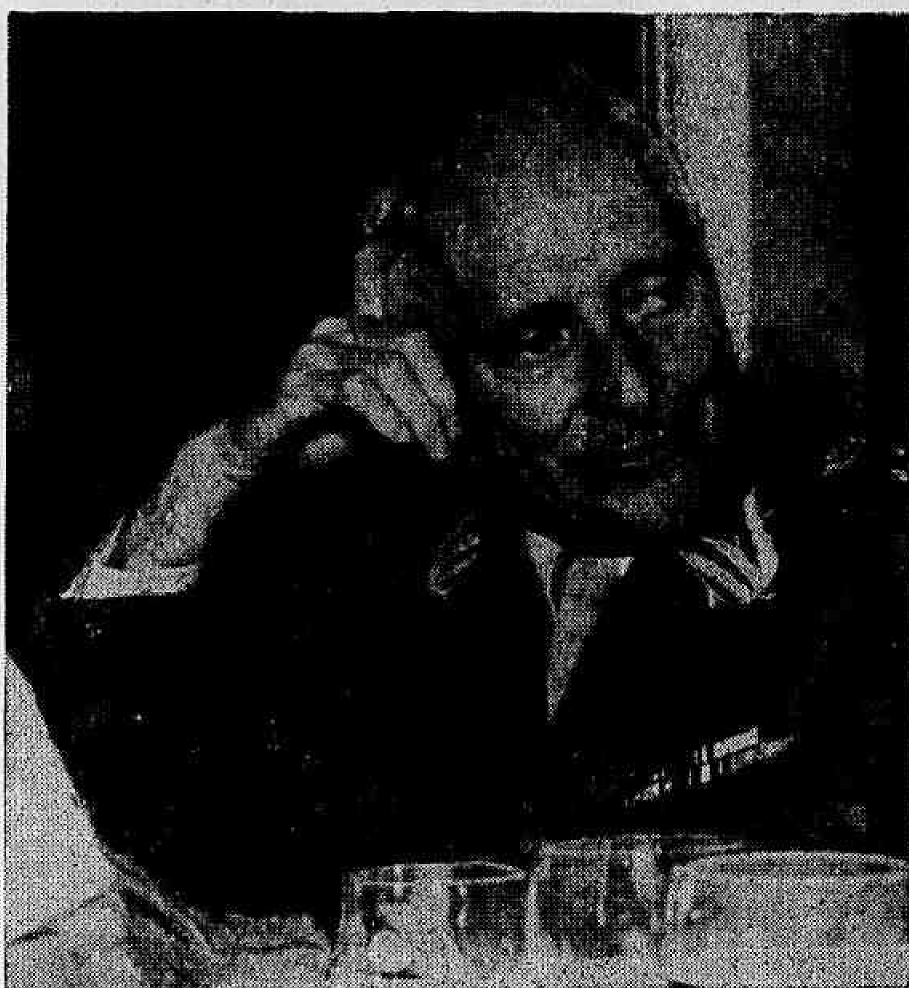








Foto-reportagem de
ARNALDO VIEIRA e
ALBERTO FERREIRA



Os carros começaram a chegar, na bôca da noite, e os visitantes a desembarcar dos seus automóveis

ZENÓBIO RECEPCIONA

NO centro da cidade, ás 8.30 do dia 9 de maio, filas de automóveis começavam a se formar nas ruas adjacentes ao Club Militar, sediado na Praça Marechal Flariano. Outros grupos chegavam a pé, saltando dos coletivos que desciam das zonas norte e sul da cidade. Eram as primeiras das 600 pessoas que iriam participar do banquete oferecido ao Gen. Estillac Leal. Inúmeras patentes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica ocuparam a grende mesa em forma de pente, armada no amplo salão da tradicional sociedade de militares.



A recepção teve um cunho tranqüilo e cordial, podendo se notar a serenidade das fisionomias e da palestra



A Sra. Zenóbio da Costa não escondia o afetuoso carinho de que cercava seu marido, como se vê na foto



Na porta da sua residência o Gen. Zenóbio ainda se demorou um instante, quando se despedia do capelão-chefe



Nem uma sombra de preocupação velava o olhar dos dois generais: Zenóbio da Costa e seu colega Caiado de Castro



O comandante da Escola Militar, Gen. Souto de Oliveira, estêve também presente e conversou animadamente

E S T I L A C   J A N T A

À mesma hora, em sua residência na Tijuca, à rua que tem hoje seu nome, o Gen. Zenóbio da Costa era visitado por grande número de amigos entre os quais se contavam as mais destacadas personalidades da vida pública nacional. O casal Zenóbio da Costa recepcionou-os carinhosamente e a reunião se prolongou até a primeira hora do dia seguinte.

O leitor tem o direito de imaginar que um biombo separava essas homenagens, que se realizavam à mesma hora e centralizaram dois chefes militares. Um biombo transparente, tanto que nestas quatro páginas poderá ver o que se passava nas duas reuniões.



A mesa em forma de pente (com muitas pernas), estava ocupada por numerosos entusiastas do Gen. Estilac Leal



Os discursos provocavam hurrahs e atitudes inflamadas. O detalhe acima revela o grau de excitação reinante

Em lugar de honra sentavam-se dois generais, entre outras personalidades: Leitão de Carvalho e Poli Coelho. O diretor de "O Mundo", jornalista Geraldo Rocha, estava entre os presentes e conversava de dedo em riste







Detalhe da chapelaria na noite do banquete: os civis deixavam seus feltros e os militares seus quepes e talins

O PEQUENO CONTO

A GUAIACA

Por GEO WILLIAM



POSSIVELMENTE alguém já tentou narrar o que ocorreu com o meu amigo Gun Stefenson. Mas da forma com que as passaram as coisas, sòmente eu sei pois que Gun, ainda imerso em profunda dor, narrou-me certa noite quando perto da fronteira mexicana ouvíamos os uivos dos "coyottes" quebrando o silêncio profundo da região árida. Eis o que Gun me narrou:

— Éramos três: eu, o meu cavalo e "Pinga-fogo", meu cão de estimação e que eu criara com verdadeiros desvelos desde que o velho "apache" mo doara, em retribuição a um punhado de fumo que eu lhe dera, ao passar pelo seu aldeiamento. Eu estava mais garantido com "Pinga-fogo" do que com um punhado de guardas-costas. Cão inteligente aquêle! Chegava até adivinhar as coisas e, guarda atento, jamais descurava dos deveres que se impuzera a si próprio. Havia algo de humano naquele olhar pardo e líquido que me prescrutava continuadamente. O meu "pampa" dava-se maravilhosamente bem com "Pinga-fogo". Os dois animais viviam numa completa harmonia e jamais tive que me preocupar, ao alvorecer, ir à cata do cavalo largado nas pastagens. Disso encarregava-se o cachorro que farejava minha montaria ao longe, indo buscá-la, trazendo-a entre latidos festivos. Era um espetáculo sempre agradável ver o "pampa" fingir escoucear seu amigo e êste fingir abocanhava as patas! Eu ria-me de bom ...r, ante a peraltice daqueles dois amigos que me falavam diretamente ao coração. "Pinga-fogo", sempre aguardava a respeitosa distância o "bacon" da primeira refeição e compartilhava comigo o "break-feast" como si fôra gente! Guarda fiel, a êle poderia entregar tesouros. E foi justamente essa fidelidade impar que o perdeu e fêz com que eu perdesse para sempre a alegria! Certa vez após ter realizado um grande negócio na venda do gado, enchi minha guaiaca com as cédulas verdes. Agora era só regressar e descansar. Poderia usufruir dos resultados de grandes fadigas e a cazinha que eu prometera à Lucy, na cidade, poderia ser adquirida sem mais aquela. No último pouso, onde passamos a noite, eu atravessei-a febril, nervoso, preocupado. Pela manhã montei e rompi a curto galope, ansioso por chegar, que a distância era ainda muito grande. Eis que logo à saida "Pinga-fogo" assume atitude extranha. Como jamais fizera, postara-se à frente do cavalo, latino forte investindo, depois correndo em sentido contrário, voltando novamente novamente comportando-se de forma extranha. A certa altura furioso, começou morder as mãos do animal que, espantado, empinou. Em seguida passou a morder-lhe as patas e o "pampa" assustando, corcoveou, quase que me cuspindo da sela. Eu ja não estava muito bom e a atitude do cão irritou-me sobremaneira. A certa altura, continuando as loucuras do "Pinga-fogo", julguei-o atacado de súbita hidrofobia. Ora, assim sendo, poderia me fazer perder o cavalo, com a contaminação de uma mordida. Não titubeei e sacando do "38", alvejei-o, deixando-o estirado no chão. Tive muita pena, mas não havia outro remédio...

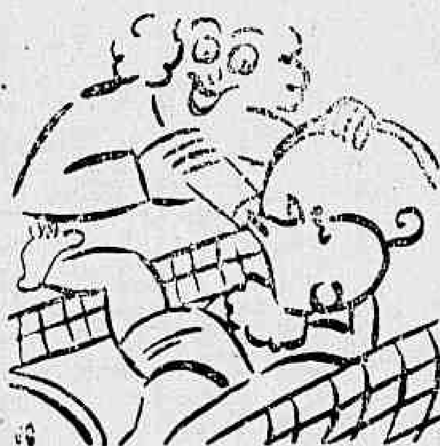
★

— Foi sòmente à tarde, quando desencilhei que dei pela falta da guaiaca e da minha fortuna! Quase que enloqueci! Metendo as esporas no cavalo, refiz em galope rasgado todo o percurso, olhos fitos no chão, à cata da preciosidade. Assim, de pulo em pulo, achei-me novamente no acampamento largado pela manhã. E sabe o que vi então? "Pinga-fogo", morto sôbre a guaiaca caída ao solo! O pobre animal, mesmo gravemente ferido, arrastara-se até o local, morrendo sôbre o meu tesouro, procurando resguardá-lo com o seu corpo! Tudo quanto êle fizera de extranho pela manhã, nada mais era do que me obrigar regressar para apanhar o objeto esquecido! Creia-me que me julguei o mais infame dos homens e nunca mais terei paz em minha vida! (IPA).

A Semana

Dia das Mães

A 11 de maio de 1913, na cidade de Filadélfia, Estados Unidos da América do Norte, uma jovem chamada Ana Jarvis perdera a mãe. No ano seguinte um grupo de amigas da órfã demonstraram desejos de prestar uma homenagem à morta. Miss Jarvis concordou, mas modificou o sentido da lembrança. A homenagem seria extensiva a tôdas as mães e dela participariam todos aquêles que já não tivessem mãe viva. A sugestão da jovem órfã foi aceita e assim nasceu o "Dia das Mães". No Brasil essa data também é largamente comemorada. Muitas associações, a imprensa, os poderes públicos se associam para dar ao dia 11 de maio um cunho de fraternidade e solidariedade àqueles que já não têm o carinho materno. Infelizmente as comemorações têm apenas o caráter lírico, emotivo, quase poético. Não se procurou transformar a data numa festa nacional em favor das próprias mães que precisam de amparo para que não morram de doenças, de fome, de desespêro, deixando os filhos na orfandade. Não bastam preces, solenidades com discursos muito belos e bem dosados de fundo e de estilo. E' necessário que sejam amparadas as mães que estão precisando de auxílio em todos os sentidos. Há, por exemplo, no Distrito Federal, milhares de mães que passam as maiores privações, que se sentem exaustas, doentes, esgotadas trabalhando para alimentar os filhos. Protejam-nas!



★

Não quis a herança

NESTE mundo tudo pode acontecer. Não se duvide mais de nada. O Sr. John H. Schmidt é caixa de um banco de Hoboken, em New Jersey, Estados Unidos. Estava muito calmamente em sua casa após os árduos labores de lidar com dinheiro dos outros, quando recebeu aviso de um Cartório para comparecer ao mesmo, com a maior urgência. Mr. Schmidt compareceu ao escritório do Tabelião e ouviu dêle esta notícia sensacional: "O senhor foi beneficiado com a herança de 300 mil dólares por sua amiga de infância, a senhora X. E eu estou ao seu dispor para proceder à transferência da bolada, precisando apenas que o distinto amigo apresente os documentos necessários exigidos por lei." E já esperava o bom notário que o novo-rico empalidecesse de emoção, e saisse como um raio para apresentar-lhe imediatamente tôdas as provas e identificações exigidas, quando, muito ao contrário, Mr. Schmidt, se mostrou desinteressado, dizendo serenamente: "Eu agradeço o interêsse do amigo em habilitar-me à herança, e também à generosidade da defunta, minha amiga de infância. Mas não aceito". O Tabelião ficou perplexo: "Não aceita os 300 mil dólares?!" Não. Confirmou o impassível e frio Mr. John H. Schmidt. Êle não queria mais dinheiro. Já se considerava bastante rico. Que teria havido com êle? Talvez habituado a manusear milhões por dia, nem ligasse mais...



Em Revista

A queda do "President"

ALGUNS jornais estranharam o abandono do grande avião da "Pan-American" perdido e incendiado na selva selvagem da Amazônia. Depois que fôra localizado, deveriam as autoridades e a emprêsa proprietária do mesmo, providenciar, imediatamente, meios de verificar com os pés na terra, se ainda havia jeito de salvar possíveis acidentados com restos de vida. Mas, por motivos que não se conhecem, o Ministério da Aeronáutica proibiu que pára-quedistas da FAB descessem no local. Por sua vez, pára-quedistas americanos também não tiveram ordem de pular. O caso deve envolver burocracia ou "modus operandi" de natureza administrativa ainda não divulgados para o povo que ansiosamente vem acompanhando o desenrolar da tragédia. Um tanto tardiamente, porém, veio a providência que deveria ter sido realizada logo após o descobrimento dos destroços: aviões da Aerovias, por iniciativa do Sr. Ademar de Barros, voaram a 7 de maio até ao aeroporto de Araguacema, de onde prosseguirão para a etapa final. Os pára-quedistas pertencem à Fôrça Pública de S. Paulo, são homens atléticos, hábeis e vão completamente equipados para a sua arrojada e dificílima proesa. Ao sair êste tópico, já se sabe do resultado definitivo dêsse gesto de solidariedade humana dos paulistas. Era o que se devera ter feito há dias. Mas... antes tarde do que nunca.





★

A vez do chofer

NÃO foi sem certa sensação que o carioca e, naturalmente, os brasileiros que ouviam rádio a 1.° de Maio, a notícia de que o Presidente da República escolhera, dentre grande lista de candidatos à Presidência do IAPETC, um homem simples, ex-profissional do volante na praça do Rio de Janeiro. O Sr. Cecílio se viu, de um momento para outro, como num passe de varinha de condão de alguma Fada benfazeja, elevado de modesto emprêgo municipal ao elevadíssimo pôsto de Presidente do Instituto de Transportes e Cargas do país. A imprensa logo se assanh-u e o eleito, isto é, o escolhido pelo Catete foi procurado e deu entrevistas. Não vamos entrar na análise da escolha, pois isso seria contribuir para aumentar a confusão dos palpites e em nada ajudaria o IAPETC. O que nos interessa agora é outra coisa, ou seja, que a política presidencial se oriente no mesmo sentido de dar aos Institutos de Apo-entadorias uma direção tirada dos seus próprios segurados. Assim teremos, de agora em diante, na Presidência dos Comerciários um caixeiro; dos marítimos, um marujo, etc., e logo que fôr instalado o Instituto das Favelas, como já se projeta, dê-se a sua presidência a um favelado. Nada mais justo, meus senhores. Não se quer mais o critério da capacidade, da cultura, da probidade e competência, e sim, o chefe escolhido de seu meio. Mais uma experiência...



A PERSONAGEM DA SEMANA

A idéia dedominar os ares por meio de máquinas voadoras, sempre foi uma obsessão humana. Tão antiga que tem suas origens na mitologia grega. Muitos países do mundo procuraram resolver o magno problema, e, dentre êstes, o Brasil se coloca à vanguarda, como a pátria da aviação. Em fins do século passado, além de Santos Dumont, houve um brasileiro que vivia com idéia fixa no futuro da aeronáutica. Chamava-se Augusto Severo, filho da cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Augusto Severo, homem culto e empreendedor, via no século que despontava, a era da aviação. Apaixonado pela aeronáutica, sabendo que outros brasileiros ilustres e ousados tentavam dar lições ao mundo, seguiu para a França, Meca de todos os sábios e homens de ação, a fim de construir os seus aparelhos voadores semi-rígidos, nos quais se propunha a fazer experiências que teriam, no futuro, influência decisiva para a conquista dos ares. Na capital da França, depois de vencer as dificuldades inerentes a empreendimentos de tamanha magnitude, conseguiu contratar os trabalhos de um mecânico de nome Sachet, e, com sua ajuda e assistência, construir o seu balão experimental. Augusto Severo, a êsse tempo era deputado e ocupava uma cadeira no Legislativo Nacional, homem cheio de esperanças e certo de que iria contribuir para o progresso da aviação, com honras para o Brasil. Tudo pronto, Augusto Severo batizou o seu balão com o expressivo nome de "Pax", e meteu em seu bojo 2.500 metros cúbicos de hidrogênio. Elevando-se entre delirantes aclamações de amigos e circunstantes, do parque de Vaugirard, o bravo aeronauta, assistido por Sachet, subia aos céus de Paris, com pleno êxito. Mas, ao atingir uma altura de uns quatrocentos metros, o balão sofre um acidente, partindo-se e incendiando-se tràgicamente. Augusto Severo morre no desastre, com o seu mecânico. Tôda aquela multidão que assistia ao arrojado vôo, nada mais pôde fazer senão reverenciar a memória do mártir e seu companheiro, tendo-se chegado à conclusão de que a causa da tragédia teria sido em virtude de mau funcionamento nas válvulas do gás. Estava-se a 12 de maio de 1902. Os restos de Augusto Severo vieram para o Brasil e estão sepultados em S. João Batista. Para comemorar o cinqüentenário de sua morte, o Ministério da Aeronáutica, o Centro Riograndense do Norte e outras entidades organizaram programas cívicos como preito de saudade ao grande patrício. Esta REVISTA se associa às comemorações e reverencia sua memória, como a Personagem da Semana.



Augusto Severo

REVELAÇÕES DO CONTINENTE NEGRO

Já no próximo número os leitores encontrarão o 4.° artigo da série assinada pelo sr. Marcos Carneiro de Mendonça, sôbre o continente africano, e que vem despertando grande interêsse no público.

Como previramos a entrega em nossa redação foi retardada, por motivo de fôrça maior, não alcançando do mesmo, no devido tempo, a matéria da presente edição.

Bom humor — Bom humor — Bom humor

AGUARDE

TIC-TAC

Mate o tempo enquanto o tempo o mata.

●

Uma seção divertida de

LEON ELIACHAR

●

A partir de junho

O SEGRÊDO DO RENASCIMENTO ALEMÃO

Por KENNETH AMES

EXCLUSIVIDADE DA REVISTA DA SEMANA NO BRASIL

COMO se explica ter sido a Alemanha esmagada numa segunda grande guerra, tôda a sua indústria destruída, o seu comércio esfacelado, sua frota afundada, e, de um momento para outro ressurge numa impetuosidade quase milagrosa e volta a ser uma nação industrial e exportadora? Para apurar isso o "Daily Mail" mandou um repórter entrevistar pessoas de responsabilidade no centro industrial germânico, a fim de explicar-se o fenômeno do renascimento alemão que tanto espantava o mundo.

O jornalista procurou um gerente da zona industrial do Ruhr e lhe fêz perguntas. O operário, depois de tragar umas baforadas de seu charuto, estendeu a mão na direção dos altos fornos e das usinas com suas chaminés fumarentas e respondeu com muita simplicidade: "Não há nada de misterioso, nem qualquer fórmula secreta. O caso se resume neste triângulo: mais trabalho, maior salário, mais produção".

E prosseguiu: "Todo o mundo aqui na Alemanha está crente de que teremos que produzir mais a fim de podermos exportar e reconquistarmos o comércio do mundo. Fizemos os maiores sacrifícios para chegarmos à meta".

A que se devia o espantoso ressurgimento do Ruhr, coração industrial da Alemanha, depois de ocupado, voltar a ser essa forja imensa de trabalho e salubridade? A que se devia estarem as chaminés do Ruhr a vomitar fumaça dia e noite, fabricando aço e queimando carvão para produzir máquinas cuja corrente crescia dia a dia? Quem firmava contratos vultosos com as firmas alemãs, encomendas essas que, em dias anteriores, seriam encaminhadas a firmas inglêsas?

Antes de procurar saber como se deu êsse fabuloso ressurgimento, chegamos à inevitável conclusão que tudo se resumia no "mais trabalho, maior salário", tanto para mineiros e operários siderúrgicos, fôssem técnicos ou não.

O trabalhador alemão sente orgulho de suas ocupações, mesmo que estas sejam humildes. E' significativo que o trabalhador alemão, seja um gari, um carteiro, um mineiro de carvão ou limpador de chaminés, todos êles se referem à sua "profissão" e nunca, simplesmente, ao "emprêgo".

E não são apenas os mineiros, os trabalhadores em siderurgia e nas fábricas que chegaram a obter um rendimento de 27 horas de trabalho por dia, redobrando os esforços de um horário de nove horas para uma produção três vêzes maior!

Quando procurei entrevistar o diretor de várias indústrias do Ruhr, ali me informaram que o mesmo me receberia na têrça-feira próxima, logo que regressasse de uma viagem ao Cairo, Ancara, Índia ou à Indonésia.

Nos milhares de milhas quadradas em que se concentra tôda a indústria do Ruhr, com suas fábricas, usinas de tôda espécie, siderurgia, etc., se agita hoje estupendo parque industrial que há cinco anos passados estava completamente em silêncio.

Os homens de negócios se acotovelam nessa competição em que entra hoje a Alemanha no mercado do mundo.

A despeito dos incríveis danos da última guerra, da cortina de ferro que divide o país em duas metades e da ocupação militar estrangeira com mais de 250 mil homens, a Alemanha já conseguiu elevar sua exportação 35% acima do nível de antes da guerra. A produção industrial já chega a mais de 40%.

De uma dúzia de estabelecimentos do Ruhr, visitados por mim, foram enviados a nações da Europa Central e da oriental, "comandos" de técnicos em engenharia, a fim de se aconselharem com outros para a construção de novos projetos e meios de transportes.

Como pôde ser que se firmasse novamente em seus pés depois da mais estrondosa derrota já sofrida por uma nação, tornando-se capaz de firmar contratos que, anteriormente, pertenciam aos inglêses?

Parece que só há duas razões básicas. Mais baixa mão-de-obra alemã em comparação com o que há na Inglaterra e Estados Unidos, permitindo-lhes poder oferecer preços mais módicos, ou então, ausência de contrôle estatal e prioridade para fins de defesa, o que dá às indústrias alemãs maior rapidez e apresentação de listas de produtos.



Ouçamos as explicações que nos dá o dr. Joachim Gollnow, presidente de uma firma do Ruhr que está construindo uma ponte sôbre o Nilo, em Sohag:

"E' muito simples. Operários alemães estão tornando as semanas de trabalho muito maiores do que na Inglaterra e nos Estados Unidos. E o que é melhor: anulando tudo o que significasse perda de tempo, e com a decisão de usarmos a maior cooperação entre todos os trabalhadores, conseguimos triplicar a produção."

Como resultado disso 2.800 toneladas de aço foram vendidas para o govêrno egípcio para embarque no próximo verão. Outro dirigente industrial do Ruhr, dr. Werner Nakonz, declarou que firmou contrato com o mesmo govêrno no valor de 1.300.000 libras para obras em barragens do Nilo. E explica: "Não quer isto dizer que estamos destruindo o mercado inglês no Egito. Firmas inglêsas também apresentaram ofertas; mas sucedeu que as nossas eram melhores do que as de lá, e os egípcios, que são financistas e gostam de especular, fecharam conosco o seu contrato, tudo dentro da mais lícita e normal transação."

Num dos escritórios de engenharia eu vi uma equipe de técnicos preparando-se para seguir no outono com destino ao Egito para trabalhos de engenharia.

Todos os líderes industriais do Ruhr estão acordes num ponto. "O que mais estamos exportando com êstes contratos, são cérebros". E explicam: "Estamos mandando para várias partes do mundo verdadeiros técnicos e engenheiros de grande capacidade e eficiência. O que exportamos em aço é muito menos do que em crânios".

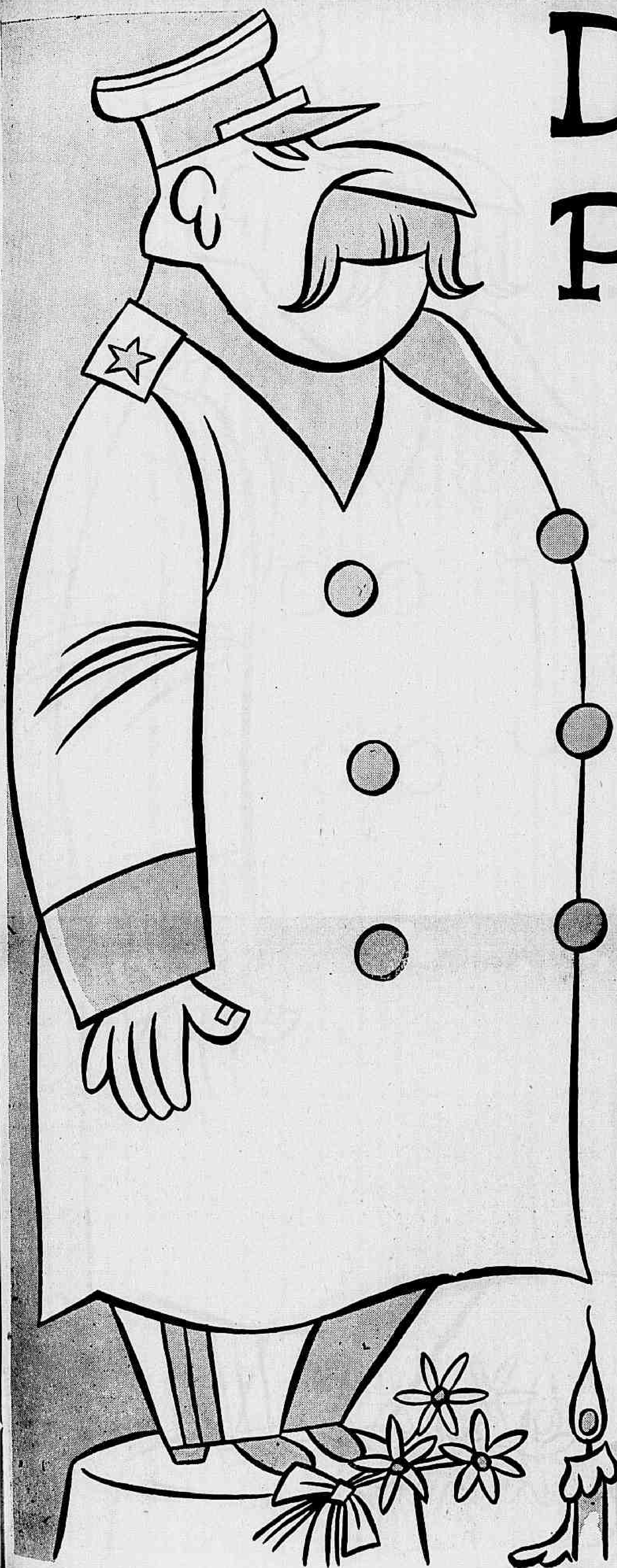
Uma firma de Dortmund, uma das maiores construtoras de pontes do mundo, diminuiu suas tabelas a fim de embarcar oficinas completas e todos os utensílios para o Egito e empregou parte de trabalhadores locais nos serviços da ponte do Nilo.

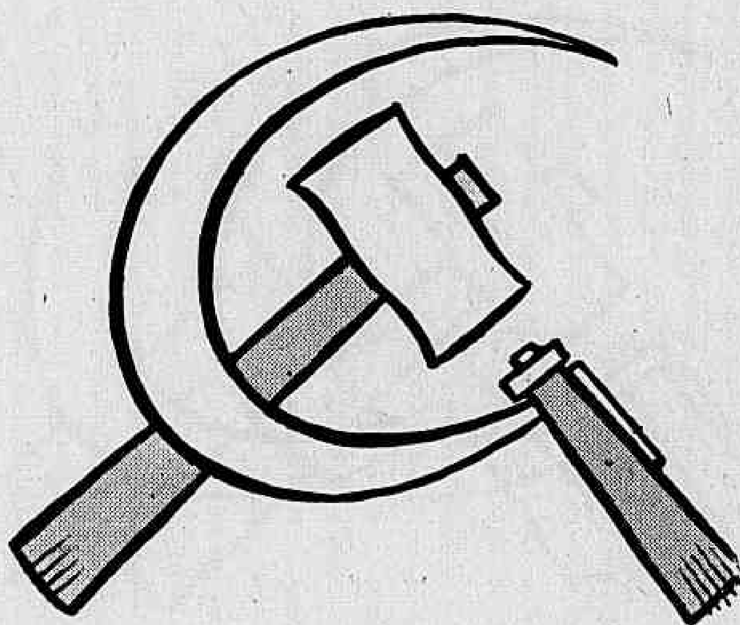
"Éramos, com as firmas inglêsas, cêrca de 14 nessa concorrência, diz-nos o diretor. Mas nossos preços eram os mais baixos. Os inglêses apresentaram um orçamento que regulava perto de 20 mil libras acima dos nossos."

Em Krupps, onde seis anos atrás só havia ruínas e destroços, há hoje um centro industrial cheio de chaminés a fumegar entre fábricas e indústrias em progresso.

Mais de cem belas locomotivas estão sendo fabricadas para a África do Sul, enquanto várias encomendas estão concluídas para outros países como Índia, Argentina e Indonésia.

DEUS PAGÃO





E AINDA HÁ
QUEM PENSE QUE
OS COMUNISTAS
SÃO ATEUS...





Lancha da equipe do Arpoador, que conduziu competidores da prova.

CAÇADORES SUBMARINOS

EM ANGRA DOS REIS O 1.º CAMPEONATO BRASILEIRO DE PESCA DE MERGULHO ★ SEIS EQUIPES DISPUTARAM BRAVAMENTE OS TROFÉUS DE VENCEDOR ★ EQUIPE DO ARPOADOR (Record Mundial): MERO DE 276 QUILOS

Texto de BRUNO HERMANY

Fotos submarinos de IVY MARCEL

Fotos de superfície de ALBERTO FERREIRA

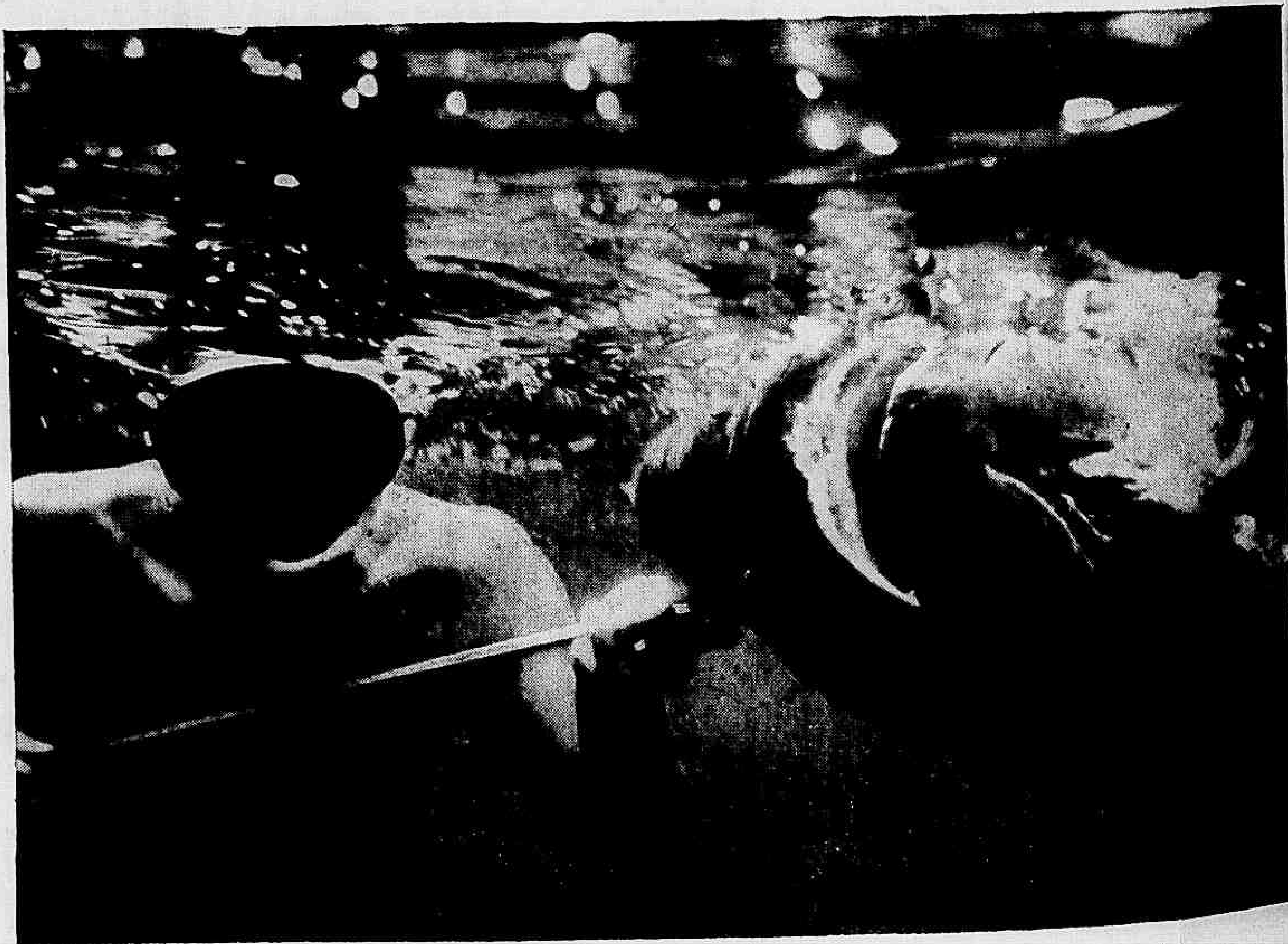
NAS profundezas do oceano sessenta homens buscam glórias. Desafiando forte temporal, correntes favoráveis e falta de peixe, defrontaram-se seis equipes de pescadores na busca do maior peixe.

Na baía da Ilha Grande, local por demais conhecido pela riqueza de sua fauna em monstros marinhos, realizou-se o primeiro campeonato de pesca submarina. Organizado por um grupo de jovens desportistas conhecidos como Equipe ao Arpoador, concretizou o sonho de todos os pescadores de mergulho: organizar e difundir o esporte.

Os resultados foram bons, a respeito das más condições do tempo.

O campeonato foi disputado por equipes de seis amadores em cada. O regulamento foi elaborado pela organização e debatido numa sessão pela diretoria.

No fim dos debates, o Regulamento estabelecia:



Um mero possante, com aspecto de monstro do fundo do mar, é levado à tona d'água, depois do mergulho bem sucedido de um pescador.



A equipe vencedora, quando chegava a Angra dos Reis.



Capitão Gutierrez Filho, que puxou um mero a 15 ms.



A equipe do Arpoador exibe um robalo de 7.800 quilos.



Vítor Wellish (da "Sea Readers"), com um mero de 30 quilos.

I — O Campeonato será feito por equipes. Cada tripulará um barco. Não poderá receber ajuda de qualquer espécie de outras embarcações.

II — O limite máximo de componentes de cada equipe será de 6 (seis) pescadores amadores e 2 (dois) marinheiros profissionais, os quais não poderão ter participação direta na pescaria, isto é, mergulhar.

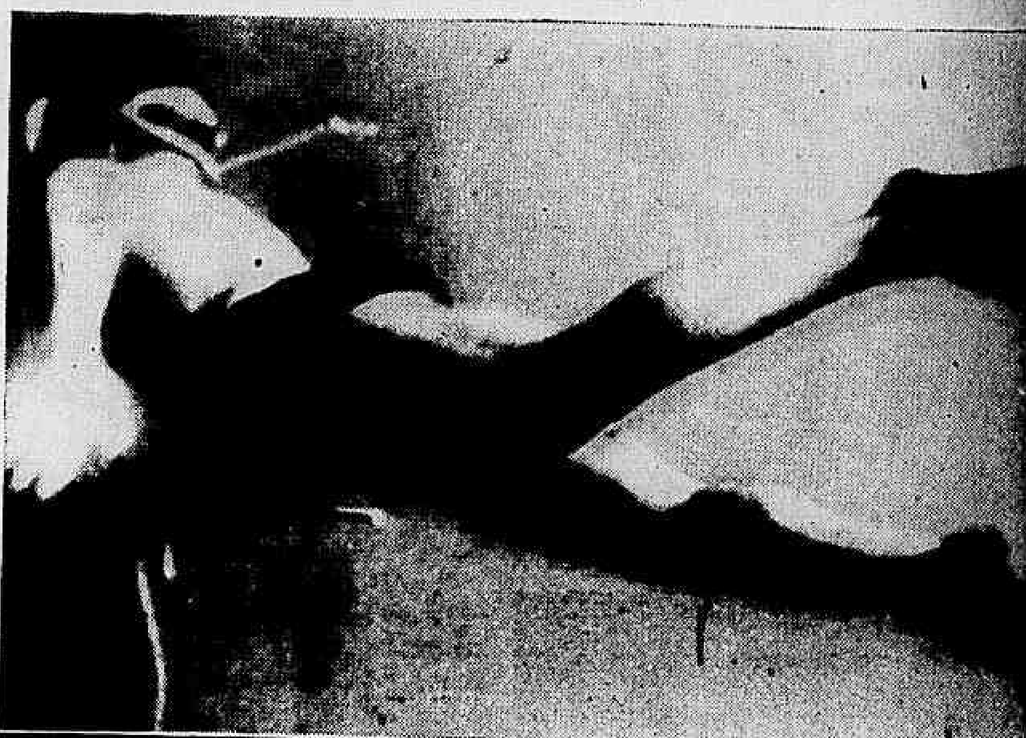
III — E' proibido o uso de explosivos ou armas explosivas, de escafandros ou aparelhos de oxigênio de qualquer espécie.

Outras disposições estabeleciam o regime de direito do campeonato.

A maioria dos concorrentes foi para Angra dos Reis de automóvel e outra parte foi nas suas embarcações.

Grande número dos participantes ficou alojado no Hotel Hawaii, que pôs suas dependências à inteira disposição dos concorrentes por especial deferência da sua gerência. Depois de findo o campeonato, foi oferecido um churrasco aos competidores.

A partida estava marcada para as 8 horas do sábado e assim foi feito. O Capitão do Pôrto, Comte. Paulo Sampaio, deu o tiro simbólico e as embarcações largaram para a prova, que duraria até a tarde de domingo.



Um competidor da pesca de mergulho desliza alguns metros abaixo da superfície do mar, munido de nadadeiras e instrumentos de ataque.



Feliz instantâneo batido no momento em que uma pesada garoupa, depois de alanceada, era conduzida como troféu para o alto das águas.

ARTES

Caçadores Submarinos

EXPOSIÇÃO DE ARTISTAS BRASILEIROS

VALE a pena se ir ao Museu de Arte Moderna ver a exposição dos Artistas Brasileiros, para alcançar uma visão de conjunto do que se tem feito no Brasil em matéria de arte nos últimos anos, bem nos últimos, na verdade, pois a maioria dos trabalhos apresentados é posterior a 1950. A exposição dos Artistas Brasileiros está muito superior à primeira mostra do Museu de Arte Moderna, pela homogeneidade conseguida no arranjo dos trabalhos, que está ótimo, e pela qualidade da quase totalidade das obras apresentadas.

Na primeira exposição o que houve foi uma dispersão dos valores reais em meio das obras inferiores. Além disso, procurando mostrar elementos bem representativos das tendências mais atuais da arte, sacrificou-se o conjunto e a exposição ficou sem nexo. Não havia continuidade. Não é que não houvesse bons quadros; sòmente que entre êles havia tantos ruins que, até chegar a outro bom, o visitante desanimava e achava a exposição uma droga.

MUSEU DE ARTE MODERNA

O Museu de Arte Moderna iniciou um curso de pintura para os filhos de sócios e para os próprios sócios, aos sábados, na sua secretaria. O curso está a cargo de Ivan Serpa.

Agora não: a visão inicial é ótima. O colorido é excelente, em seu conjunto. E' coisa muito importante numa exposição considerar-se o todo formado pelo colorido. Isto nem sempre é levado em conta pelos organizadores de mostras artísticas. O conjunto nessa exposição está harmonioso em si. Cada tela, cada escultura ganha em ser vista, pois a distribuição, sendo bem feita, pode ressaltar, independer das demais obras, que lhe servem de fundo. E' a velha teoria de fundo e forma que está posta em jôgo, com mestria, pelos organizadores da exposição. Essa teoria diz que se o conjunto é homogêneo, fundo e figura podem se alternar sem que haja diminuição de seus valores particulares. Assim, cada tela ganha em ser vista isoladamente e em conjunto, pois as vizinhas não vêem se intrometer e atrapalhar a conversa da gente; esperam pacientes a sua vez, porque sabem que diante delas também se pode parar.

Esta é, realmente, uma exposição. E' uma coleção em que nenhuma tendência perde para as demais.

Sente-se que tem um nervo central, independente das obras, mas que as liga não com um nexo totalmente visível, porém que se sente logo.

Por quê? E' difícil dizer, mas fácil senti-lo.

Lá iremos de novo tomar contato, enquanto esperamos que os leitores tenham ido ver para que possamos nos entender melhor nas próximas apreciações. — JANE BOUCHAUD.

YLLEN KERR



O artista que recebeu o prêmio da exposição, como noticiamos, foi Yllen Kerr, e o trabalho premiado é o que aparece ao lado. E' uma gravura, em madeira, a que os entendidos dão o nome de xilogravura. A gravura exige, mais que nenhuma outra arte, o conhecimento técnico que pode faltar no desenho, por exemplo. Sob êsse aspecto Yllen Kerr mereceu realmente o prêmio, não há a menor discussão. Sôbre o resto, voltaremos a falar.

I SALÃO NACIONAL DE ARTE MODERNA

Dia 15 de maio será o "vernissage" do I Salão Nacional de Arte Moderna. O atual salão foi formado em virtude de se ter separado a antiga "Divisão Moderna", do Salão Nacional de Belas Artes. Os dois salões passarão a ser realizados em datas distintas, e em lugares diversos. A comissão encarregada de organizar o Salão Moderno ficou assim constituída: Alcides Rocha Miranda, pintor e arquiteto; Frank Schaeffer, pintor e Max Grossmann, escultor. Foram encarregados da seleção dos trabalhos e das premiações, Perez Rúbio, pintor; Francisco Stockinger, escultor, e Quirino Campofiorito, pintor e crítico de arte. O novo salão ficará aberto até ao dia 29 de junho e irá funcionar diàriamente, de 14 às 20 horas, menos às segundas.

EXPOSIÇÃO DE CERÂMICAS DECORATIVAS

Inaugurou-se a exposição de Cerâmicas Decorativas, de Djalma De Vincenzi e Inês Weiss, na Sala da Mulher Brasileira do Museu de Belas Artes, no dia 13 dêsse mês.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE LUCÍLIO DE ALBUQUERQUE

Com trabalhos de Lucílio de Albuquerque, o Art Club do Rio organizou uma exposição no "hall" da Câmara Municipal. Nascido no Piauí, Lucílio de Albuquerque foi, sucessivamente, aluno (em 1896), professor e diretor da Escola Nacional de Belas Artes.

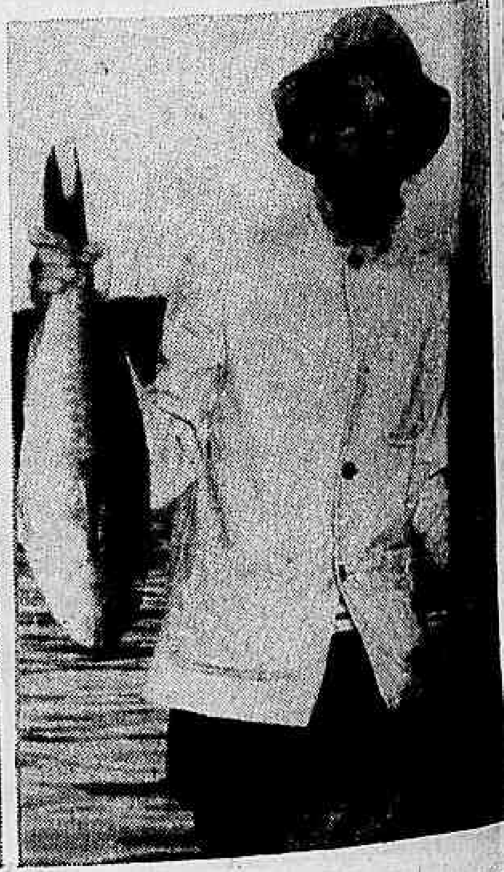


DOIS CAMPEÕES — Srs. João Camargo, recordista mundial (mero, 276 quilos) e Guitierrez Filho (mero, 148,800 kgs.) cumprimentam-se depois do campeonato.



Pesagem do mero do Sr. Gutierrez Filho: 148.800 kgs. A pesagem dos peixes mais volumosos dava os momentos de maior sensação para os que ficavam na superfície.





Também tinha disso: os que exibiam peixes menores, com uma cara desconsolada. A sorte não podia ajudar a todos.

ESTE MUNDO E O OUTRO

VOCÊ CONHECE ESTA?
UMA VEZ MINEIRO...
SEMPRE DESCONFIADO!

Criação de DARCY







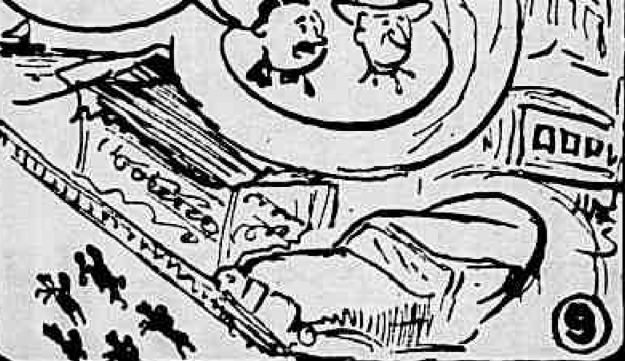


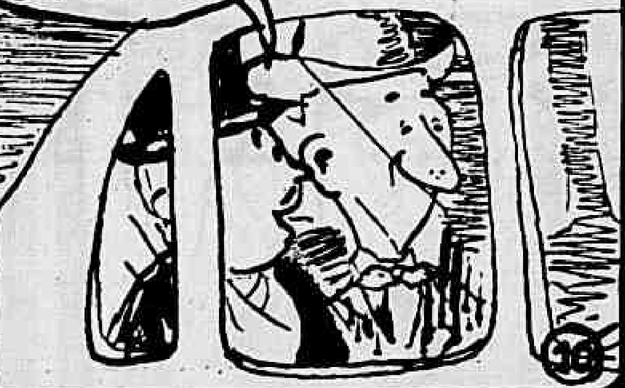






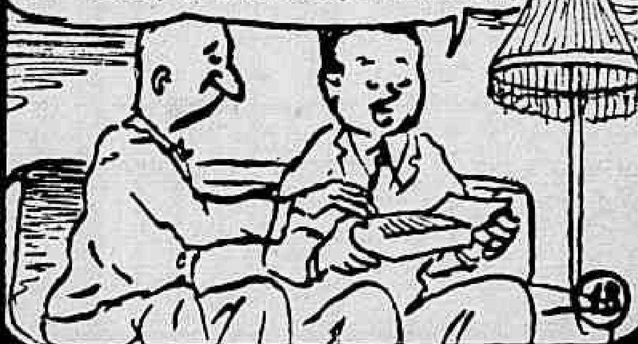
















ELA SE CHAMAVA TERESA



Primeiro filme: «Amanhã será tarde demais»

COMO FOI DESCOBERTA PIER ANGELI ★ CASOU-SE COM UM G.I. E TORNOU-SE A NAMORADA DO MUNDO ★ BELEZA E TALENTO ★ A PROVÁVEL SUBSTITUTA DE INGRID BERGMAN



Segundo filme: «Teresa»

Texto de LÉON ELIACHAR

Fotos Metro-Goldwyn-Mayer

JOVEM, meiga, ela tinha uma capacidade extraordinária de amar. Seus olhos penetrantes, tentadores, conquistaram o pracinha americano que servia na Itália. Nasceu um romance como raramente tivemos oportunidade de presenciar. Êle perguntou seu nome.

— Teresa — respondeu ela, um tanto tímida e um tanto embaraçada.

Sim, ela se chamava Teresa. E o mundo inteiro ficou apaixonado por Teresa. Quem era aquela menina de 18 anos de idade capaz de viver com tanto sentimento uma das mais belas histórias de amor que o cinema já apresentou? Só se falava em Teresa, "a noiva de guerra". O pracinha foi repatriado e Teresa foi ter com êle em Nova Iorque. Mas eu lhes conto a história, desde o princípio.

"Teresa" foi o segundo filme de Anna Maria Pierangeli, hoje conhecida apenas por Pier Angeli. O primeiro filme foi realizado em 1948, quando Pier tinha então 15 anos de idade: "Amanhã será tarde demais", exibido no Brasil um ano depois de seu segundo filme. Já então Pier revelava o seu extraordinário talento dramático, vivendo um amor de adolescente. Seu rostinho delicado e bonito, seus traços suaves e seus gestos frágeis, fazem dela uma das figuras mais femininas e mais encantadoras do cinema. Ela conquista, ela cativa, ela atrai, ela prende pela sua simplicidade. Quatro anos depois, um filme americano, rodado na Itália, viria projetar seu nome nos quatro cantos do mundo. Ela viveu tão bem o seu papel que o público, impressionado mais pela personagem do que pela atriz, passou a chamá-la de Teresa. Pier Angeli conseguiu, assim, firmar-se como uma das estrêlas mais lindas e mais talentosas do cinema.

Anna Maria Pierangeli nasceu em Cagliari, Sardenha, a 19 de junho de 1932. Ela nasceu gêmea, poucos segundos depois de sua irmã Maria Luísa. Mas, a não ser o nome Maria, não há quase semelhança entre as duas irmãs. Maria Luísa é um pedaço de morena, seu cabelo é quase prêto, seus traços mais largos e mais cheios, contrastando fortemente com as linhas frágeis do rosto e do corpo de Anna Maria Pierangeli. "Ela parece qualquer coisa de Boticelli" — disse o produtor Loew quando a viu.

Um dia de maio, na Vila Italiana de Scoscoli, nos Apeninos, acima de Bologna, um grupo de soldados estava sentado nos bancos toscos, numa praça, conversando e esperando a chamada, como "extras", na produção de Loew, intitulada "Teresa".

— Diabo — disse um dêles — em que espécie de trapalhada nos metemos? Eu me juntei a êste grupo não apenas pelo dinheiro, mas também para ver alguns artistas de cinema. Êles não têm estrêlas aqui. Acabei de falar com um dos atores. Êle nunca trabalhou em cinema antes. E, quanto à heroína, que nome tem ela?

— Pierangeli, creio — respondeu outro. — Ela é muito bonita, mas quem já ouviu falar nela, nos Estados Unidos?

— E quem já ouviu falar nela na Itália? — acrescentou outro sorrindo.

Isso ilustra perfeitamente a hipótese de que, mesmo depois de ter estrelado "Amanhã será tarde demais", Pierangeli continuava sendo simplesmente "uma desconhecida". Fred Zinnemann, por isso mesmo, descobriu-a novamente, quando lhe deu o papel de Teresa. E disse, textualmente:

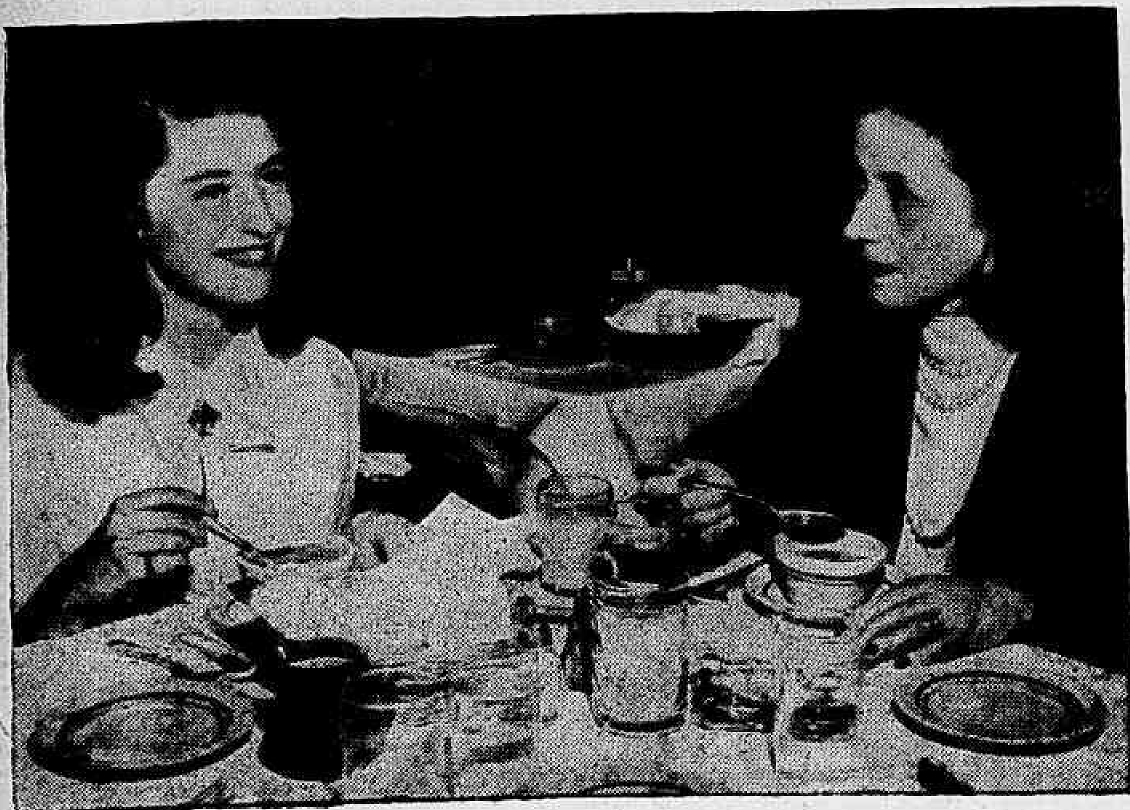
— Ela é a moça mais talentosa com quem jamais trabalhei. Ela combina talento com um acentuado tipo de personalidade. E' bastante ingênua num momento e noutro assustadoramente experimentada. Tem as emoções de uma criança e uma mentalidade além da sua idade, que é cêrca de 19 anos, e, tudo isto, sem que ela perceba.

Zinnemann é bastante honesto em matéria de publicidade, o que nos leva a dar crédito à sinceridade de suas palavras. E conta ainda um fato curioso:

— Um dia claro de primavera, no *set* de Scoscoli, pouco antes do intervalo do almoço, Pier desapareceu. Na realidade, ela havia dado uma fugida ao campo para tirar algumas fotos coloridas para uma revista. Eu havia me esquecido disso e quando, minutos mais tarde, a repreendia, ela retirou das costas, cordialmente, um "bouquet" de flores silvestres. O motivo da demora fôra justamente para apanhar aquelas flores para mim...

Uma das coisas mais interessantes acêrca de Pier Angeli é o seu cabelo côr de morango. Tem o nariz pintado de sardas, olhos verdes e, até um ano atrás, a idéia de ser artista de cinema nem lhe havia passado pela cabeça. Estudava pintura e escultura numa escola de Arte, em Roma, quando o diretor Leonide Moguy viu-a no apartamento de um amigo. De repente, Moguy virou-se para sua espôsa e exclamou:

— Olhe, ali está a moça para o meu filme!



Ao lado de sua progenitora, Pier Angeli faz suas refeições, durante as filmagens de «O Milagre do Quadro», realizado na Itália



Pier Angeli conheceu muitos lugares. Aqui, ao lado de Stewart Grandes, seu galã nesse filme, ela consulta o mapa da Sicília

Êle estava preparando-se para filmar justamente "Amanhã será tarde demais", uma história simples mas traiçoeiramente difícil a respeito dos graves problemas físicos e mentais da juventude em idade crítica. Pier estrelou êsse filme. Desde o momento em que Moguy descobriu-a (seu primeiro descobridor), coisas estranhas têm se passado em sua vida. Vittorio de Sica, o renomado diretor de "Ladrões de Bicicletas", que se tornou um filme clássico da sétima arte, encontrou Pier Angeli na via Venete e perseguiu-a. Ela e uma amiguinha se enfurnaram em uma galeria de arte onde De Chirico, o pintor italiano, expunha seus quadros. De Sica seguiu-as e, abordando Pier Angeli, exigiu, com gestos dramáticos, que ela fizesse um teste de cinema para êle. Pier Angeli, que o tinha reconhecido de fotografias de revistas, ruborizou-se e disse que seu pai não permitiria (ela já havia assinado contrato com Moguy e De Sica não sabia disso). Mais tarde aconteceu que Moguy e De Sica tornaram-se sócios para a realização de "Amanhã será tarde demais", onde De Sica interpreta o papel de professor e Moguy é o diretor da fita. De Sica encontrou então Pier Angeli no estúdio, ficou admirado e mesmo zangado. Hoje em dia, o primeiro encontro serve de motivo de hilariedade na camaradagem entre ambos...

●

Com dois filmes apenas, tendo sido um dêles realizado há quatro anos, Pier Angeli credenciou-se como a maior conquista do cinema nos últimos anos. Alguns críticos acham mesmo que ela preencherá o lugar deixado por Ingrid Bergman — hoje dedicada de corpo e alma a Rosselini. Porque Pier Angeli é uma estrêla "plástica", talentosa e bonita. Uma vez em cena, sob o "ôlho" da câmara, ela deixa de ser a menina estudante para ser uma atriz consumada, concentrada no seu papel com uma atenção quase hipnótica. E a doce menina que todos conheciam por Teresa, tem hoje seu nome projetado nas culminâncias da fama. Tendo começado sua carreira sob o nome de Anna Maria Pierangeli, assim que assinou contrato com a Metro, passou a chamar-se Pier Angeli. Simplesmente. Porque, acharam os entendidos em publicidade, que o público não se lembraria de guardar um nome tão comprido.

Depois de "Teresa", Pier Angeli fêz um filme com Stewart Granger: "O Milagre do Quadro". E o curioso é que o filme foi quase todo rodado fora dos estúdios da Metro: na Sicília, Tunísia e África do Norte. Pier ambicionava muito inter-

→

Com 19 anos de idade Pier Angeli pode ser considerada hoje como uma das mais lindas e talentosas estrêlas de cinema





Visitando Roma, a jovem atriz aponta os lugares mais pitorescos e artísticos da cidade ao jovem Stewart Granger



Em Taormina, Sicília, chega o grupo encarregado da filmagem, entre os quais o diretor Richard Brooks e o produtor S. Berman

ela se chamava...

Antes de ingressar no cinema, Pier Angeli estudava pintura. Em Roma, nos intervalos de filmagem, ela pratica um pouco.



Conhecer novas cidades é um prazer para Pier. Ainda que estas cidades sejam na própria Itália, país onde nasceu



Angeli e Granger recebem instruções do cameraman sôbre os ângulos em que serão apanhados na próxima cena



Nas docas de Palermo, Pier Angeli descança e apanha um pouco de sol, êsse sol tão diferente e tão mais gostoso do que os refletores indispensáveis à filmagem



«O Milagre do Quadro» foi filmado nos próprios locais, o que motivou grande curiosidade por parte do povo, nas ruas



Durante as horas de folga, Pier Angeli tem, como passatempo, fazer tricô. E sua habilidade nesse «ponto» é comprovada pelo fotógrafo



Por mais belo que seja o panorama, a beleza de Pier Angeli ofusca totalmente a paisagem. No fundo, a costa da Sicília

ela se cha

Em «O Milagre do Quadro» (The Light Touch), Pier Angeli vive uma jovem que se apaixona por um chantagista, falsificador de quadros de arte. O elenco conta também com a colaboração de George Sanders

Com 19 anos de idade, Pier Angeli sabe viver, como poucas atrizes, uma história de amor. Isso ficou constatado em seus dois filmes anteriores, embora os argumentos fôssem diferentes. Nessa fita ela revelará, com mais maturidade, o seu talento

pretar um filme nos estúdios de Culver City, mas ficou encantada com a opor-
tunidade de viajar. A estas horas, ela já deve estar na Alemanha filmando, ao
lado de Gene Kelly, "Homem, Mulher e Diabo". E vai terminar a parte que tem
em "A História de Três Amôres", com James Mason. A propósito, declarou a
jovem atriz recentemente:

— Gosto tanto da Califórnia e os filmes estão me dificultando tanto o prazer
de passar aqui algum tempo de verdade. Quando deixei Roma, pensei que fi-
caria em Hollywood meses a fio mas qual! Viajamos logo para a Sicília, depois
para a Tunísia e, mal voltamos, recebi ordens de refazer as malas para seguir
para Berlim. Enfim, seja tudo por amor à Arte.

Pier conta, ainda, um episódio muito interessante a propósito de Stewart
Granger: Há muito êle era um dos meus favoritos e quando estêve na Itália, de
passagem para a África, para fazer "As Minas do Rei Salomão", fui ao aeroporto
para vê-lo. Consegui vê-lo, mas não sem dificuldade, e o que sei é que não con-
segui nem apertar-lhe a mão. Era uma confusão tremenda. E não é que, dois
anos depois, eu lhe era apresentada... e meia-hora mais tarde estávamos en-
frentando juntos a câmara para a tomada de um "close-up"?"

De fato, amigos, o mundo é muito pequeno. E de dia para dia, êle se tornará
menor para Pier Angeli, diante da grandeza vertiginosa que está atingindo essa
linda menina de 19 anos, que é hoje a verdadeira namorada do mundo.



CINEMA

UM LUGAR AO SOL



UM LUGAR AO SOL
Seis prêmios merecidos

ESTAMOS diante de um dêsses filmes que engrandecem não só o cinema americano, tão despeitadamente combatido, como o próprio cinema mundial. Adaptado da famosa novela "Tragédia Americana", de Theodore Dreisser, também levada ao palco com muito sucesso, não resta dúvida que recebeu uma adaptação eficiente. A habilidade em reduzir os dois grossos volumes para uma hora e quarenta minutos de projeção, sem prejuízo do texto, é uma das grandes qualidades do filme. O ritmo, propositadamente lento, nos arrasta para dentro da história, para vivermos, juntamente com os personagens, as suas desventuras. O propósito do filme é quase que exclusivamente social. O argumento, joga em cena a figura de um rapaz jovem, que não teve a felicidade de receber uma educação normal e que se vê, de um momento para outro, obrigado a enfrentar o mundo e os seus sórdidos preconceitos. Trazendo a ambição na alma e no peito a vontade de vencer, êle se joga na luta contra o destino. Procura um tio rico, dono de uma fábrica de maiôs, que lhe oferecerá emprêgo como operário. O contato entre os dois frisa, claramente, a diferença de classes, acentuada de forma gritante na entrada do rapaz naquela grande mansão. As perguntas que lhe fazem, a indiferença com que o encaram, são verdadeiras punhaladas, que êle enfrenta, a seu modo, tendo em mira o objetivo de subir, de galgar as alturas que a infelicidade não lhe pôde proporcionar. Dêsse desajustamento da infância, dessa falsa concepção da existência criada pela diferença de classes sociais, surgem outros problemas, marginais, como o problema sexual do rapaz e o amor que virá a ter, mais tarde, por uma jovem milionária. Entre a aventura, de consequências funestas, e o amor verdadeiro, espreme-se todo o seu drama, e constrói-se o alicerce da tragédia, dessa tragédia que não é apenas a "tragédia americana", mas a de todos os povos que se julgam civilizados. Não se leva em conta aqui as aptidões do indivíduo ou a sua capacidade de realização, a sua inteligência e a sua conduta diante da sociedade; antes, encara-se, exclusivamente, a diferença de classe — diferença essa que virá criar as barreiras e armar as situações confusas que se alojam em sua alma sedenta de ambição.

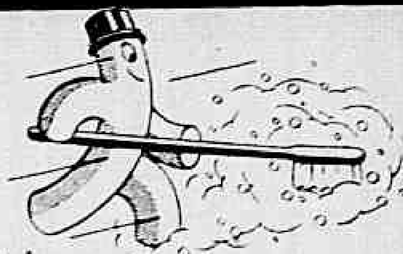
Com êsse material difícil na mão, George Stevens, o diretor, conseguiu realizar uma obra de valor, merecendo o "Oscar" que lhe foi conferido pela Academia de Hollywood. Graças à sua direção, o filme traduz o espírito e o objetivo da obra original. As imagens são fôrças vivas, deslocando-se em nossa frente como sêres reais. A lentidão proposital inflexionada por Stevens no desenrolar da história, fixa cada vez mais a gravidade do problema que o filme aborda de forma engenhosa e realista. E com tudo isso George Stevens ainda faz prodígios de arte. As imagens não procuram ser belas por virtuosismo; são belas porque Stevens é um artista. Êle não fotografa apenas os exteriores, mas os interiores dos personagens. Êle procura nos aproximar, tanto quanto possível, dos seus problemas e, para isso, sua câmara, hàbilmente manejada pelo diretor de fotografia (prêmio pela melhor fotografia), nos coloca no ângulo que desejaríamos estar para observar os acontecimentos que precipitam seus protagonistas para a tragédia. De bom cinema, o filme está repleto, como na cena em que o rapaz possui a jovem operária, ao som do rádio ligado na janela; o encontro do rapaz com a jovem milionária e o seu primeiro beijo; o momento do crime, no lago deserto; a fuga pela floresta e, inclusive, as cenas de tribunal. A música de Franz Waxman é excelente. As interpretações, muito boas: Montgomery Clift, Elizabeth Taylor e Shelley Winters. Espetáculo que pode ser assistido por todos, fãs ou não do bom cinema; agradará a qualquer público — porque tem, além do mais, uma bonita história de amor.

— L. E.

KOLYNOS satisfaz as exigências de todos!

Quero um creme dental que renda muito mais.



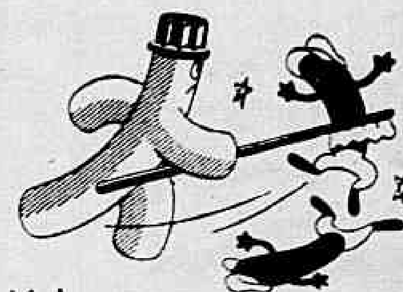


Kolynos rende muito mais!

Kolynos é o creme dental favorito da família, porque rende muito mais. Basta apenas um centímetro na escôva sêca para se obter espuma abundante, eficaz e refrescante.

Quero um creme dental que combata as cáries.



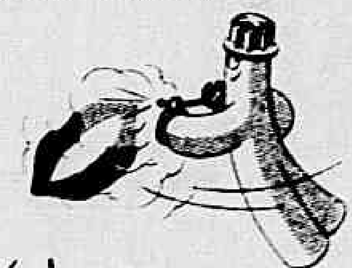


Kolynos combate as cáries!

Experiências científicas demonstram que Kolynos destrói cêrca de 92% das bactérias que formam os ácidos causadores das dolorosas cáries.

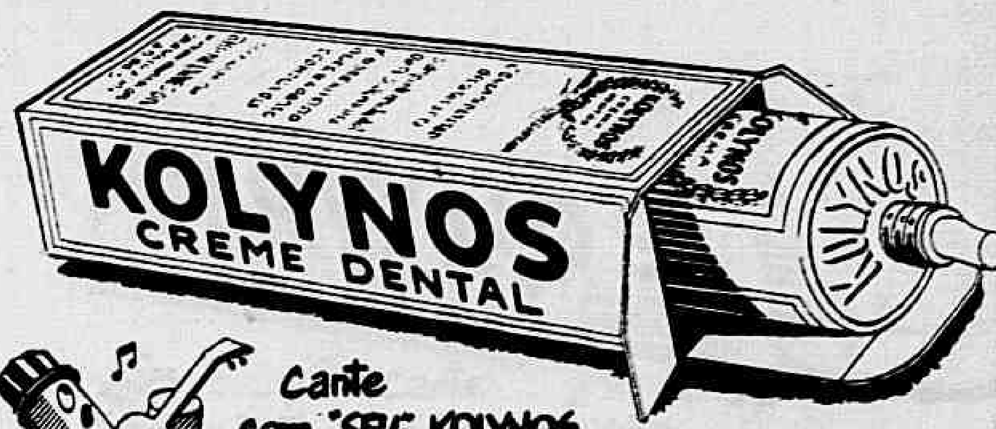
Quero um creme dental que perfume o hálito.





Kolynos perfuma o hálito!

A espuma refrescante de Kolynos perfuma o hálito e deixa na bôca uma duradoura e incomparável sensação de saúde e bem-estar.



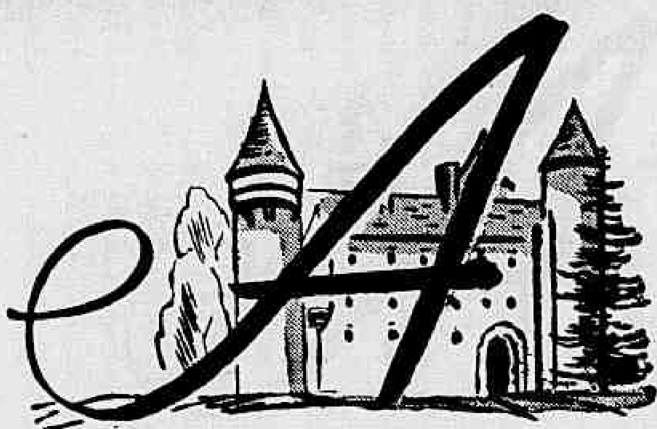


Cante com "SEU" KOLYNOS

2 vêzes ao ano visite o dentista

3 vêzes ao dia seja Kolynos-ista

K 628-R



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

— Sim. Quando êle chegou a minha casa, êle recebia as suas cartas. Lia-me algumas passagens, e eu percebia que êle se enchia de inspiração. Depois êle deixou de mas ler, e elas pareciam trazer-lhe a convicção de um incômodo. Não posso dizer-lhe como isso o tornou infeliz, até que o seu trabalho lhe tenha amenizado a decepção da vida. Permite-me você que lhe pergunte por que motivo houve essa mudança?

— Prima Patty, você conheceu sua espôsa?

— Sim. E' por causa dela?

— Sim. Depois que Roger partir, eu vi o retrato dela, pintado por Colin. Oh! Prima Patty! Aquela mulher se parece com uma pequena santa!

— Entretanto, contou-lhe Roger tôda a história?

— Sim.

— E você não acreditou nêle?

— Sim, mas nem mesmo sei em que deva acreditar.

— Vejo bem.

O tom de voz de Patty era como o de um êco distante.

Mary se achega ainda mais para a poltrona em que estava sentada a visitante e eleva para ela os seus belos olhos claros.

— Minha querida prima Patty, implora ela, se você soubesse apenas, como eu desejaria, de coração, crêr em Roger Poole!

— Mas, querida, diz ela com decisão, eu vou dizer-lhe tudo.

E então um coração de mulher falou a um outro coração de mulher.

— Eu fui visitá-los no primeiro aniversário de seu casamento. Eu muito desejara gostar de sua mulher, e ela me pareceu uma criatura adorável. Mas não se passara uma semana que eu estava com êles, quando eu comecei a estranhar umas tantas coisas. Ela era feita de uma outra argila, que não a de Roger. Na intimidade do lar descobri que não era uma dama no sentido que essa palavra tinha nos velhos tempos do passado. Ela pronunciava coisas que nem eu nem você seriamos capazes de dizer, fazia certas coisas... Eu senti à catástrofe no ar, muito antes de ela desabar. Mas não podia advertir Roger. Preferi deixar que êle descobrisse por si mesmo, tôda a verdade. Já eu não estava mais lá, quando a tempestade estalou. Mas posso dizer-lhe uma coisa: é que Roger talvez tenha passado aos olhos do mundo como um Don Quichote ridículo; mas se êle se deixou vencer, foi porque foi um idealista a um sonhador, e jamais um covarde que se entregasse à derrota.

Os olhos de Patty fuzilavam chispas.

— Oh! Se você pudesse ouvir o que essa gente dizia dêle, Mary!

Mary bem que podia imaginar o que tagarelavam sôbre êle.

— Oh! Prima Patty, prima Patty! — Exclama ela. Crê que êle ainda me perdoará? Eu me deixei impressionar pelo que essa gente dizia, e me deixei envolver!

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. O casamento de sua irmã Constance, deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças» êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdah as atenções. Mary ficou encantada, mas não dava demonstração de estar apaixonada por êle. Roger sentia aumentar suas paixão para com Mary, mas a diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinho em seu apartamento, lendo, quando Mary pediu licença e entrou. Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios, e fôra ouvir a sua opinião. Mas o inquilino achava que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia, e Barry, aproveitando estar a sós com Leila, declara seu amor. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura ouvir a opinião de Roger sôbre o assunto. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger, o qual vai «descobrir» o fugitivo ao lado de Leila e do general Dick, seu pai, numa praia de banhos e lhe dá muitos conselhos úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive a irmã de Mary com seu espôso, Gordon, que reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas depois abandonara as ordens. Roger acha que terá de confessar a Mary êsse episódio de sua vida, o que faz através de uma longa carta. Depois de ler a carta de Roger, Mary foi à igreja, onde meditou durante largo tempo, resolvendo convidar Roger para tomar chá em sua companhia, mas êles dois, a sós. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. O problema de Barry é discutido e Gordon parece não aprovar os amores do rapaz com Leila, bem como não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. Roger, que se ausentara, escreve uma carta a Mary. Em casa de Mary a situação se inclina para separar Barry de Leila. Gordon propõe levá-lo para Londres, onde lhe daria emprêgo. Apesar de ter concordado com a sua viagem para a Europa Barry ilude a vigilância e casa-se, secretamente, com Leila, mantendo o caso em segrêdo. Quando êle voltasse, então, tudo seria revelado e se uniriam. Leila estava repassada de paixão e cai, chorando nos braços de seu pai, que não pode adivinhar o que está acontecendo. Mary resolveu falar a oPrter sôbre a carta que recebera de Roger, e Porter ficou consternado diante da fugidia esperança que alimentava de casar-se com ela. Tia Frances e Porter foram os que mais se mostraram indignados com os propósitos da moça de trabalhar como estenógrafa no Ministério das Finanças, e Gordon não ocultava sua contrariedade. Delilah levou Porter para tomar chá com ela e alí contou como iniciara relaçõesde amizade com o seu hoje amigo íntimo Colin Quale, exímio desenhista de modas femininas. Durante o conhecimento que Porter fêz com Colin Quale, soube que o artista conhecera a Roger Poole e à espôsa do mesmo, mostrando-se muito interessado pela novidade. Nesse ínterim, Mary escreve longa carta a Poole, contando os episódios mais emocionantes. A carta de Mary, Roger respondeu com uma outra na qual falava de seus trabalhos e dava informes acêrca de sua prima Patty, de quem Mary pedira notícias. Porter estava ansiando por encontrar um momento que lhe proporcionasse mostrar a Mary o retrato da mulher de Poole, pintado por Colin Quale. Então mandou que Leila a convidasse para darem um passeio de auto pela cidade. Porter deu várias voltas, até que consultou a tôdas se desejavam fazer uma visitinha a Delilah. Tudo ajustado, êle a levou até lá. Mas sua intenção era a de mostrar o tal retrato a Mary. Mas Porter não teve coragem de revelar aquêle segrêdo. A conversa pendeu para férias, enquanto todo mundo tomava refrescos e comia bolinhos. Porter, não podendo suportar mais, confessa a Mary que a levara ao atelier de Colin apenas para mostrar o retrato da mulher de Roger. Mary Porém, não se perturba. Mas diante do que lhe dissera Porter, seu espírito começa a vacilar. Chegou mesmo a pensar que a carreira de funcionária pública não lhe servia. Em fevereiro Roger escreveu uma carta a Mary sabendo se era possível hospedar sua prima Patty na vivenda dos Ballards, tendo Mary aprovado o programa. Patty vinha a Washington a fim de assistir à posse do Presidente, no qual votara. Porter foi, com Mary, à estação e a receberam. Nos dias seguintes Patty muito passeou e visitou as famílias das relações de Mary.

Capítulo XXII

Março, que leva ao Norte a brisa agreste e os dias cinzentos, leva ao país das colinas de areia a mais radiosa das estações. O verdor se espalha por todos os cantos à luz do sol, os pinheiros florescem, as fôlhas pálidas desenham o rendilhado delicado. Cerejeiras em flôr se alternam com outras florações. Há mudanças de ametistas e de esmeralda, de rosa, e de asafrão. O cardial acente uma flama vermelha nas magnólias e pássaros cantam à luz da lua.

E' através dêsse universo ressuscitado que Roger, numa manhã de domingo, se dirige para a igreja a fim de pregar. Na sua humildade êle não chamava a isso uma pregação. Dirigia-se apenas àquelas colinas arenosas para falar simplesmente àqueles que desejavam ouví-lo. Começando pelo rapazinho, descobrira que essas almas sequiosas estavam na iminência de beber na fonte plena. Com a respiração suspensa, os rapazes ouviam a história da cavalaria; os homens prestavam atenção cuidadosa às histórias que êle contava de outros homens; às mulheres êle conseguia interessar dizendo-lhes o que seus filhos poderiam chegar a ser, alegrando todos os corações.

Gradualmente êle ia ultrapassando as histórias de cavalaria e das obras humanas. Gradualmente êle ia elevando aquêles pensamentos, cada vez mais para o alto. Outros homens vieram juntar-se àqueles e também lhes falar, mas as suas orações, mas o que diziam não tinha o sentido vivo das lições tiradas da própria vida. Outros oradores haviam gritado: "Arrependei-vos! "Mas nenhum dêles havia dado o verdadeiro sentidò sôbre o dever de arrepender-se, e o modo por que se deveria agir no futuro.

Mas Roger se havia colocado no meio dêles com aquêle ar grave, sua maravilhosa voz persuasiva, e lhes havia ensinado o verdadeiro sentido da palavra "salvação". Fazendo, inicialmente, germinar em seus corações a esperança, êle os conduzia ao verdadeiro ideal de Cristo.

E todos aquêles que o ouviam começaram a compreender que tanto era do domínio prático como do espiritual, o manter em órdem suas casas, trabalhar e semear, e fazer produzir o solo. Percebiam para o futuro uma comunidade disciplinada e fiél às leis. Viam seus filhos libertos da servilidade e da ignorância pela liberdade que dá o saber. E viam ainda mais que isto. Viam a grande luz, a grande visão, de início fraca, mas depois, cada vez mais luminosa.

Era esta a missão maravilhosa que Roger se havia traçado com uma energia ofuscante. Ela havia alugado um veículo humilde e um cavalo. Passava às vêzes as noites em caminho, nas casas de seus amigos; mas, de outras vêzes, — e era isso de que mais gostava — êle dormia sob os pinheiros, com a velha bíblia de John Ballard sob o braço, e seu livro de cânticos no bolso, ia êle, cada semana mais longe ainda, e achava sempre uma multidão que o ouvia. Através das distâncias dessa região estéril e deserta, vinha o povo ouvir o pastor, servindo-se tôda sorte de condução, até às portas da esperança que êsse homem admirável lhes havia aberto.

Quando Roger era o pastor, pastor entre gente culta e civilazada, costumava falar de sua tribuna com frases polidas, de bom efeito literário; mas, presentemente, êle procurava simplificar o seu estilo, empregando palavras fáceis que o ajudassem a ser compreendido pela gente humilde e inculta. Mary já lhe dissera antes: "Todo homem que fala aos seus fiéis deve ter recebido uma mensagem para transmitir".

— Mary!

Como se distanciara dêle! Quando seu pensamento a retratava êle sentia o coração apertado! Tinha a impressão de um naufragio. Ela se afastara dêle 'deixando-o esmagado. Em nenhuma de suas cartas êle poderia, porém, protestar e dizer-lhe: "Eu não deixarei que você se afaste de mim!"

Nada mais lhe poderia oferecer que sua vida entre aquêles pinheiros, vida que não significaria grande coisa para uma mulher como Mary. Mas ela significaria muito para êle. Pouco a pouco foi êle reconhecendo que sòmente o amor não lhe poderia dar o que lhe proporcionava o trabalho. E Roger experimentava um sentimento de libertação igual ao do homem que quebra os ferros que o escravizavam. Começava a perceber o que lhe quisera dizer Mary: "Tenho a impressão de voar através do mundo com asas possantes". Também êle tinha a impressão de estar voando, com asas que o levavam cada vez mais alto, muito acima dos cumes sôbre os quais êle voara antigamente.

E nessa noite êle dormiu entre os pinheiros da floresta. Fêz um leito de folhagens e sôbre êsse colchão estendeu um cobertor. O ar estava morno e embalsamado de cheiro de resina. De sua posição via os grandes pinheiros erguer-se como colunas

de imensa catedral. Roger recordou certo texto: "Vem, vem do sul, vem soprar em meu jardim". Era àquela gente simples que êle teria de falar na manhã seguinte, e êles poderiam compreender bem:" os ventos do sul, as "estrêlas", os pequenos animais animais selvagens a comer as resinas".

Quando se levantou, cantavam um pássaro. Roger havia adormecido preocupado pelo sermão que teria depronunciar e se sentia transportado por sua inspiração. Acordou com um sentimento de solidão, imensa necessidade de apoio humano e de compreensão, uma ansiedade de olhar nos olhos claros de Mary, e beber naquele manancial de fé a fôrça e o poder que sentia outrora.

A bíblia de John Ballard estava colocada sôbre o cobertor, perto dêle. Roger a apanhou e suas fôlhas se abriram justamente na página em que uma rosa havia sido colocada há muito e ali emurchecido. A rosa estava já morta, e havia sido retirada com todo o cuidado a fim de que não se 'despedaçasse, mas sua imagem, os seus contornos ficaram impressos, como a própria imagem de amizade franca e leal de Mary havia ficado grama na sua memória. Passou longo tempo antes de fechar o livro. Depois suspirou e tratou de voltar à realidade.

Era inevitável a separação. O destino deveria reservar a Mary um futuro brilhante. Quanto a êle, deveria continuar seu fado, completamente só.

Mas, mesmo nesses momentos de renúncia, êle achava que seria maravilhoso se pudesse prosseguir sôzinho em sua vida de pregação. Um ano antes êle tivera necessidade de receber os estímulos de Mary para robustecer sua enérgia, e sentia que ressurgiu do torpor diante da confiança que lhe depositava nele. Agora o seu coração ansiava por ela, e bradava em seu desespero por tê-la perdido, e tinha que marchar sôzinho. Respirou profundamente e olhou para o alto dos ramos viridentes das árvores imensas, através de cujas clareiras entrevia pedaços de céu que seus olhos fixavam longamente.

Às dez horas chegava êle ao centro das plantações de pinheiros novos, onde o esperavam os membros de sua congregação, sentados sôbre bancos toscos arranjados ali mesmo.

Olhares ardentes se dirigiram para Roger para recebê-lo com demonstrações de espíritos sequisos de luz. As crianças começaram a cantar velhos hinos simples, que Roger lhes ensinara enquanto o pastor murmurava uma prece. Em seguida, falou-lhes. Suas palavras estavam cheias dos encantos poéticos de seu tema,, e todos os presentes se mostravam prêsos à eloqüência do orador. Quando percebia a emoção estampada no rosto de um homem, ou a lágrima a tremeluzir nos olhos de uma mulher, Roger sabia que o seu trabalho alcançava o objetivo.

Numa terça-feira êle regressou a casa, que parecia estar abandonada com a ausência da prima Patty. A boa parenta de Roger ainda estava em Washington, de onde lhe havia escrito algumas linhas apressadas, prometendo cartas mais extensas, logo que as comemorações houvessem terminado.

Ao chegar à grade do jardim, aí encontrou correspondência de Washington. Era uma carta de Mary. Roger rompeu, interessado, o envelope, e foi lendo a andar vagarosamente para a porta de entrada. Embora se tratasse de um simples bilhete, bilhetinho de poucas palavras, fêz que o seu coração batesse apressado. Dizia assim:

"Caro Roger Poole.

Quero que voltemos a ser amigos. Amigos como éramos nas "Chambres de la Tour". Sei que não o mereço, mas lhe peço que voltemos a ser amigos.

Mary Ballard"

Depois que leu estas linhas, pareceu-lhe que todo o universo cantava. Não apenas os pássaros nos galhos das magnólias, mas todo o universo cantava, em côro. Pareceu-lhe incrível que Mary lhe escrevesse de tal forma. Roger vivia tão habituado aos choques e às decepções, que não parecia real que uma coisa assim lhe sucedesse. Mas a felicidade estava ali naquelas palavras. Mary lhe escrevera pedindo que voltassem a ser os velhos amigos de outrora!

Entretanto os seus pensamentos não voaram além da amizade. Mas, ao sentar-se no vestíbulo para meditar, começou a pensar em que Mary viesse a ser para êle mais do que uma simples amizade. E porque não? Porque não tornar realidade êsse sonhos? Mary não era como o vulgar das mulheres. Ela enxergava muito bem para além das pequeninas coisas. Não seria possível a um homem oferecer-lhe mais do que o ouro, mais do que os haveres materiais podem proporcionar? Não poderia um homem oferecer-lhe uma vida que não fosse mais do que uma vida de amor? Não poderiam ambos partilhar dessa vida encantadora a floris nos jardins daquela região de colinas arenosas?

E enquanto pássaros cantavam alegremente, Roger imagina Mary sentada ao seu lado, em meio de tôda aquela luxuriante natureza, entre flôres e arbustos de penachos perfumados, com pássaros canoros de plumagem belas, a pular das magnólias aos pinheiros, dos pinheiros às magnólias, com um céu sem nuvens, num ambiente de ar puro, embalsamado!

Êle a via a viajar com êle, confortàvelmente, numa carroça em demanda das colinas de pinheiros a areia, sentada em coxins macios e protegida com uma capota feita a capricho. Êle a imaginava no silêncio dos bosques profundos, chegando à região dos pinheirais novos onde êle pregava, indo também ao encontro dessa gente simples, a completar a sua obra com a sua doçura espiritual encantadora. Êle a imaginada ainda, — oh! sonho de todos os sonhos! — êle a imaginava em uma pe-

(*Continua na pág. 42*)

Tradução de RENATO DE ALENCAR
Ilustração de JERONYMO RIBEIRO



AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

O IMPÉRIO CELESTIAL





67 Dentro de pouco tempo a veloz lancha chegou à foz do rio. Guiava-a o repórter libertado. O mar estava como um lago. Para onde se dirigia Roy? Logo que passaram por um barco-farol, o jornalista entrega o timão a Willy e pede que siga na direção suleste. Com efeito, depois de algumas horas surge-lhes à vista uma pequenina ilha na linha do horizonte. "E' ali", diz Roy assestando o binóculo, enquanto Rob estava atento. Aproximando-se da ilha, não vislumbraram o menor sinal de gente. Mas vêem algumas habitações rústicas. Tony disparou uma saraivada da metralhadora. Ninguém, porém, reagiu.





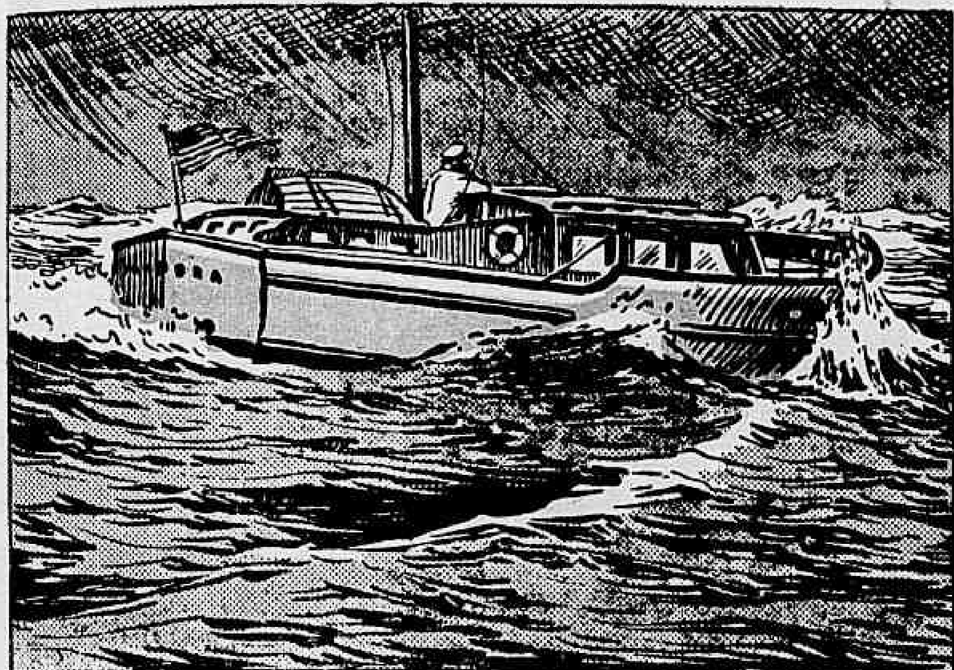
68 Rob, Tony e Roy saltaram a terra. Com a maior cautela, empunharam as armas para evitar surprêsas já bem conhecidas. Tony empurra a porta de uma das cabanas, enquanto os outros protegem a retaguarda. Mas o barracão estava completamente vazio. E assim os outros. "Não se teria enganado, Roy" — pergunta Rob. "Não é possível! Estou..." De súbito solta um grito. Achara, enterrado no solo, um pente de "mauser". "As munições e os armamentos estiveram ocultos aqui", diz êle. "Mas Wang Hang foi mais rápido e chegou primeiro que nós, levando tudo", esclarece Tony. Parecia ser verdade.



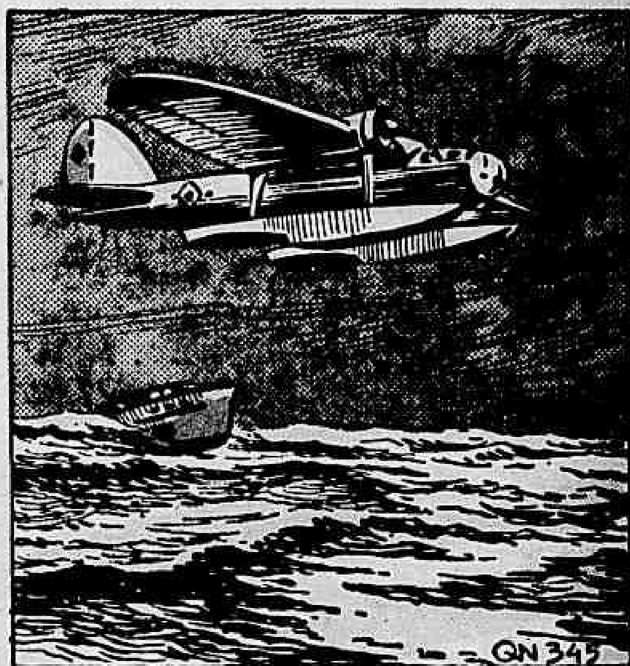


69 Os três regressam para bordo de "Pandora", mas não se mostram muito contrariados com o insucesso. Quando chegam à lancha, Willy informa que acaba de captar um radiograma anunciando que o sobrinho de Lu Ling, de nome Chung-Chi, a quem conhecem, está na China e dispõe de um avião. Tony está no timão e dirige o barco a tôda velocidade para um local muito calmo, onde um chinês está a pescar com o auxílio de patos marinhos. As aves pegam os peixes mas não podem engulir porque têm uma argola ao pescoço. O chinês é amigo de Tony, e informa onde devem estar os barcos de Wang.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — O Cap. Rob, depois que é salvo por Marga e Willy, sabendo que um repórter americano havia caído nas garras de piratas chineses contrabandistas de ópio e de armas, combina com as duas moças e segue para os mares orientais a fim de salvar o jornalista. Depois de várias peripécias, e já com o auxílio de um marujo holandês, Tony, êle faz uma excursão por terra, com a ajuda de auxiliares chineses que lhe são fiéis. Tony os guia até ao feudo de um Mandarim. Ali, casualmente, descobrem o local da prisão do repórter Roy, e tratam de salvá-lo. O Mandarim descobre o plano e procura matá-los afogados. Mas a jovem Marga descobre um caminho secreto e os salva, tendo um chinês o alvejado a tempo de evitar que fracassasse a tentativa de salvar os companheiros. Libertado Roy, a caravana foge e chega a tempo de salvar Willy, que estava sendo atacada por bandidos, a mando de Wang Hang, que deseja apoderar-se da lancha "Pandora". Após vencerem a batalha foram em busca do esconderijo de armas.







70 Quando Tony aproa "Pandora" para a direção indicada pelo pescador, o tempo começa a mudar, prometendo tempestade e mar grosso. O temporal se aproxima e nuvens negras começam a despejar chuva grossa com muito vento. Mas Tony não se impressiona. Êle conhecia aquêles mares como a palma de suas mãos. À tardinha Willy recebe outra mensagem de Chung Li. Diz que está seguindo as instruções do "Pandora" e vai dar caça aos juncos de Wang Hang. "Agora — diz Marga — aquêles piratas não escaparão. Pegá-los-emos pelo mar e pelo ar". Súbito vêem um avião. Será o de Chung Li?





71 A frota do pirata seguia seu destino, composta de três juncos. Haviam enfrentado muito bem o temporal. Wang Hang conduz nos barcos todo um carregamento de armas e munições; mas o velho pirata estava sentindo falta de um bom timoneiro como seu ex-aliado Tony. Ao cair da tarde voa sôbre o seu barco um avião, de cujo bordo cai um volume pequenino sôbre o junco de Wang. Êste manda ver o que é. Trata-se de uma mensagem assinada por Chung Chi ordenando que tomassem o primeiro pôrto, do contrário seriam atacados. Wang espera que venha a noite, esperando escapar com sua carga.







72 O pirata ordena que não se acenda luz nenhuma a bordo de seus barcos. O tempo os auxiliaria. A escuridão é completa e nenhum avião os poderia descobrir. Um tripulante percebe luz à retaguarda. Aquilo não pode ser aquela canalha do "Pandora", resmunga o pirata. Êle está alarmado e manda abrir fogo contra o barco que vem na sua direção sem procurar saber quem é. Uma saraivada de balas passa zunindo por sôbre "Pandora", e alguns projéteis atingem os vidros do beliche. Tony é atingido num ombro, mas não deixa o leme. A tempestade açoita os juncos e os espalha, ameaçando-os de naufrágio.

UM CASAMENTO AMERICANO

Conto de RITA ENG

Ilustração de OSWALDO DA CUNHA



"COSTUMO pôr à prova os meus problemas redigindo mentalmente uma carta imaginária dirigida a uma dessas seções denominadas "Consultório Sentimental" ou coisa parecida, de certas revistas," disse Adelaide Spencer fechando com um estalo a cigarreira de metal e batendo o cigarro na mesa do restaurante. "Imagine, Marilisa, como seria a sua carta? Simplesmente idiota. Ora, o conselheiro, fôsse lá quem fôsse, concluiria por declarar que você seria uma boba se largasse Peter!"

Fiquei horrorizada. "Mas quem foi que disse que quero larga Peter? E' claro que não quero! Adelaide, você não prestou devidamente atenção ao que eu disse".

Adelaide é ao mesmo tempo a personalidade mais estimulante e irritante que eu conheço. Tem um emprêgo maravilhoso numa emprêsa de construção de casas "ideais" e mora perto da universidade num pequeno apartamento encantador, cheio de cerâmicas e Picassos, livros, discos e tecidos de estamparia diferente. Parece uma Katherine Hepburn que tivesse cabelos prêtos lisos e não conhece nenhum homem que seja cacete. São todos artistas, escritores, psiquiatras e editôres.

Como ia dizendo, é irritante. Quando se fala com ela não espera que se termine, a conversa fica parecendo um jôgo de quatro cantos. Mas depois de cêrca de umas dez mil palavras trocadas descobre-se que ela estava respondendo mesmo ao assunto e que encontrou uma solução infernal para o caso, como largar tudo e ir passear na Flórida ou pintar os cabelos.

"Estou ouvindo direitinho", respondeu Adelaide. "Você está pensando em abandonar Peter ou fazer algo de muito ridículo, só porque está na maré má".

"Não é nada disso", protestei, deixando de me dirigir a ela para passar a encomendar ao garçon o almôço n.° 1 do cardápio. E prosseguindo nas dez mil palavras: "Ouça. Que tal lhe pareceria iniciar todos os dias recolhendo a roupa suja que seu marido deixasse tôdas as noites no mesmo lugar errado, sempre no mesmo?"

Suponho que um dos psiquiatras da amizade de Adelaide pudesse encontrar pelo menos uma dúzia de motivos pelos quais o meu casamento perdeu o encanto, mas eu só encontro quatro.

Em primeiro lugar, o tempo. Estávamos novamente em março — um março áspero e tempestuoso. E' a maior ironia do ano que nesse mês comece a primavera, pelo menos em Chicago. Se algum dia eu tiver pneumonia, entrar para um hospício ou para um abrigo de gente desamparada, estou certa de que será por alguma feia tarde de março.

Depois, há as crianças. Temos duas — Tucker, com cinco anos, e Jane, com três e meio. São duas crianças realmente lindas — fortes, de bochechas rosadas, olhos brilhantes, tagarelas, um casalzinho sem o qual a vida ficaria insuportàvelmente monótona e vazia. Mas às vêzes se tornam chorões, os dois, especialmente em março. E dão para brigar. Ou para fazer uma série interminável de perguntas, sôbre a gente que mora dentro dos rádios ou como se fazem lâmpadas. Em resumo, Tucker e Jane interferem com os meus pensamentos. E para mim, pensar foi sempre muito importante. Fico pensando em coisas como jardins, as razões das guerras ou como se sentiria se fôsse Rita Hayworth. E ter todos os pensamentos, durante todo o chuvoso mês de março, interrompidos por um pedido de uma bolacha ou para atuar como juiz na divisão de lápis de côres — francamente, isso constitui um segundo motivo.

O terceiro é o seguinte: Peter faz exatamente as mesmas coisas todos os dias. Sempre sei o que vai dizer, quantas xícaras de café vai tomar e quais as canções de seu limitado repertório que vai assobiar. Sei que êsse parece um motivo mesquinho, mas é tão importante, senão mais, que o quarto — que sou eu.

Sim, porque eu também faço as mesmas coisas todos os dias. Sei que cama tenho que fazer primeiro tôdas as manhãs e quais os vizinhos de apartamento que vou encontrar nos diferentes dias da semana na lavanderia comum do edifício de apartamentos. Como dizia com meus botões recentemente: "Para uma mulher casada só há oito anos, caí mesmo depressa na rotina."

Adelaide não aceitou nenhum dos meus três primeiros motivos. "E não quero ouvir uma só palavra contra Peter," inflamou-se. "Êle é um amor, positivamente um amor."

"Quem é um amor?"

Levantei o olhar surpreendida, e dei com um homem alto por trás de Adelaide.

"Ora, Ian, seu simpaticão. Puxe uma cadeira e sente-se. Estávamos falando de amores."

Ian puxou uma cadeira e sentou-se.

Então era aquêle o famoso patrão de Adelaide, Ian Richardson. Já ouvira minha amiga se referir a êle como um demônio, um encanto, um sujeito realmente dinâmico, um conquistador, um rapaz prodígio e o mais desprezível caráter de tôda a zona sul de Chicago. Era muito alto e esguio, o tipo de homem que podemos associar a camisas de lã e pinheiros. Não fiquei bem sabendo a côr de seus olhos, mas irradiavam. Fixavam, apreciavam, julgavam e irradiavam tudo a um só tempo.

"Adelaide, não mude de assunto. Insisto em saber se era eu o amor."

"Pois não era," declarou Adelaide. "Era o muito agradável marido de Marilisa, que ela não ama mais."

"Não seja tola, Adelaide." Aborrecia-me que ela desvendasse o meu problema e o passasse àquele homem como assunto de conversa. "Vamos falar noutra coisa."

"Não vamos é falar noutra coisa. Ian é um grande especialista em distúrbios conjugais."

Ian encarou-me e sorriu como quem dissesse: "Conhecemos muito bem a nossa Adelaide."

Adelaide prosseguiu: "Eu estava justamente entrando no diagnóstico do mal de Marilisa quando você chegou." Insistiu, diretamente para mim: "Querida, faço questão de que nos acompanhe esta noite à reunião da Associação das Donas de Casa da Zona Oeste. Poderá adquirir novas perspectivas."

Aquela seria uma das estapafúrdias soluções — ir para a Flórida, pintar os cabelos ou visitar a Associação das Donas de Casa da Zona Oeste. Mas Ian tomou um ar interessado: "Acho que teve uma idéia, Adelaide." E para mim: "A Associação das Donas de Casa da Zona Oeste é uma das organizações do nosso plano de pesquisas sociais. Estamos procurando saber qual possa ser efetivamente a casa ideal para a maioria das mulheres. A reunião desta noite será sobretudo para discussão de projetos de cozinhas, pátios recreativos e alguns detalhes. Talvez você achasse interessante."

Fiquei furiosa. Ora, cozinhas e pátios recreativos! Preparava-me para recusar, quando dei com o olhar de Ian. "Venha," dizia êle. "Procure saber como a outra metade vive." Até hoje não sei o que pretendia significar com "outra metade".

(Cont. na pág. 39)

O ministro do Trabalho, sr. Segadas Viana, troca cumprimentos, à "champagne", com o presidente do Jockey Club, sr. João Borge Filho



SOCIAIS DO JOCKEY CLUB

Homenagens às delegações à Conferência dos Estados da América

SEMPRE atento a todos os acontecimentos da vida política e social do País, não escapou à direção do Jockey Club Brasileiro o alto significado da Conferência dos Estados da América, que acaba de se realizar em Quitandinha, e que constituiu um evento internacional de indiscutível relêvo. Assim é que foi realizada uma corrida noturna, como especial homenagem às delegações brasileiras e estrangeiras, que compareceram ao Hipódromo da Gávea e foram fidalgamente recepcionadas pelos diretores e corpo social da prestigiosa entidade turfista.



No salão nobre do Hipódromo, a delegação do Uruguay à Conferência dos Estados da América



O sr. Rego Monteiro, alto funcionário do Ministério do Trabalho, entre distintas damas que compareceram à elegante reunião, dirige-se à Senhora Helena Borges, espôsa do sr. João Borges Filho

CERTAME FOTOGRÁFICO

A REVISTA DA SEMANA quer interessar os seus leitores fotógrafos em reportagens e, desta forma, se propõe selecionar, nas condições indicadas, alguns entre os melhores trabalhos que lhe forem enviados. A seleção será feita por uma comissão de cinco pessoas idôneas e os trabalhos aprovados serão publicados e remunerados como colaborações de qualidade excepcional.

Os pretendentes a tal gênero de colaboração só têm que observar escrupulosamente as condições do regulamento que damos a seguir, escolher seus assuntos e fazer funcionar suas máquinas. O resto ficará a cargo da comissão julgadora do mérito dos trabalhos apresentados.

1. Qualquer leitor do Brasil ou do estrangeiro, profissional ou amador, pode participar desta competição, desde que observe o Regulamento e remeta seus trabalhos dentro do prazo de noventa dias, a começar em 26 de abril de 1952. Nos trabalhos expedidos por via postal se tomará em consideração, para efeito do prazo, a data do carimbo da repartição postal expedidora.

2. A remuneração aos trabalhos classificados pela Comissão Julgadora será de duas naturezas: a) remunerações-prêmio para reportagens fotográficas e b) remunerações para fotografias isoladas.

3. Considera-se reportagem fotográfica a série ou seqüência de fotos, relacionadas com um mesmo assunto que, acompanhadas de legendas breves, contém por si sós uma história. Por exemplo: a história de um embarque no pôrto, com a seqüência das cenas de despedida no cais; do viajante na amurada do convés; dos lenços acenados pelos que ficam; do navio que se afasta; atitudes interessantes dos que vão e dos que ficam, etc.

4. Considera-se fotografia isolada tôda aquela que satisfizer as exigências de técnica fotográfica e apresentar interêsse jornalístico, realizando, sob êsses dois ângulos mencionados, uma unidade completa.

5. As remunerações para as melhores reportagens fotográficas são: 1ª classificada — Cr$ 10.000,00; 2ª classificada — Cr$ 5.000,00; 3ª classificada — Cr$ 3.000,00; 4ª classificada — Cr$ 2.000,00.

6. As remunerações para as melhores fotos isoladas serão: duas de mil cruzeiros cada, para as primeiras classificações; e quatro no valor de quinhentos cruzeiros, para as classificações seguintes.

7. As fotografias enviadas pelos pretendentes à colaboração estabelecida neste Regulamento não serão devolvidas e as classificadas, não premiadas, poderão em qualquer tempo ser publicadas, ficando o autor com direito à remuneração habitualmente paga pelos trabalhos de rotina.

8. Os nomes que compõem a Comissão Julgadora serão revelados juntamente com os resultados do Certame, em seguida ao julgamento.

9. O envio de trabalhos deve ser feito com observância das especificações seguintes: a) o pretendente remeterá conjuntamente negativos e cópias; b) as cópias devem ser esmaltadas e tiradas no tamanho 13x18; c) cada cópia deve ser acompanhada de legenda explicativa, com a extensão exigida pelo assunto que se explica.

10. O material deve ser metido em sobrecarta, com pseudônimo do candidato. Dentro da mesma sobrecarta deve ser incluído um envelope menor, fechado, sôbre o qual se escreverá o pseudônimo e dentro do qual se darão as indicações seguintes: nome, nacionalidade, idade e domicílio.

11. No julgamento serão considerados tanto os elementos técnicos (luz, foco, composição, etc.) como os jornalísticos: movimento, ação, singularidade, curiosidade, oportunidade, ineditismo do assunto, etc.

12. Qualquer omissão dêste Regulamento será suprida pela própria Comissão Julgadora, que fará constar o fato, e sua explicação, no laudo final do julgamento.

13. Os pretendentes devem enviar seus trabalhos para: "REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Certame Fotográfico". Convém escrever no envelope, com clareza, em lugar visível, o seguinte: **"Pede-se não dobrar"**.

NOITE E DIA — NOITE E DIA — NOITE E DIA

FESTIVAL DE DANÇA

Com o concurso do Instituto Municipal de Belas Artes e de outras instituições de arte e de ensino artístico da cidade, o Departamento de Difusão Cultural da Prefeitura deu início aoes Festivais do Instituto Municipal. A grande atração têm sido as jovens alunas da Escola de Baile do Teatro Municipal com as suas apresentações destinadas particularmente aos artistas plásticos para fixação de flagrantes de ritmose atitudes.

"COMÉDIE FRANÇAISE"

Na primeira quinzena do mês entrante chegará ao Brasil a "troupe" da Comédie Française òue fará uma "tournée" pela América do Sul. Após exibir-se em São Paulo, o famoso conjunto teatral francês realizará uma série de recitais no Teatro Municipal do Rio, estando a estréia marcada para o dia 18 de junho.

ALUNOS PREMIADOS

A convite da Divisão Cultural do Itamarati, encontra-se nesta capital uma delegação de alunos premiados nos Cursos de Idioma Português do Instituto Argentino-Brasileiro de Cultura de Buenos Aires. Êsses estudantes deverão visitar, também, outras cidades brasileiras.

EXPOSIÇÕES DOMINGUEIRAS

Foram inauguradas, na Quinta da Boa Vista, as exposições domingueiras da Colmeia de Pintores, pioneira dos cursos gratuitos de desenho e pintura ao ar livre. Além dessas, pretende a Colmeia realizar exposições permanentes no centro da cidade, bem como editar livros e estampas do Brasil e promover palestras pelos nossos principais escritores.

CURSO DE TEATRO

Acaba de ser remodelado o Curso de Teatro mantido pelo Serviço Nacional do Teatro do Ministério da Educação e Saúde. Com a criação de novas disciplinas, passaram a fazer parte do corpo docente do Curso, os professôres: Jarbas Auchéa, na cadeira de História do Teatro Brasileiro; Nóbrega da Cunha, na cadeira de Legislação Teatral; Gustavo Dória e Daniel Rocha, na de Literatura Dramática, e Lopes Gonçalves, na cadeira de Estética do Teatro.

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS



A Associação Brasileira de Arte Fotográfica está realizando uma exposição das fotografias artísticas com que a "Osterreichischen Lichtbildnerbund" concorrerá à Primeira Exposição Internacional de Arte Fotográfica. O referido certame será realizado nesta capital na segunda quinzena do mês de julho vindouro, sob os auspícios da referida associação.

CONCURSO DE MÚSICAS

Com a finalidade de restabelecer uma das tradições da cidade, o Departamento de Turismo e Certames da Prefeitura acaba de instituir um concurso de músicas juninas. Como estímulo aos nossos compositores populares foram estipulados os seguintes prêmioss Cr$ 20.000,00, para a música classificada em primeiro lugar; Cr$ 10.000,00, para o segundo e Cr$ 5.000,00, para a melodia classificada em terceiro lugar.

O XADREZ BRASILEIRO EM HELSINKI

A Confederação Brasileira de Xadrez oficiou ao presidente da Federação Finlandesa de Xadrez e ao mestre Karel Opocenski solicitando inscrição de sua equipe na Taça Hamilton Russell. Os enxadristas que representarão o Brasil nas Olimpíadas de Hensinki deverão ser os seis primeiros colocados no Campeonato Brasileiro dêste ano.

CONGRESSO DE PREFEITOS

A fim de participar do Congresso de Prefeitos norte-americanos, a realizar-se em Nova York, seguiu para os Estados Unidos, acompanhado de sua espôsa, o Sr. João Carlos Vital, prefeito do Distrito Federal. Além de sua missão no Congresso de Prefeitos, o edil carioca percorrerá as principais cidades industriais dos Estados Unidos com a finalidade de adquirir maquinaria destinada aos hospitais desta capital.

EMBAIXADOR ESPECIAL

Seguiu para Cuba, com as funções de embaixador especial do Brasil para os festejos comemorativos do cinqüentenário da independência daquele país, o Major-Brigadeiro Vasco Alves Sêco, chefe do Estado Maior da Aeronáutica.

Véus da morte

NOVAS EXPLOSÕES da BOMBA ATÔMICA

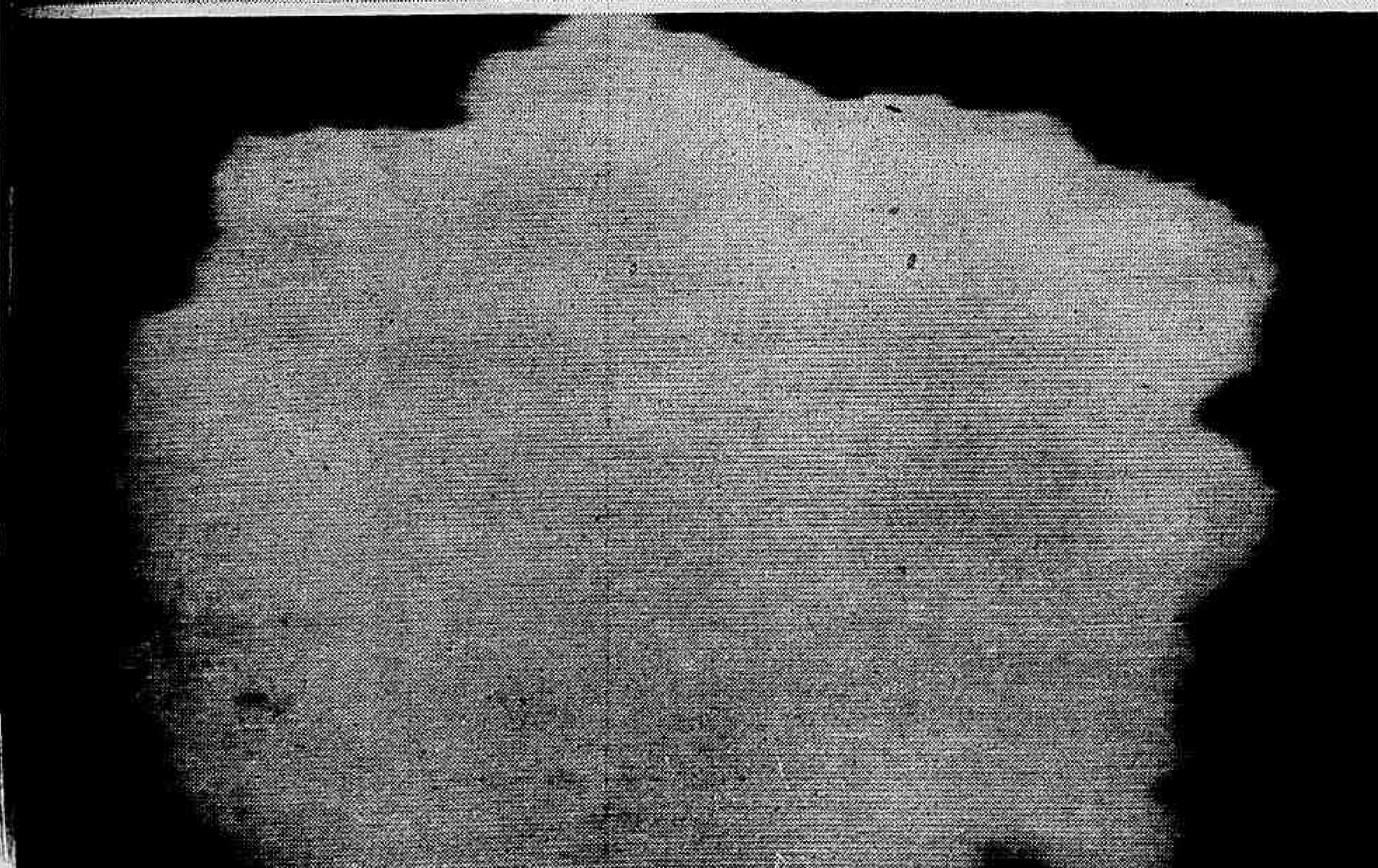


Homens da infantaria observam a gigantesca nuvem em forma de cogumelo, quase sôbre suas cabeças, depois da detonação verificada em Yucca Flat, no dia 22 de abril último. O emocionante espetáculo foi assistido por milhões de pessoas na televisão.

Novas explosões da bomba atomica







ALÉM dos que viram os efeitos da detonação de- serto de Yucca Flat (Estado de Nevada) através da televisão, houve os que tiveram o espetáculo direta- mente deibaixo (ou acima) dos olhos: militares, jornalis- tas e fotógrafos, membros da Defesa Civil. A explosão ocorreu a mil metros acima do solo e às terríveis ondas da monstruosa deflagração foram sentidas apenas 8 minutos depois em Las Vegas, a 120 quilômetros do local. "Campo Zero" chamou-se o terreno em que se fizeram as experiências e observações mais ... sô- bre as medonhas conseqüências da explosão atômica, campo logo depois "ocupado" pelas tropas de infantaria, quando diminuiram suficientemente os efeitos da radio- atividade. Êsses soldados tinham estado, até o momento de entrarem em "ação", protegidos no interior de covas que pareciam buracos de raposa, mas relativamente próximos do centro da explosão. A foto-reportagem des- tas páginas e das subseqüentes dão uma visão sufi- ciente do que se passou no deserto do Oeste americano e instruem sôbre as conseqüências de uma nova carni- ficina, a que o mundo está exposto pelos apetites do to- talitarismo russo. Na seqüência vertical (à esq.) são vistas, como foram enxergadas na televisão, três fases dos momentos que se seguiram à detonação, aparecendo a nuvem num primeiro tempo (ao alto) quando capaz de cegar olhos desprotegidos; no seu conhecido aspecto de cogumelo (ao centro); e assumindo a forma de um gigantesco pára-quedas (em baixo). A foto maior, no alto (à dir.), mostra a "terra de ninguém" no momento em que se movimentava a primeira tropa ao que de "avançar".

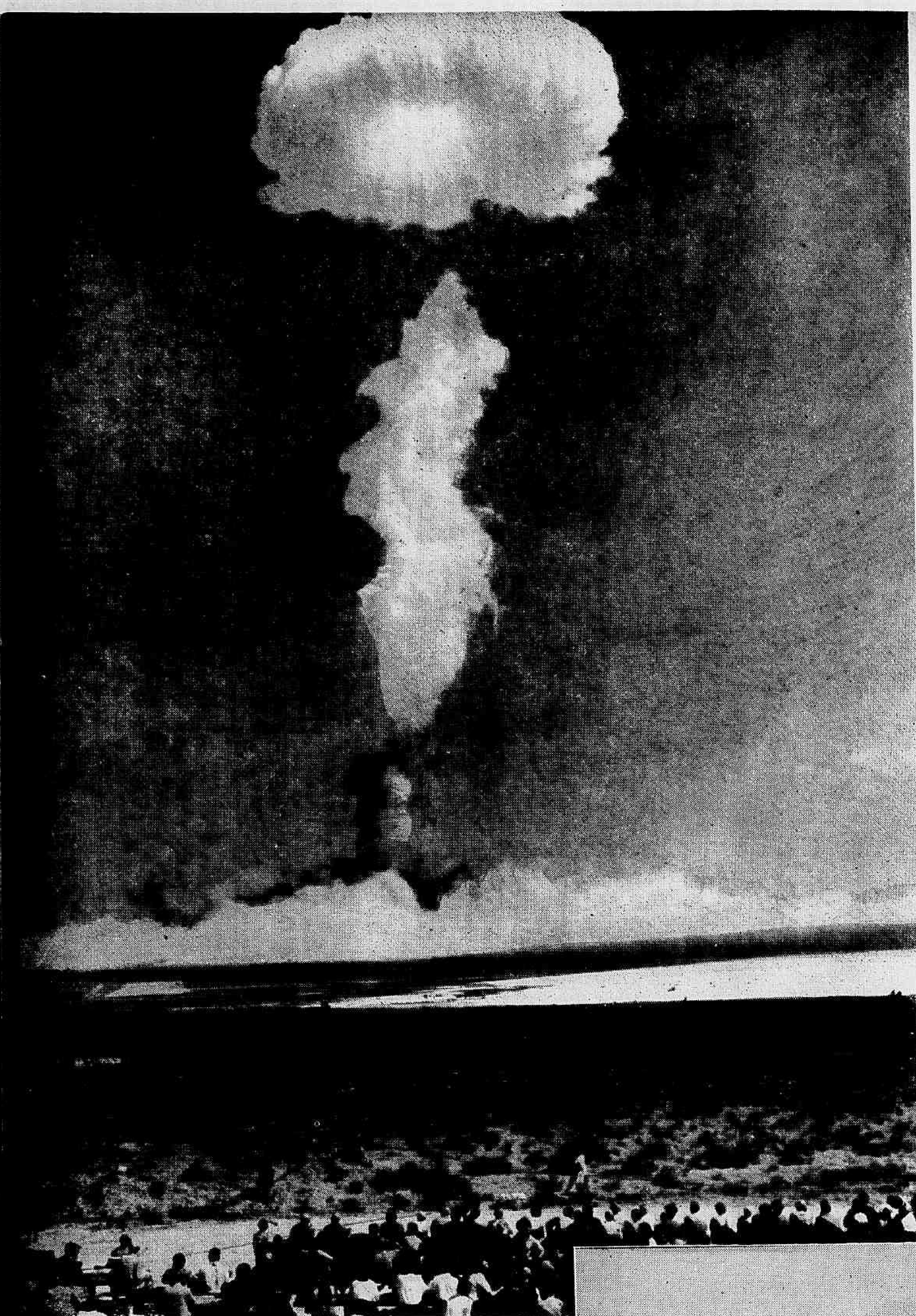




A bomba atômica Poder mortífero É também uma pintora de imagens caprichosas, no espaço



tonação do de-
evada através
petáculo direta-
litares, jornalis-
vil. A explosão
terrível ondas
das após 8
quilômetros do
no em que se
mais altos sô-
plosão atômica,
s de infantaria,
efeitos radia-
até o momento
terior de covas
s relativamente
reportagem des-
uma vista sufi-
Deste americano
ma nova carni-
s apetite do te-
al (a que são
visão, as bases
ção, aparecendo
quando capaz
nhecido aspecto
a forma de um
foto acima, no
no momento em
a ao que de

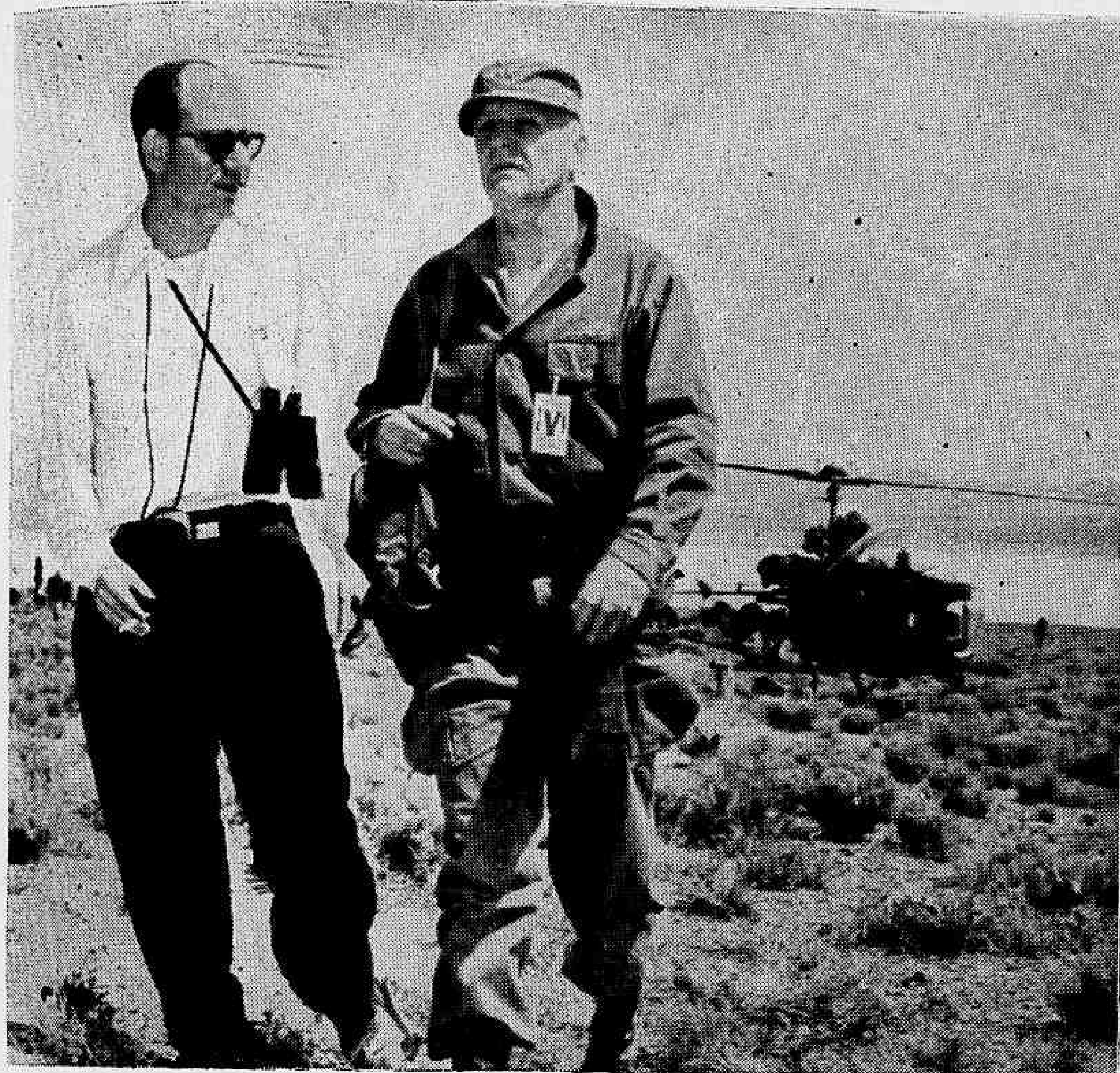


VÉU DA MORTE — Observadores sentados a boa distância do centro da prova, vêem a terrível explosão transformar-se num círculo em forma de rosca sôbre o "campo neutro". Com essa explosão — a mais recente — a bomba atômica fêz sua estréia na televisão, sendo vista em todos os EE. UU.

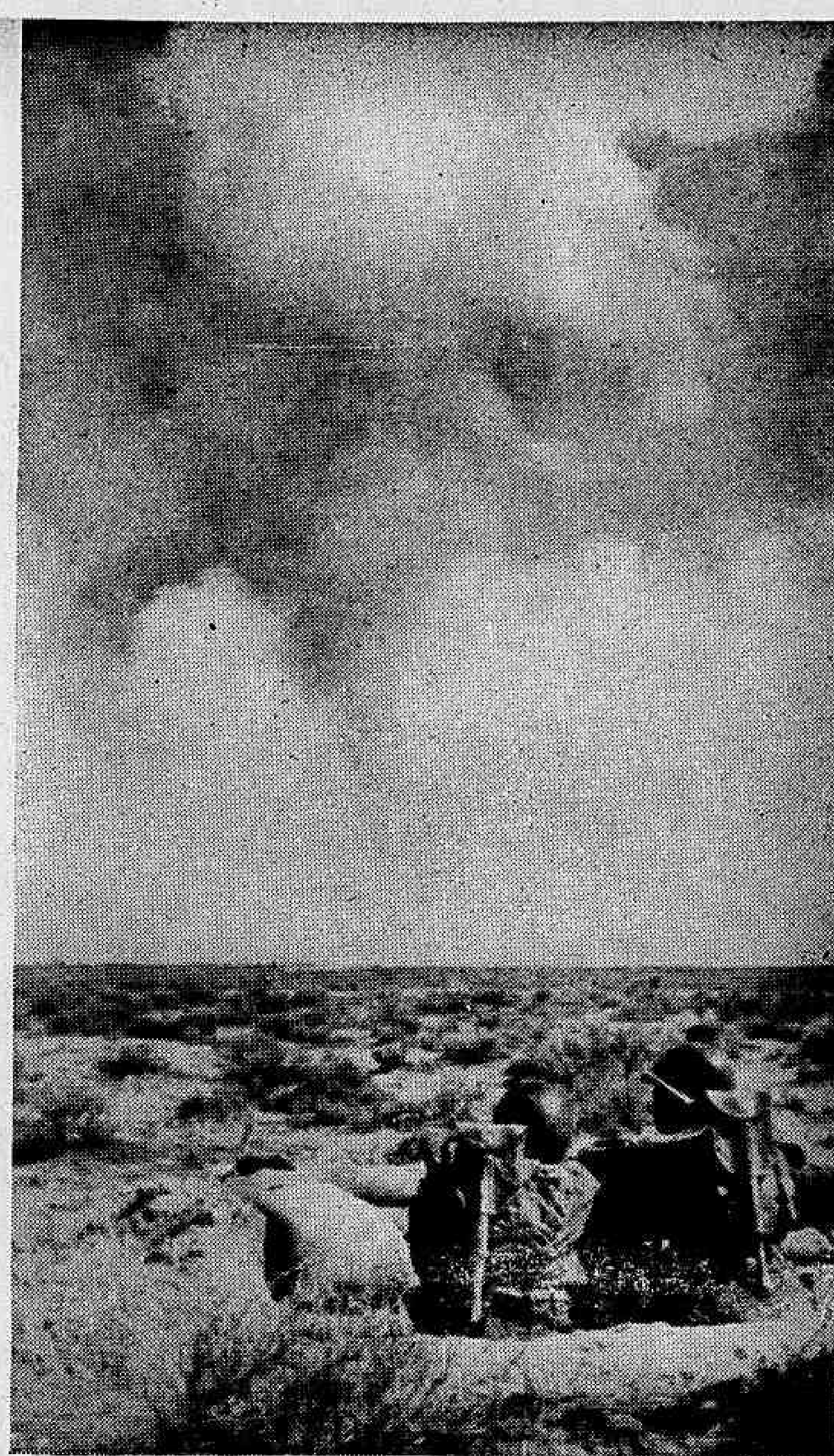


O CAMINHÃO-COBAIA — Um soldado examina o caminhão militar que foi deixado entre 400 e 500 metros do "campo zero". As tropas penetraram na mesma área logo que as equipes especializadas declararam que o campo estava a salvo dos efeitos da radioatividade e examinaram êsse caminhão.

Novas explosões da bomba atomica



O HOMEM MAIS PRÓXIMO DA EXPLOSÃO — O Tenente-General Joseph Swing (que se vê acima com um jornalista) caminha concedendo uma entrevista sôbre a explosão. Êle foi o homem postado mais próximo ao centro da prova. Declarou que as tropas deixaram as trincheiras 10 segundos depois da detonação, enquanto "o calor era ainda terrível" no campo.



VANGUARDA DO TESTE ATÔMICO — Dois soldados norte-americanos, participantes do teste atômico, observam a nuvem em forma de cogumelo, quando subia deixando no solo a terra revolvida e tomada de rolos de fumaça. A opinião do Tenente General Swing declarou que essa primeira batalha simulada, de tropa apoiada pela bomba atômica, "foi quase perfeita".

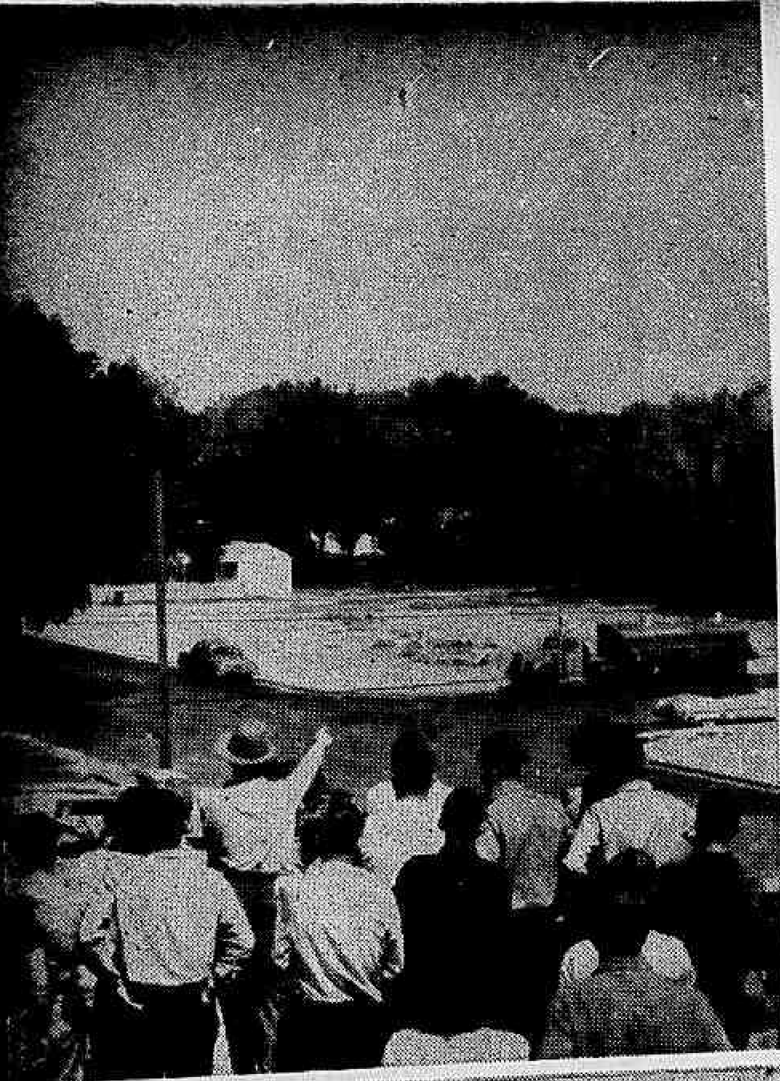


TESTANDO A RADIOATIVIDADE ATÔMICA — Dois membros da Defesa Civil preparando-se para penetrar no "campo zero" após a explosão. Ao mesmo tempo avançava a infantaria, constituída por 2.100 homens entrincheirados a 7 quilômetros do centro da prova, distância mínima tolerável nessa explosão. Cêrca de 100 pára-quedistas simularam a manobra de ocupação aérea.

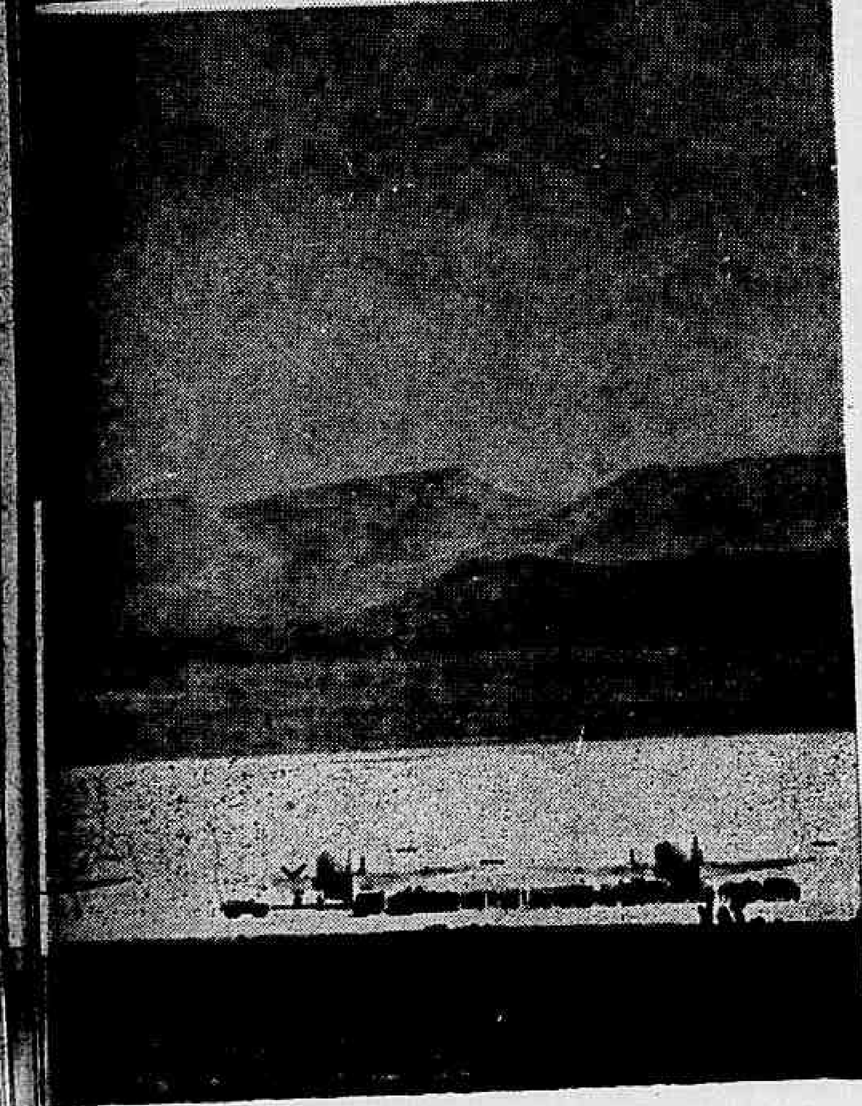


APÓS A TERRÍVEL EXPLOSÃO — Um cabo de infantaria inspeciona uma metralhadora deixada a uns 3 quilômetros do local da prova atômica, em Yucca Flat. Os sacos de areia estão queimados. Essa "operation big shot" foi declarada satisfatória depois que as tropas penetraram na área da explosão, tão logo a equipe técnica achou a radioatividade atenuada.

Novas explosões da bomba atomica









VISTA DA NUVEM ATÔMICA — Observadores militares observam a nuvem em forma de cogumelo, na operação realizada no deserto de Yucca Flat com o nome de "big shot". Os homens estavam tão próximos do lccal da explosão que tiveram de levantar a cabeça para o céu, a fim de poderem observar a formação dos véus da morte no claro firmamento de Nevada. — (Ao lado) **CENAS DE YUCCA FLAT** — No alto: Grupo de "observadores atômicos" apreciando o espetáculo; ao centro: giro de inspeção num helicóptero, quando êste partia com o comandante das operações; em baixo: embarque de pára-quedistas da 82.ª Di visão que simularam o salto na área conflagrada.



O SONHO DO PESCADOR

EM uma choupana num outeiro perto do mar, morava o velho João com a sua família. Inspecionando obras da Prefeitura tive o ensejo de conhecê-lo. Era um prêto de altura mediana, fisionomia simpática e olhos brilhantes.

Cantarolava enquanto estendia na grama uma rêde de pesca:

Saúde o sol
porque êle é o rei da luz,
saúde o mar azul
porque à pesca nos conduz;
Pedro era pescador,
e a pesca de Jesus.

Parei escutando-o.

— Nosso Senhor lhe dê um bom dia, moço; disse ao ver-me, e acrescentou sem esperar resposta: me sinto orgulhoso quando aparece um branco por estas bandas a catar com as vistas alguma coisa pros livros. Me desculpe, vosmecê, com essa pasta na mão, é...

— Sou engenheiro fiscal, da Prefeitura.

— Mas não está olhando prá o velho João com os olhos de engenheiro... está?

Não pude deixar de soltar uma gargalhada.

— Está rindo, moço? O preto velho cursou apenas uns dois anos de escola, porém quem lida no mar aprende muita sabedoria com Janaína.

Fingi nada saber e perguntei-lhe quem era Janaína.

— Oxente, moço! Pois não sabe? E' a rainha do mar... Quando as ondas ficam naquele rebuliço é Janaína que está chegando.

— E quando as ondas atiram na praia conchinhas, búzios, pedrinhas?...

— E' tudo linguagem de Janaína.

— Como se lê, então?

— Ah! moço!... Isto é segrêdo...

E o velho deu uma risada astuciosa.

— Quando as ondas batem na embarcação, o que dizem?

— Boa viagem... boa viagem...

— E quando o mar está, como costumam dizer, de rosas?

— Ah! isso é pergunta de menino... E' claro. Quando o mar está manso, Janaína diz: Aproveite o bom tempo!

Sorrindo, continuei.

— Quando as ondas vão de encontro aos recifes e se transformam em alvas espumas?

— E' uma beleza! Não é moço? Aí a gente lê um romance...

— Ao meio-dia, quando o astro-rei esquenta o mar enchendo-o de escamas prateadas, porque as ondas desaparecem?

O velho retrucou:

— Uê! moço!... E o que são estas escamas senão as ondas? Vosmecê quer falar é nas ondas vestidas de espumas... Não é isto moço? Não desaparecem; apenas se escondem para não serem tostadas pelo sol. Vaidade de mulher...

Disse-lhe então:

— Extraordinário! Inteligente assim, você devia estar trabalhando noutro lugar.

— Deus me livre e guarde! Cá estou bem... Sou o rei dessa redondeza e quero seguir o destino de minha gente. A minha geração tôda era de pescadores, e ninguém vivia catando felicidade aqui e acolá...

Acha que a felicidade está aqui?

— Sim, moço. Felicidade é a minha cabana, minha velha, meus dois filhos, o meu bote...

— Poeta, hein?

— Deus me livre e guarde! Nada de escrituração... Vou contar a vosmecê um sonho que tive há tempos.

★

Uma vez eu, meu irmão Vicente e mais dois camaradas fomos passar um dia em Itaparica. Preparamos tudo e de madrugada entramos no barco.

Navegamos... Enquanto se contava casos eu dei prá pensar. Quando o barco passou perto da cidade e reparei melhor aquelas casas bonitas pensei em ser rico, morar num bangalô, ter criados, automóvel, frequentar cinemas da elite e dançar nos clubes. Assim, conversa vai, conversa vem, chegamos em Itaparica.

Passeamos bastante, ao meio-dia tomamos uma pinga, almoçamos uma boa feijoada e, às 15 horas, fomos ao Mar Grande.

Tudo muito bem, mas não me saía da cachola a tal idéia de ser rico e morar em casa bonita.

Resolvemos voltar de manhãzinha.

Conversa de pescador não acaba mais. Quando fomos nos deitar, eram duas horas da madrugada... E mal comecei a dormir tive o seguinte sonho, e tão comprido que pareceu uma vida!

★

Chovia... Relampejava... Cada trovão!... Parecia acabar com o mundo.

A mulher me acordou:

— Joã... Jão... ô Jão... levanta! A casa tá caindo...

Dei um pulo da cama e saímos correndo prá fora. Estava uma ventania doida! Ouvimos um baque, era a casinha rolando pelo outeiro abaixo e as palhas voavam como penas de passarinho.

Fomos andando, muito tristes, até que entramos numa casa que era uma lindeza: A mulher foi logo se assentando no sofá estofado, afundou-se nêle e quase dá com as pernas no telhado.

Os meninos ficaram encantados com o relógio do "cuco". Quando marcava as horas o "cuco" chegava na janela.

Oh! alegria! Isso sim, que era vida... Mobília cara, espelhos por tôda parte, jardim cheio de rosas...

Eu trabalhava num escritório, com escrivaninha de jacarandá e estante entupida de livros de capa de couro, com letras douradas.

Eu era escritor! Mas... que triste vida de escritor...

Quando estava no melhor dos gostos, acabando de escrever o segundo capítulo dum livro, lá vem a mulher esbravejando.

— Jão... ô Jão... êsse muleque da Anastácia não fica mais em minha casa. O diabrete só vive a dar pinotes e derramou a panela de doce de araçá. Você agora não liga mais a casa; é só com êsse lápis entre os dedos metido nessa poltrona!...

— Paciência, mulher, paciência...

Mal a mulher acaba de sair dá um grito.

— Desce daí dêsse corrimão, menino de Deus... Isso não é cavalo de corrida...

Joãozinho não atendeu e na segunda descida deu um tombo e lá se foi o jarro de louça!

— Meu Deus! Não tenho mais sossêgo... Jão... ô Jão... Vem exemplar seu filho!

Não pude fazer mais nada. A idéia me fugiu como um raio. Quando não eram as queixas sôbre os muleques, era o telefone, o rádio... Um inferno!

Fui me deitar, sem sono, e lá me voltou a idéia de escrever. Me levantei, pé ante pé... Quando fui me sentando Ana surgiu como uma sonâmbula.

— Home! Prá eu ter sossêgo só lhe botando num Hospício...

Aí principiou a briga. Quem anda precisando de hospício é você, sinhá tonta, com essa cara lambuzada de creme e êsse cabelo enrolado metido na rêde. (*Cont. na pág. 50*)

Conto de NINA MARIA

Ilustrações de A. PACOT





NOIVAS

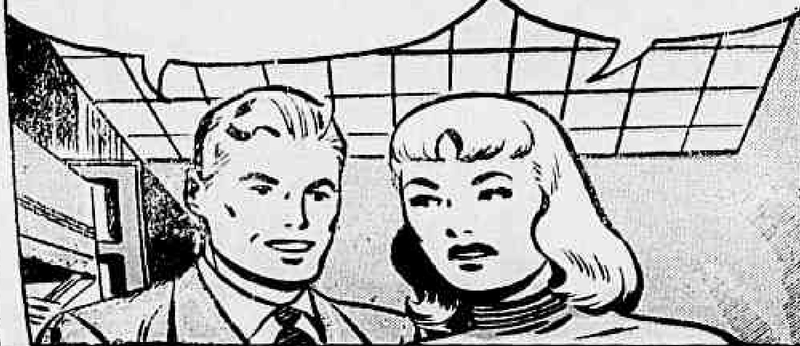
Mais alguns sugestivos e encantadores [illegible] para noivas voltamos à oferecer às [illegible] leitoras, nestas duas páginas desenha[illegible] por Ramon inspiradas no que de mais m[illegible]derno ha no gênero

ELA O AMOU, MAS ÊLE VIA EM SEU ROSTO A MULHER A QUEM ODIAVA

Três anos antes, quando eu tinha 15 primaveras, minha irmã mais velha, Rhonda, namorou Muir Newton, com quem ficara noiva. Muito bonita e atraente, sentiu que poderia chegar a ser estrêla em Hollywood. E seu sonho se realizou. Eu sempre tive simpatias por Muir. Êle deixou a cidade depois do caso com Rhonda; mas eu jamais me esqueci dêle, e sua lembrança me impedia de pensar em outro homem.







Fiquei excitada quando êle foi visitar meus pais e me convidou para passearmos...



Nada disso! Nunca procurei desembaraçar-me de você. O que não posso compreender é que você ainda não tenha amado. Não há nenhum homem em seu coração?











CASAMENTO AMERICANO

(Cont. da pág. 26)

is horas da tarde eu ainda não idira sôbre a ida à Associação nas de Casa da Zona Oeste. Mas ninutos depois das seis, como a campainha da porta soou. ter, naturalmente. Êle sempre a chave. Entrou assobiando iarchas militares que assobia orário desde que foi desligado a aérea em 1946. Interrompeu io, entregou-me um jornal da me arrancou do chão num abra- odopio. «Quais são as novida- lla?» E Jane e Tucker, esperan- trás de mim, tinham pronta a habitual: «Dizem que um ba- ;ou à lua.» E então êle abraçou epois Tucker, tudo de rodopio.

★

as noites era a mesma coisa. Fui para a cozinha para abai- igo sob a couve-flor e a vida ente se tornou insuportável pa- Pensei em Adelaide que esta- dúvida naquele momento jan- lmamento no Riccardo's, antes ra a Associação das Donas de Zona Oeste. Espetei a couve- um garfo para ver se estava - e pensei que trocaria com ouve-flor, o programa informa- ádio, as crianças que lambis- rtivamente antes do jantar e com os pés em cima da me- café por uma semana da esti- vida de Adelaide.

meu tom fôsse algo belige- ando, logo antes de nos sen- mesa, dei a Peter a notícia retendia ir à reunião da As- das Donas de Casa da Zona as a resposta foi amável. «Na- te, vá», disse êle. «Vai lhe n.»

uer dizer com «fazer bem»?» nesmo. Você quase não sai. interessante.»

fornecerá um assunto interes- a variar a conversação?» . Isso mesmo.»

«Variar a conversação do assunto do ronco da geladeira?»

«Ah, que é que há? Esta querendo arrumar uma briguinha?»

«Não, Peter, juro que não. Mas é que de repente compreendi que você sente o mesmo que eu.»

«Como?»

«Não sei explicar bem... Apenas, ora, é como se a graça tivesse acabado. A graça do nosso casamento. Agora, é só um dia atrás do outro, um dia atrás do outro...»

«Assim é a vida,» declarou Peter. «Pensei que aprendesse, querida.»

«Aprendesse o quê?»

«Por exemplo, que sempre que chove seguidamente por alguns dias, ou as crianças apanham um resfriado, você se sente assim.»

«Peter, não! E' diferente. Você anda me achando tão cacete quanto eu a você, não é verdade? O amor sumiu.»

Naquele momento Peter ia entrando com Jane no banheiro para fazê-la lavar as mãos. Quando voltou, abraçou-me. «Não acho você cacete coisa nenhuma.» disse. «Acho é que faz o melhor cozido que já comi.»

Depois do jantar, Peter ofereceu-se para botar as crianças na cama e lavar a louça. E assim, quando eu saí de casa já me sentia menos irritada.

Ao chegar ao local da reunião Adelaide e Ian estavam abrindo cadeiras de fechar para formar pequenos grupos. Três mulheres maduras conversavam num extremo do salão e outras se aproximavam. Ian veio ao meu encontro e passou naturalmente o braço pelos meus ombros. «Que bom que tenha vindo.» disse. «Ouça, que tal liderar a discussão num dos grupos?»

«Mas, Ian, não entendo nada disso...»

«Não precisa entender de nada especialmente. Queremos é saber como essas senhoras imaginam a casa de seus sonhos. Você terá apenas que fazer perguntas e orientar a troca de opiniões.»

(Continua no próximo número)


PARA ATENDER AS PREFERÊNCIAS...

NHA MAIS UM RÁDIO G-E EM CASA!

guém da família precisa sacri- car suas preferências, em ma- téria de atrações radiofônicas... ta V. levar para casa mais um dio G-E. Êste belo modêlo da linha G-E para 1952 é um parelho de preço módico — e oferece tudo que se exige de um bom rádio: incom- parável sonoridade, recepção mun- dial e transformador "Universal"!

MODÊLO MA-225 — Duas faixas; alcance excepcional; 5 válvulas G-E

TENHA MAIS UM RÁDIO

EM SUA CASA!

V. pode confiar na

GENERAL ELECTRIC S.A.

- S. PAULO — RECIFE — SALVADOR — P. ALEGRE — CURITIBA — B. HORIZONTE

TEATRO

PANTOMIMA E BALLET

FINALMENTE, o **ballet** de Luís Cosme "Salamanca do Jaraú" foi montado no Teatro Municipal sob os auspícios da Direção da Comissão Artística Cultural. A música da autoria do compositor gaúcho era das mais sugestivas, mas não foi satisfatòriamente aproveitada pela coreografia. O **ballet** não tinha atmosfera, descosido na sua tessitura e algumas vêzes chegava a ser ridículo. Os cenários e os trajes do sr. Santa Rosa eram de um mau gôsto surpreendente num artista da sua sensibilidade. E o que chocava sobretudo era a falta de unidade. Entre os bailarinos, destacou-se Pitágoras Lopes na Boicininga e Berta Rosanova como a Princesa moura. Perdido, de um lado para outro do palco, ficou durante todo o "ballet" aquela figura inútil de Blau Nunes.

"Il Combattimento di Tancredi e Clorinda" foi uma bela iniciativa, apenas prejudicada na sua atmosfera renascentista pela montagem e o primarismo vexatório da pantomima. Causava pena ver a sra. Leskova, que é magnífica bailarina, submeter-se a uma coreografia tão medíocre.

"Silfides" foi dançado satisfatòriamente. O Teatro Municipal possui agora um corpo de baile que não faz mais vergonha. Está carecendo de primeiros bailarinos. Beatriz Consuelo é uma jovem com muito talento e sensibilidade. Consegue uma fluidez rara no movimento dos braços. Tem umas pontas invejáveis. Mas todo o seu esfôrço para conseguir um "estilo" ainda não encontra suficiente apoio na técnica, que é ainda um tanto fraca. Não termina os movimentos. Ao contrário, Berta Rosanova está mais segura. Porém, o seu temperamento não se adapta tão bem ao gênero romântico. Sentia-se a falta de Tamara Capeller e Maria Angélica.

A última parte do programa constou de um grupo de danças "Quadros de uma exposição", que o sr. Veltchek criou há tempos para o "Conjunto Coreográfico Brasileiro". Apesar de uma ligeira adaptação, sente-se que as danças foram imaginadas para os recursos limitados dos pequenos bailarinos. Daí certo ar indisfarçável de festa de fim de ano. Alguns números ainda resi... devido à sua forte inspiração nos Ballets Joos. Mas o pior de todos foi o... "A grande porta de Kiev", digno espetáculo de um teatro de revistas.

Constatamos com satisfação a evidente melhoria do corpo de baile do Teatro Municipal. A êste, cabe as honras da noite. Como também a Tatiana Leskova, mestra infatigável e esplêndida bailarina.

● Bibi Ferreira, depois de interpretar a hilariante Conchita, passou a viver o famoso personagem de Flaubert, "Mme. Bovary". A peça é uma adaptação norte-americana do romance francês.

● **Willy Keller dirigiu o novo espetáculo da companhia de Eva Todor, uma peça de Pedro Block, intitulada "A Mancha".**

● Continua fazendo sucesso, no Rival, "Madame Sans Gêne" com Alda Garrido no principal papel.

● Há grande interêsse em tôrno da temporada grega do Teatro do Estudante. Enquanto isso, o mesmo grupo está preparando várias peças de autores nacionais desconhecidos.

● *Jaime Costa voltou ao seu teatro com a comédia de Marcel Achard "O chifre de ouro". A direção é de dona Ester Leão e os cenários de Pernambuco de Oliveira.*

● *Mme. Morineau vai interpretar "Jezebel", a nova peça de Jean Anouilh, que terá a sua primeira mundial no Teatro de Copacabana.*

● **O teatro infantil está em franco progresso. Várias são as companhias que se destinam a dar espetáculos exclusivos para a meninada.**

● Dizem que o Teatro do Estudante vai remontar à tragédia de Shakespeare "Hamlet". O papel título será interpretado por uma nova descoberta. Será que vai se repetir o caso do sr. Sérgio Cardoso?

● **Em São Paulo, Ziembinski ultima os preparativos do "Revisor" de Gogol. A tradução foi feita diretamente do russo por Eugenio Kusmet e Brutus Pedreira.**

● O vice-prefeito de Tóquio, quando de sua recente visita ao Rio de Janeiro, prometeu enviar uma companhia de teatro japonês.

● Estão voltando à Escola de Teatro do S. N. T. os professôres dissidentes que se haviam retirado, acompanhando o sr. Thiers Moreira.

● A Companhia Dulcina-Odilon regressou da sua temporada em Lisboa e seguiu logo para Belo Horizonte.

● ***Graça Melo continua em São Paulo. Ingressou no elenco do teatro dirigido pelo Sr. Melo, o jovem ator Luciano Maurício.***

As dependências do Hipódromo se achavam tomadas por uma verdadeira multidão anciosa e entusiástica. O nome do parelheiro argentino corria de bôca em bôca.

O Grande Prêmio São Paulo

DERROTADO O FAVORITO ARGENTINO

YATASTO PERDEU PARA **GUALICHO** ★ O EX-INVICTO SÓ CONSEGUIU O 4.º LUGAR ★ SUPERADOS TODOS OS RECORDES DE APOSTAS DO TURFE BRASILEIRO

Texto e fotos de LEONE SPIVAK

VIVEU o Jockey Club de S. Paulo o seu dia de maior brilho com a realização do mais sensacional Grande Prêmio S. Paulo de todos os tempos. A presença dos maiores corredores das pistas sul-americanas, a deslumbrante parada de beleza e elegância, emprestando ao ambiente um colorido de incomum encantamento, o empolgante desenrolar do Grande Prêmio S. Paulo, entrosados, revestiram a máxima jornada do turfe paulista de contornos emocionantes e sugestivos, alcançando um sucesso não superado pelas previsões mais otimistas. A majoração do prêmio para um milhão de cruzeiros e o convite feito às maiores coudelarias do continente para trazer os seus campeões, às expensas do nosso clube de corridas, além da perfeita organização, concorreram para que a festa dêste ano fôsse a mais gloriosa da história do turfe brasileiro.

Yatasto era o franco favorito do público mercê de suas notáveis exibições nos prados da Argentina, onde, através de onze provas, conquistou igual número de vitórias. Colocaria em xeque numa carreira de importância a sua decantada invencibilidade, frente a **Gualicho**, parelheiro que na Argentina freqüentava turmas inferiores, mas que em São Paulo progrediu assustadoramente, **Violoncelle, Panther, Fort Napoleon, Tevere, Dinkie, Cartago, Best, Pewter Platter, Again, Atleta** e **Riek.** Contudo, não correspondeu, na pista, à confiança de milhares de apostadores que depositaram



Olavo Rosa, montador de GUALICHO, o vencedor da prova, leva a tradicional ferradura de flores, entre aclamações.







GUALICHO regressa ao recinto da repesagem, delirantemente ovacionado pelo público, que invadiu a pista para vê-lo de perto e saudar o jóquei e o treinador.

em suas patas, mais de 139 mil poules de vencedor, novo record de apostas num só parelheiro. Ressentindo-se de uma antiga lesão, o ex-invicto foi liquidado por **Gualicho**, perdendo ainda a segunda e a terceira colocações para **Panther** e **Fort Napoleon**. O vencedor, **Gualicho**, além de ter ganho com grande facilidade, deu-se ao luxo de superar o record dos 3 mil metros, com 185''5/10. Foi governado a preceito por Olavo Rosa, que também levantou o "G. P. S. Paulo" de 51 com **Jocosa**. Manuel Branco, o veterano treinador patrício apresentou o fabuloso filho de **The Druid** em esplendente estado.

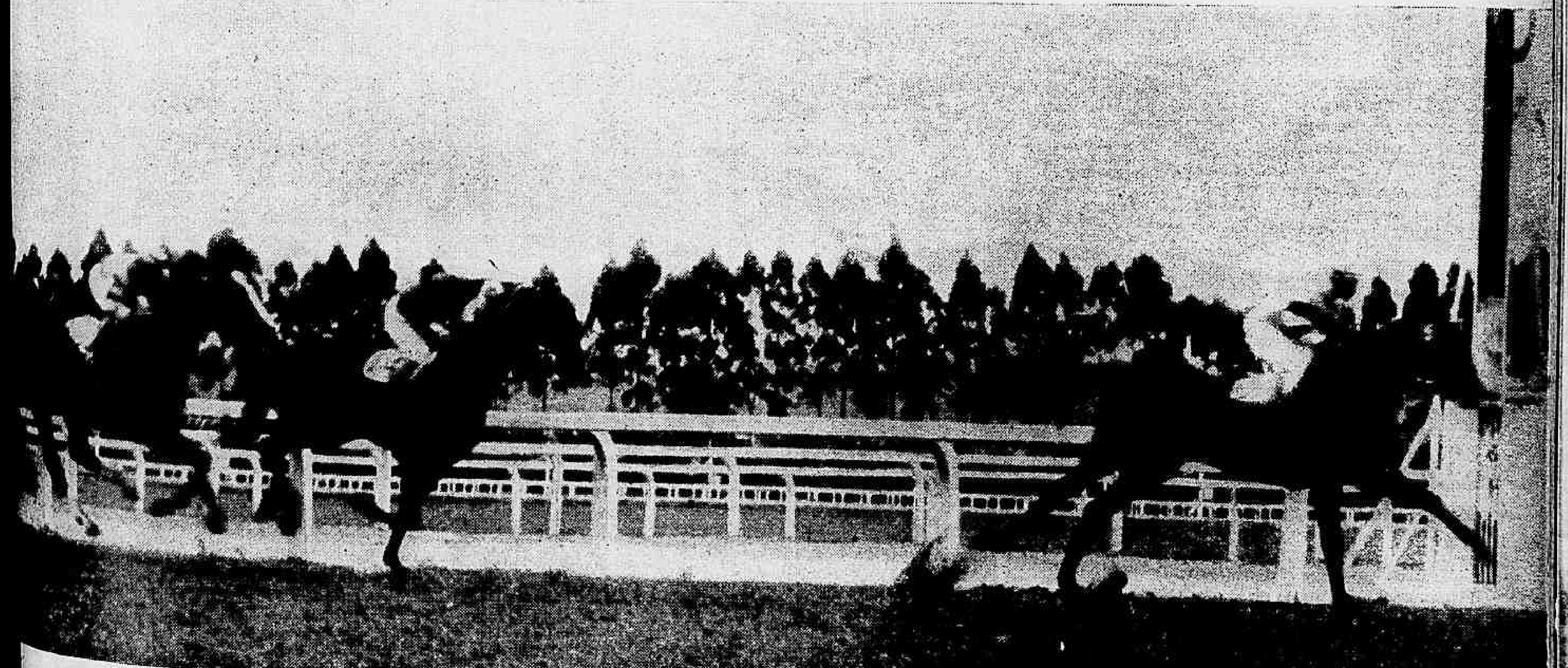
Com quase 35 milhões de cruzeiros, as corridas do Grande Prêmio S. Paulo superaram tôdos os records de apostas do turfe brasileiro. Na extra de quinta-feira foram arrecadados 22 milhões e na sabatina quase 25 milhões. As três reuniões alcançaram a impressionante soma de mais de oitenta milhões de cruzeiros.

O DESENROLAR DO G. P. S. PAULO

Os primeiros duzentos metros foram percorridos com vários competidores formando um bloco compacto na vanguarda. Na altura da variante, **Yatasto** se definia na ponta, galopando desenvoltamente, acompanhado mais de perto por **Again**, **Gualicho**, **Dinkie**, **Tevere**, **Panther** e os restantes, confundindo-se na reta-

(Cont. na pág. 43)

A primeira passagem pelo disco. YATASTO lidera o pelotão com grande vantagem, seguindo AGAIN em 2.° lugar. Os apostadores do favorito vibravam, nesta hora.



RÁDIO

A MODA ESTÁ PEGANDO

DE uns tempos para cá, o pessoal do rádio, que só se limitava a atuar em "boites", está entrando feio e forte no negócio da montagem dêsses centros diversionais. Primeiro foi Alvarenga que, na Zona Sul, abriu o "Ranchinho do Alvarenga" com grande sucesso. Depois César de Alencar (um dos maiores corretores de publicidade da Rádio Nacional e proprietário de uma farmácia em Copacabana), reformou a sua "Cantina", transformando-a em "boite". Djalma Ferreira, comandante dos "Milionários do Ritmo", com o capital arrecadado com as suas últimas gravações, fundou, em seguida, a "boite" Perroquet", da qual é êle uma das atrações com o seu conjunto musical. Recentemente, outra figura popular do "broadcasting" carioca, a cantora Elvira Pagã montou a "Bikini", a mais nova casa de diversões da Zona Sul, com o auxílio de um capitalista. Agora, dois grandes cartazes do rádio carioca — Marlene e Abelardo Barbosa — parece que vão entrar também no negócio de "boites". Enquanto a primeira, cujo nome verdadeiro é Vitória Bonaiutti, registrou o nome "Marlene" no Departamento da Propriedade Industrial para êsse fim, anuncia-se que a do Abelardo terá o nome que lhe deu popularidade e pelo qual muita gente o trata: "Chacrinha". — **MILTON SALLES**

Entrevista Relâmpago



— Seu nome por extenso?
— Ferjalla Riskalla.
— Onde nasceu?
— No Rio, a 26 de janeiro.
— Casado?
— Sim, pai de uma menina.
— Quando estreou no rádio?
— Em 1935, em S. Paulo.
— Fazendo o que?
— Cantando tangos?
— Veio para o Rio em...
— ... 1940, trazido pelo Ariso Barroso.
— Qual foi a sua primeira gravação?
— A marchinha «Casta Suzana».
— E a de maior sucesso?
— «Nervos de Aço», de Lupicínio Rodrigues.
— E a sua preferida?
— «Sinfonia do Café».
— Quanto ganha?
— Cêrca de 150 mil cruzeiros por ano.
— Para finalizar: qual é o seu nome de guerra?
— Déo.

NÃO GOSTA DE RÁDIO

Embora seja um dos mais ativos produtores do "broadcasting" carioca, Luís Quirino tem verdadeira ogeriza pelo rádio. O aparelho receptor de sua residência não pode ser ligado de maneira alguma quando êle está em casa: — Tenho verdadeiro horror a tudo quanto é transmitido pelo rádio. Nem os meus próprios programas eu ouço. Gosto muito é de televisão... — disse o veterano Quirino.

DÓRIS É PORTUGUÊSA

Embora não goste de declinar a sua nacionalidade, preferindo dizer-se brasileira — como o fêz Carmen Miranda durante muito tempo — a cantora Dóris Monteiro é portuguêsa de nascimento.

FIZERAM AS PAZES

A rádio-atriz Mildred Santos que, conformo noticiamos, retornou à Rádio Tupi, fêz as pazes com o seu marido Aldo Viana, do qual estêve a pique de desquitar-se.

HOLANDA x GRACINDO

As relações entre os produtores Nestor de Holanda e Paulo Gracindo, ambos da Nacional, estiveram estremecidas, recentemente, em face do segundo ter usado no seu programa a cara do Gracindo se êle fizer isso dominical um tipo com tôdas as características do criado pelo primeiro. Ante a ameaça do Nestor ("Eu quebro novamente"), o intérprete de "Alberto Limonta" entregou os pontos...

CELESTINO REPRESENTANDO

Apesar de já entrado em anos, Vicente Celestino continua desfrutando invejável popularidade. Compreendendo isso, a Rádio Tamoio, desejando fazer subir a audiência de um dos seus horários de novela, lançou-o também como rádio-ator, em "Alma de Palhaço", história seriada de Gilda Abreu. Com larga experiência do palco, o criador de "Coração Materno" está agradando nesse novo gênero de atividade artística.

E A MÚSICA BRASILEIRA?

A Rádio Eldorado, a caçula das emissoras cariocas, vem apresentando programas deliciosos de serem ouvidos, com os anúncios entremeados com musiquinhas gostosas. Acontece, porém, que, segundo tivemos oportunidade de observar, durante vários dias seguidos, a programação da ZYZ-22 é feita tôda à base da música em conserva estrangeira. De raro em raro o novo prefixo guanabarino apresenta as nossas bonitas melodias populares. Não encontramos a menos justificativa para essa predileção pelos ritmos alienígenas, já que a Eldorado deseja ser uma emissora eminentemente popular, no melhor dêste vocábulo.

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 23)

quenina igreja branca, com o sino, um campanário como jamais os meninos dali haviam visto, sinos como os que Whittington poderiam repicar por êle. Mais tarde, talvez, pudesse êle possuir sua casinha ao lado do templo, um lar com um jardim, e ela no jardim!

Cansado da viagem, êle se deixou ficar alí, sem mais nada poder imaginar. Roger precisava de repouso, precisava de alimentação, mas, apesar de tudo isso, não se mostrava fatigado na alma e continuava a esperar uma felicidade que sempre lhe fugira.

Veio tirá-la dêsses devaneios a voz de tia Chloé, a cozinheira.

— Eu o estava justamente procurando, Roger, lhe diz ela. Um telegrama chegou ontem e não sabia o que fazer com êle.

A boa senhora lhe entregou o telegrama e fica o fitar os olhos em Roger, enquanto êste o abre. Era da prima Patty: "Mary teve más notícias de Barry. Temos precisão de você. Pode vir?"

Capítulo XXIII

Quando Leila estava a escolher vestidos para sua viagem à Europa, deixou escapar, em palestra com Delilah um fio da meada de seu segrêdo.

— Vou precisar de um vestido amarelo, com um chapéu guarnecido de flores primaveris, como aquêle que eu tinha quando Barry e eu...

Enrubescendo, se deteve sùbitamente.

— Quando você e Barry, o quê? — Interroga Delilah.

Leila, pegada assim de surprêsa, não teve outro jeito que não procurar contornar a história, embora desejasse revelar tudo: Quando Barry e eu fugimos para casar-nos". Mas não teve coragem e começou a gaguejar uma versão:

— Bem... Eu levava um vestido amarelo quando... quando...

— Não foi quando êle lhe fêz a declaração, minha pequena gatinha. Foi no dia da festa no Fort-Myer. Eu o percebi no mesmo instante quando vi o seu rosto, ao procurá-la do lado de fora. Também quando você me deixou aquela mensagem a respeito da fotografia. A propósito: estava você enciumada por ter encontrado o retrato em minha casa?

— Muitíssimo.

Leila respira como quem se recorda com amargura de um fato já passado. O assunto do vestido e do chapéu já se ia desvanecendo.

— Não há motivo para isso. Todo mundo sabe que Barry é seu.

— E êle será agora meu, muito mais ainda, disse ela a sorrir, pois vou vê-lo em maio.

Nos dias que se seguiram estêve Leila muito ocupada. Em cada vestido que comprava ou fazia, colocava flores da primavera feitas de sêda finíssima. Era o seu segrêdo que lhe inspirava adotar êsse símbolo nupcial. Outras teriam procurado vestir-se de branco; mas com ela se havia dado outra coisa. Usara um vestido da côr da lua cheia e amarelada, a mesma lua que lhes clareara o caminho para a igrejinha. Que viagem de núpcias tinham êles feito então! E como ela riria, mais tarde, com Barry!

A tragédia que lhes tinha amargurado inicialmente a vida, começava agora a apresentar-se como uma divertida comédia. Dentro de algumas semanas ela estaria com Barry, e o mundo inteiro poderia saber então que ela era sua espôsa legítima. E poderia então fazer tudo que pode realizar uma senhora casada, reunir lindas coisas em caixinhas perfumadas, bordar, cantar e sonhar!

(Continua no próximo numero)

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã : tarde antes da maquillagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL - HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

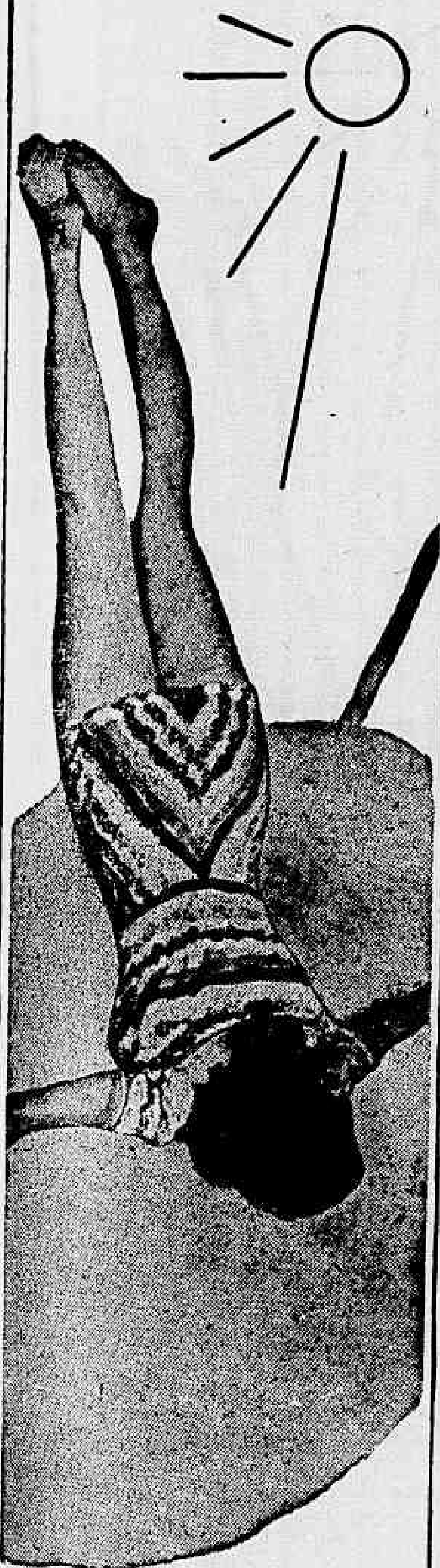


Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME .... Nº ....
RUA ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Uma cousa ...



exige outra:



Polvilho Antisséptico

GRANADO

DESODORANTE
CICATRIZANTE

DERROTADO O . . .

(Cont. da pág. 41)

guarda. Na passagem inicial pelo disco e até a metade da reta oposta, mutações de pouco significado se consumaram. Neste ponto **Panther** e **Lest** progrediram para quarto e quinto respectivamente, sempre com **Yatasto** em impressionante estilo acionando **na** principal colocação. Mas, ao ser divisada a grande curva, **Gualicho,** com decisão, passou para segundo aproximando-se perigosamente de **Yatasto,** enquanto **Again** e **Panther** lutavam emparelhados na posição subseqüente. Nos 800 metros, notou-se a fácil ação de **Gualicho** ao lado de **Yatasto,** que ainda não denotava fraquejo algum.

Mas foi no instante preciso em que os concorrentes penetravam no «tiro direto» que a multidão delirou. **Gualicho,** como um gigante, carregou avassaladoramente sôbre o invicto argentino **Yatasto.** Houve breve luta entre os valorosos «racers», mas **Gualicho,** num abrir e fechar de olhos, dominou o seu rival e rumou firme em direção à linha de sentença, abrindo progressiva luz, sob entusiástica e merecida ovação. Nos últimos galões, **Panther** sobrepujou Yatasto, o qual **ainda sofreu o jugo** de **Fort Napoleon.**

J O J O C A . . .

(Cont. do número anterior)

— Zuzuuuu, Zuzu! — avançou para ela, ajoelhando-se no chão.

A mulatinha, num salto, tão surpreendente quão inesperado, desprendeu-se dos braços dêle. Subiu numa cômoda, empunhou um **santo de barro** e ameaçava atirar:

— Que cara! Pare lá! Olhe que atiro!... Jojoca! Eu grito, Jojoca!...

— UUU! Zuzu! Zuzu! — tornou a investir, grunhindo, porque não ouvia o que ela dizia.

Zuleica atirou raivosa o santo na cabeça dêle. Jojoca parou. Apertou as mãos no rosto. Ficou algum tempo imóvel. Ela mordia assustada, e arrependida, as pontas dos dedos. Êle sentou-se desanimado na cama. Fêz-se profundo silêncio. Jojoca puxou o lenço e enxugava o sangue da cabeça, do rosto e do pescoço. Comprimiu a ferida na cabeça e desviou os olhos tristes para ela:

— De onde caiu isto, Zuzu? — apontou o santo quebrado no chão.

— Caiu, não! Atirei. Vá-se embora, vá! Por favor!

— Quero me casar com você, Zuzu! A chácara será nossa, Zuzu! — levantou-se. O rosto pálido. Os lábios trêmulos.

— Está bem. Mas volte outro dia. Fale com dona Pina. Sim, Jojoca, sim? ...

Avançou para ela e segurou-lhe as pernas. Zuzu gritou. Que a largasse. Êle esfregava humilde o rosto nos pés dela, beijando-os. Fazia aquilo quando a porta foi aberta com estrondo. Jojoca olhou assustado para lá. Vislumbrou o brilho do punhal na mão do Onisuá. Deixou os pés de Zuzu e correu para a cozinha. Saltou a janela. O outro atrás. Atravessou em disparada a chácara. Onisuá sempre atrás dêle. De quando em quando acertava-lhe violentos pontapés. Finalmente, Jojoca atirou-se contra o muro dos fundos da chácara. Galgou-o e saltou à rua. Continuou correndo. Muito distante, olhou para trás. A rua vazia. Parou. Enxugava arquejante a testa na manga da farda. Lá no negrume do muro nada via. Mas ouvia os gritos de Onisuá:

— Moleque! Bobalhão! Bem que meu "pai" dizia que você haveria de ser eternamente um sargentão! Que está esperando aí? — saltou, resoluto, à rua.

Jojoca tornou a correr. Onisuá gesticulava irado:

— Volte para o quartel, palhaço! Volte para o quartel, sargentão!

R E S P O S T A S :

1 — Até aos 27 anos.
2 — O Guarani.
3 — A paz entre os índios e os portuguêses.
4 — J. J. Rousseau.
5 — O que possui sesmarias.
6 — Rondó.
7 — Rubefação.
8 — Dança dos índios.
9 — Otologia.
10 — Um curral para ovelhas.
11 — Nepotismo.
12 — Umedecido.
13 — Deslocação.
14 — Trabalho noturno e à luz.
15 — Agradável.

MÚSICA

MALCUZINSKY



APÓS uma prolongada ausência de três anos, eis que nos visita novamente êste grande "virtuose" polonês, que é Vitold Malcuzinsky. Sendo esta a quarta vez que aqui se apresenta, suas execuções revestiram-se do mesmo brilho e entusiasmo de suas anteriores "performances", confirmando assim o que dêle já havíamos dito antes. Infelizmente, não assistimos à sua primeira apresentação porém, ao apreciá-lo neste seu segundo recital, constatamos estarem ainda latentes tôdas as magníficas qualidades que caracterizam o excelente artista. Iniciando o programa com o "Prelúdio Coral e Fuga", de Cezar Frank, executado com a precisão e clareza próprias dos mestres, Malcuzinsky dominou inteiramente a seleta assistência que ali estava para aplaudi-lo. Seguiu-se a "Sonata", em si menor, de Lizst, obra esta dedicada a Schumann pelo imortal compositor húngaro, e apesar das transcendentais dificuldades que apresenta, pela sua complexidade, foi hàbilmente explanada, merecendo o mesmo cuidadoso tratamento, o que resultou numa excelente apresentação, impregnada de peculiar encanto e sedução, demonstração eloqüente dos inesgotáveis recursos de sua apurada técnica. Uma obra de compositor brasileiro, "Minha Terra", de Barrozo Neto, leve e encantadoramente tratada, deu prosseguimento ao programa. A parte final, reservou-a o artista ao genial e melancólico Chopin, o apreciadíssimo compositor polonês por êle tão bem compreendido. Como é diferente o seu Chopin, e no entanto como agrada! Três mazurcas, um "scherzo", uma valsa e um estudo executados de um modo todo seu, constituíram a parte final do excelente espetáculo com que nos brindou. Numerosa e seleta assistência aplaudiu-o entusiasticamente, levando o artista a retribuir com vários "extras" esta sua última apresentação ao nosso público. — **OSWALDO DA CUNHA**

● ARNALDO REBELO

Teve início a 9 do corrente, a série de programas que o pianista Arnaldo Rebelo apresentará tôdas as sextas-feiras, às 20 horas, ao microfone da PRA-2 (Rádio Ministério da Educação), sob o título de "Tema e Variações". Êstes programas focalizarão a música e os músicos do Brasil. Em sua primeira apresentação foram executados números por Guiomar Novais, Richard Odnoposoff e Lícia Albanese, esta última interpretando números da autoria do maestro brasileiro Vila Lobos. O programa é apresentado em forma de palestra, com ilustrações de música erudita, apresentadas em gravações.

● RECITAL DE MARCO

Será realizado a 28 do corrente, quarta-feira, o recital de canto do barítono Ernesto de Marco, que terá lugar no auditório da Escola Nacional de Música.

● SHEILA IVERT NA EUROPA

Encontra-se na Europa a pianista brasileira Sheila Ivert, em missão cultural do Ministério da Educação. Na Itália, país onde primeiro estêve, Sheila Ivert desenvolveu intensa campanha em prol da música brasileira, realizando inúmeros recitais e conferências, abordando as obras dos nossos mais destacados compositores. Após o desempenho de sua missão naquele país, a pianista transferiu-se para a França, prosseguindo em suas atividades em Paris.

● REGRESSO DE LUISITA SILVEIRA

Regressou da Europa, onde se demorou cêrca de dois anos, a cantora lírica brasileira, Luisita Silveira. Estreando em Bérgamo, Itália, como principal figura feminina de "Il Rigoletto", Luisita seguiu para a França, Bélgica e Holanda, realizando naqueles países uma série de recitais.

● SINFONIAS DE FURTWANGLER

O famoso regente e compositor alemão, Furtwangler, vem de anunciar haver terminado, recentemente, mais duas de suas sinfonias. São elas, a Terceira e a Quarta, que deverão ser acrescentadas à sua já longa lista de composições. Falando a respeito, Funtwangler declarou que doravante dedicará maior parte de seu tempo à composição, deixando a regência um pouco de lado.

● ***Continuam abertas, na sede da Orquestra Sinfônica Brasileira, as inscrições para sócio.***

● ***Acaba de ser encenada com grande apresentação pela Ópera de Hamburgo, a ópera "Freischutz" de Weber. Peter Anders, Gaspar Brocheler, Lore Hoffman e Anneliese Rothenberger, todos elementos destacados no cenário operístico alemão, viveram as principais figuras desta original obra de Weber.***

● BEATRIZ BERGMAN PITCH

A pequenina e talentosa pianista brasileira, de apenas seis anos de idade, Beatriz Bergman Pitch, regressou há pouco dos Estados Unidos, onde durante seis meses apresentou-se em vários programas de rádio, televisão e varias apresentações públicas. Apesar de sua pouquíssima idade, Beatriz conquistou a simpatia e a adimiração do público musical daquele país, atraindo com seus concertos públicos consideráveis assistências.



A MODA

...ria Gracinda, Ilka e Monique reunem-se por um ...mento durante o desfile para permitir um instantâneo destas três criações para baile.

O Rio de Janeiro entrou para o rol das cidades do mundo em que a clientela feminina merece a atenção dos grandes costureiros franceses. Já existem entre nós estabelecimentos comerciais que importam criações de Paris ou adquirem o direito e o material próprio para reproduzi-las em cópia, como se faz em New York, Roma, Londres, Buenos Aires. Nesta página, oferecemos às nossas leitoras alguns modelos "passados" na última exposição da Casa Canadá, sôbre a qual demos uma reportagem em nosso último número. Os manequins, que seriam o orgulho de qualquer capital do mundo, são moças brasileiras aqui treinadas.



...tillo-Lainvin veste Vânia com um ousado modêlo ...a grande noite, em "tulle" sôbre "fourreau" de ...da bordada a pedrarias, no qual foi dado pleno ...aso à inspiração espanhola.



Uma recem-chegada a Paris

CARTA de Lídia, que foi só a Paris, onde chamou uma amiga, para Elisa, que tem uma filha, um cachorro, um amigo e um namorado:

"Minha Valéria (aqui em Paris êste nome com acento na última sílaba me parece convir-te muito mais do que o teu) querida:

"Antes de mais nada, mes felicitations, a mim mesma, pelo meu aniversário, ante-ontem, do qual só hoje me lembrei.

"A primeira coisa que fiz quando cheguei foi comprar esta máquina. Como podes ver, é estrangeira. Não tem nossa sinalização e leva a constatar que extrair o til dos brasileiros equivale a extrair suas próprias cordas vocais. Peço-te que vás distribuindo acentos agudos, tils e cedilhas. Amanhã, que é mardi, vou devolvê-la à casa onde foi comprada para que seja devidamente enxertada a fim de se habilitar a escrever português.

"De vez em quando me lembro de você, imaginando qual teriam sido as suas impressões se também tivesse vindo: à primeira vista, Paris foi para mim uma decepção. Tudo largo demais, trop premeditado. Nada daquilo que sugerem os filmes ditos realistas franceses. Edifícios todos do mesmo tamanho, igualmente cinzentos. Largas avenidas, uma Place de l'Étoile e um Champs Elysées que devem dar o que pensar aos norte-americanos, de tão propalado senso de grandiosidade — vou deixar para mais tarde um estudo próprio sôbre a diferença entre grande e grandioso. Os automóveis representam o espírito francês: são econômicos e sages (fisicamente são pequenos e discretos), correm moderadamente, não se chocam jamais. Não há ruas preferenciais, chacun a son propre droit.

"Tem chovido, sinto-me numa eterna semana santa. O sol tem ameaçado aparecer, e nas suas fugazes avant-premières todo o mundo comenta que o tempo está merveilleux, mas eu, habituada à excessiva permanência do azul, chez nous, não me contento. No entanto, c'est dejá le printemps qui recommence, pinta de verde as árvores peladas, une os pássaros nas gaiolas e os ursos no zoo.

"O que mais me atrai aqui é o Quartier Latin. Como se fôsse um anúncio luminoso, chega a pulsar. Lá se alugam quartos mobilados com divans, com pias e escadas primitivíssimas, cheias de charme.

"Os bairros residenciais aristocráticos são monótonos. Nas calçadas brincam crianças que parecem mais moças do que crianças, jogando maré. Mulheres pernaltas passeiam cães (o-la-lá, é a vida que o teu Zazu pede a Deus, garanto). Homens ajustados e de pince-nez transitam.

"Pelas ruas passam bicicletas conduzidas por mulheres com golas de pele e canelas à mostra, quase não se vêem calças compridas, ou por moços de casaco de veludo e boné na cabeça.

"Aos domingos, todos vão para o campo, é a religião. Vestindo roupas de colorido variado, com blusas e meias de tricot feito à mão. E essas peças made in home me dão idéia de família, lar, mãe e aconchego. E tenho saudades de casa.

"Lígia pinta e te manda um abraço. Voltará comigo e vai abrir a bôca do Mário Pedrosa de admiração.

"Reparte um beijo com Fernando e Evandro. Dá outro separado para Marta, pois detesto promiscuidade. — Lídia."

Pela transcrição, colocados os acentos. **ISOLETE.**



Diante da graça irresistível de Monique e Ilka ajoelhou-se o fotógrafo para fixar êste flagrante de duas criações irmãs de Christian Dior — em organza de nylon com flores do campo bordadas em relêvo, a côres.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 ATÉ QUE IDADE RUI BARBOSA ESCREVEU POESIAS:

— Até aos 27 anos?
— Até aos 18?
— Ou nunca fêz versos?

2 QUAL O LIVRO CONSIDERADO O "GRITO DO IPIRANGA" DA NOSSA LITERATURA:

— Casa Grande e Senzala?
— Os Sertões?
— O Guarani?

3 QUE ACONTECIMENTO IMPORTÂNTE LEMBRA O NOME DE IPEROIG:

— Uma batalha na guerra com o Paraguai?
— Um quadro de Visconti?
— A paz entre índios e portuguêses?

4 QUAL O ESCRITOR QUE, PELA PRIMEIRA VEZ, EMPREGOU O NOME DE "ROMANTISMO":

— J. J. Rousseau?
— Bento Teixeira Pinto?
— Silvio Romero?

5 QUE VEM A SER "SESMEIRO":

— Cavalo espantadiço?
— O cidadão que possui sesmarias?
— Indivíduo orgulhoso?

6 COMO SE CHAMAVA AQUELA COMPOSIÇÃO POÉTICA COM ESTRIBILHO CONSTANTE:

— Sonêto?
— Elegia?
— Rondó?

7 UMA PESSOA QUE APRESENTA VERMELHIDÃO NA PELE, ESTÁ COM:

— Rubefação?
— Estalactite?
— Epitalâmio?

8 QUE QUER DIZER "PORACÊ":

— Dança dos índios?
— Enchente de rios no Amazonas?
— Uma doença dos olhos?

9 QUE NOME TEM A PARTE DA MEDICINA QUE TRATA DO OUVIDO E SUAS DOENÇAS:

— Hemofilia?
— Citologia?
— Otologia?

10 QUANDO UMA PESSOA CONSTRÓI UM "OVIL", QUE FÊZ ELA:

— Um ninho para galinhas?
— Um curral para ovelhas?
— Um aparelho para examinar ovos?

11 DÊ UM SINÔNIMO DE FAVORITISMO:

— Nepotismo?
— Sibaritismo?
— Acetismo?

12 UMA PESSOA QUE ACHA UM CORTE DE FAZENDA "MADIDO", QUER ISTO SIGNIFICAR QUE O PANO ESTAVA:

— Queimado?
— Cortado?
— Umedecido?

13 LUXAÇÃO DO TORNOZELO VEM A SER:

— Deslocação?
— Fratura?
— Aleijão?

14 QUAL A VERDADEIRA SIGNIFICAÇÃO DE "LUCUBRAÇÃO":

— Trabalho noturno e à luz?
— Irritação?
— Paciência?

15 QUE VEM A SER UMA LEITURA "LIBENTE":

— Indecente?
— Agradável?
— Enfadonha?

(Respostas na pág. 43)

Candelárias em desfile

INOCENCIA ROSAS



NA mesa junto à minha fica a "vamp" da repartição: morena, alta, magra, e, sim, olhando bem, féia. Mas veja: tem **um quê.** Às vêzes olho para ela e fico pensando: diabo de "sex appeal"! Nariguda, nem tão moça, quase feia, e no entanto... não há dúvida, é bem mais interessante que a lourinha bonita e o brotinho moreno. E' graciosa, um certo saracoteio preguiçoso, uns olhos de chamarisco, compridos, visguentos e doces — um olhar adulão. A fala é também como os olhos: uma fala volutuosa, cheia de milonga estudada: — "Vem cá, Zé, eu estou com saudades de ti, Zé..." Sua ficha social é: viúva, honesta, família grã-fina.

Do outro lado da mesa, a dactilógrafa: tagarela, sempre contando grandezas: "Minha família é muito bem relacionada: o doutor Fulano, o desembargador Beltrano, o senador..." E mais as jóias que herdou: "Um **pendantife** de esmeralda e brilhantes, que foi de minha avó, a baronesa de Capão Bonito... nunca ouviu falar? tão conhecida! — uma verdadeira maravilha, na Casa X, ofereceram quarenta contos por êle."

— "Pedantife" é ela mesma! — diz baixinho, entre dentes, a Gorducha.

A Gorducha é a mais simpática e a mais inteligente de tôdas. Mas também é a mais gorda. Dizem que as gordas são sempre mais **alcalinos** que **ácidos.** Pois sim! Vai atrás! Esta é espirituosa e sem piedade.

Falei também da lourinha. Muito moça, uns cabelos de barba de milho — se boneca de milho pudesse ser ondulada a "marcel" — olhos de um azul publicitário, meigos e saltados, com um olhar demorado que parece de adoração mas que é apenas sinal de hipertiroidismo.

Já o brotinho moreno tem um sorrisozinho suculento e comestível, uns cabelos tão exagerados, com tanto viço e tanta exuberância que é quase como se naquele escândalo de viço falassem mal da honra da menina. Tem também um sorriso crônico, que não quer dizer coisa nenhuma — está ali porque já se acostumou a estar, parece que ela o pegou com a mão e o pôs ali com ordem de ficar assim estanhado para sempre. Às vêzes aflige ver como o sorriso não assenta com o que ela está nos dizendo. E' assim como se a gente tivesse de comer doce de leite o dia inteiro.

Olha ali para aquêle canto, aquela, pequenininha e graciosa. Bem bonita, não é? Bonita assim a sete metros de distância: a gente chega perto e vê que é um pêssego murcho. Se a gente fala com ela é sempre amável, mas uma amabilidade que não convence, uma amabilidade postiça, uma graça emburrada de cachorrinho ensinado servindo à mesa. Muito religiosa, de uma beatice adstringente, mas dizem que um dia, num transe de apendicetomia, durante a anestesia, do fundo daqueles abismos de inocência e de ignorância... prática brotaram catadupas de inconveniências. Disse coisas tão pavorosas que a informante — a "vamp" desbocadíssima — não se sentiu com coragem de contar o que foi. Bueno, por tão pouco não precisamos agora incomodar as cinzas ilustres do velho Sigmund!

O Brotinho Moreno (brôto mas casada) chegou perto da minha mesa assim com ares agradáveis de quem procura uma coisa amável para dizer. Olhei "os ares" e pensei: aí vem ela dizer-me "como esquentou agora de tarde, não é?", ou qualquer coisa assim, e me preparava para concordar amàvelmente, mas a moça pairava em regiões mais elevadas. E começou (tem uma falinha macia de cincerro de prata forrado de veludo):

— Imagine, agora é que fiquei sabendo que você é uma artista! Ontem, falando com o Xisto, êle me disse que você é pintora.

Resmunguei um ininteligível desagrado pelo assunto. E ela continuou:

"— Você sabe que o Neco também é um Artista? Neco é o meu marido, sabe? Você nem imagina as coisas notáveis que êle faz em madeira. Tem lá em casa uma sala que é só para os trabalhos dêle, passa os domingos trabalhando. Agora mesmo fêz um burrinho que é um encanto! Eu só queria que você visse! E' um porta-cigarros. Você pega assim e enche êle de cigarros, puxa a cabeça dêle (deve ser do burro) assim para cima e êle levanta o rabinho, e por baixo — você sabe — ali por baixo do rabinho, vai saindo um cigarro bem de-va-ga-ri-nho... E' uma maravilha! Eu sempre digo: — Neco, você é um Artista!"

E o Brotinho Moreno disse: "Eu e o Neco somos artistas."



WEEK-END NA COZINHA



ARTE E TÉCNICA DE TOMAR CHÁ

(Segundo o costume chinês de preservar o momento adequado e o melhor ambiente para gozar de uma coisa — **Ch'asu**)

1º — Como o chá é grandemente suscetível à contaminação de outros sabores, devemos prepará-lo com o maior asseio, longe de vinhos, incensos e outras substâncias olorosas, inclusive longe das pessoas que lidam com tais substâncias.

2º — Guardá-lo em lugar fresco, sêco; durante o tempo úmido, é preciso dispor de uma razoável quantidade de recipientes especiais e pequenos, preferentemente de estanho, para não abrir os potes de reserva senão quando seja necessário. Se uma parte dessa reserva mofar, deve ser submetida a uma suave tostura a fogo lento, descoberto e constantemente abanado, para impedir que as fôlhas se tornem amarelas ou descoloridas.

3º — Metade da arte de fazer chá consiste na obtenção de boa água, de "corte agudo", primeiro vem a água de mananciais da montanha, depois de rio, e depois de poço.

4º — Para a apreciação de um bom chá, deve-se estar com amigos tranquilos e não muitos ao mesmo tempo.

5º — A boa côr do chá, em geral, é amarelo pálido, doirado, e todo chá vermelho-escuro deve ser tomado com leite, limão, menta ou qualquer outra coisa que cubra o sabor tão agudo.

6º — O melhor chá tem suave ressaibo ou sabor de "volta" (hweiwei), que se sente aproximadamente meio minuto depois de bebê-lo, logo que seus elementos químicos tenham tido tempo de atuar sôbre as glândulas salivares.

7º — O chá deve ser feito e bebido imediatamente; e se se quer tomar bom chá, não deve ser deixado muito tempo no bule, porque então passa a infusão.

8º — Deve ser preparado com água exatamente no ponto de começar a fervura.

9º — Todos os adulterantes são tabu, embora se possa admitir diferença individual para as pessoas que preferem leve mescla de algum sabor estranho — por exemplo, jasmim ou cássia.

10º — O sabor que se espera no melhor chá é o delicado sabor de "carne de bebê".

• MOMENTOS PRÓPRIOS PARA TOMAR CHÁ

Quando se tem o coração e as mãos ociosos; quando se está cansado depois de ler poesia; quando estão perturbados os pensamentos; escutando canções; quando termina uma canção; encerrado em casa num dia festivo; tocando violino, olhando pintura; conversando altas horas da noite; ante uma clara janela e uma mesa limpa; ao regressar de uma visita com amigos; quando o dia é claro e suave a brisa; em um dia de chuvas leves; num bote ancorado junto a uma pequena ponte de madeira; depois de haver queimado incenso em um pequeno gabinete; depois que terminou uma festa e os convidados se foram; quando as crianças estão na escola; perto de famosas fontes e belos rochedos.

• MOMENTOS IMPRÓPRIOS PARA TOMAR CHÁ

Durante o trabalho; olhando um jôgo; abrindo cartas; durante grandes chuvas ou nevadas; num grande festim de vinhos, com numerosos convivas; pesquisando documentos; em dias de muito trabalho; nas condições contrárias, em geral, às enumeradas na parte anterior.

• COISAS QUE SE DEVEM EVITAR

Água má; maus utensílios; colheres de bronze; caldeiras de bronze; jarro de madeira (para água); lenha no fogo (por causa do fumo); carvão de lenha brando; criado grosseiro; criada de mau gênio; panos sujos; tôda espécie de incêndio e remédios.

• COISAS E LUGARES DE QUE SE DEVE ESTAR LONGE

Salas úmidas; cozinhas; ruas barulhentas; crianças choronas; pessoas exaltadas; salas quentes; criados discutidores.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 4

A	Ulcerar, fazer chagas	4	45	121	12	2	130		
B	Fruta de que o abacaxi é uma variedade	10	99	64	57	36	125		
C	Tratamento que se dá às freiras	11	53	118	92	13			
D	Duração das coisas	38	66	123	94	5			
E	Orifício por onde se enfia um cordão	88	34	7	108	18			
F	Espécie de abano com varêtas (pl.)	67	8	24	127	48	60		
G	Existir	68	117	111	17	74			
H	Cheiro	3	119	28	63				
I	Desejo	96	25	84	113	31			
J	Dás a extrema-unção	72	1	35	112	51			
K	Caminhe	52	6	16	88				
L	Senhores	75	41	106	43	93			
M	Qualquer ensopado ou guisado	37	14	71	97				
N	Impugna	46	22	33	54	128	56		
O	Cêrcas	29	122	116	79	50			
P	No dia em que estamos	109	39	32	69				
Q	Erguera, levantara	85	9	62	55	107			
R	Elevo, sustenho no ar	42	80	104	61	23	49	81	87
S	Substância adstringente	86	110	27	120	15	90		
T	Em que lugar?	100	30	91	26				
U	Plano inclinado, vertente	104	76	21	102	105			
V	Não são pares	129	47	126	73	83	20	44	
X	O meio de qualquer espaço	114	59	19	89	77	115		
Y	Composição poética (pl.)	124	40	95	65				
W	Pessoas delicadas, amáveis	78	98	58	103	70			

■	■	■	J 1	A 2	H 3	■	A 4	D 5	K 6	E 7	F 8	Q 9
B 10	C 11	■	A 12	C 13	M 14	S 15	K 16	G 17	E 18	■	W 19	V 20
U 21	■	N 22	R 23	F 24	I 25	T 26	S 27	H 28	O 29	■	T 30	I 31
■	P 32	N 33	E 34	J 35	B 36	M 37	■	D 38	P 39	X 40	L 41	R 42
■	L 43	V 44	■	A 45	N 46	V 47	F 48	R 49	O 50	■	J 51	K 52
C 53	■	N 54	Q 55	N 56	B 57	Y 58	W 59	F 60	■	R 61	Q 62	H 63
B 64	■	X 65	D 66	■	F 67	G 68	P 69	Y 70	■	M 71	J 72	V 73
G 74	L 75	U 76	W 77	■	Y 78	O 79	R 80	■	R 81	E 82	V 83	I 84
Q 85	S 86	R 87	■	K 88	■	W 89	S 90	T 91	C 92	L 93	■	D 94
X 95	I 96	M 97	Y 98	B 99	T 100	R 101	■	U 102	Y 103	U 104	U 105	■
L 106	Q 107	E 108	■	P 109	S 110	G 111	J 112	I 113	■	W 114	W 115	O 116
G 117	C 118	H 119	S 120	A 121	■	O 122	D 123	■	X 124	B 125	■	V 126
F 127	N 128	V 129	A 130	■	■	■	■	■	■	■	■	■

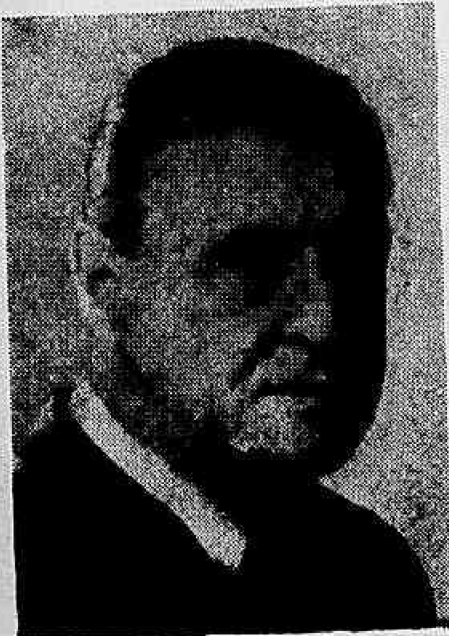
Otaner - Rio

EXPLICAÇÃO: — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos-chaves no quadro vertical que se encontra à sua frente, cada letra numa casa. Depois transporta-se para o quadrado de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. E no quadrado de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 3: JOSÉ DE ALENCAR — IRACEMA — "Êle manda que Iracema ande para trás como o goiamum e guarde sua lembrança como o maracujá guarda sua flor, todo o tempo, até morrer."

SEMANA LITERÁRIA

ÁLBUM DE FAMÍLIA



W. SOMERSET MAUGHAM é o que, em literatura, se chama um "caso". Escritor fecundíssimo, interessado por tôdas as formas de expressão, não apenas escreve vários gêneros de prosa — romance, conto, teatro, crítica — como ainda se interessa pelo rádio e pelo cinema (que tem adatado várias obras suas, sempre com êxito e no qual, inclusive, já apareceu, como narrador de alguns contos seus). Um "caso": aliás, êle mesmo já o discutiu, com humorismo... A crítica, depois de seus sucessos, foi ficando mais exigente com êle. Se, no princípio, tolerou sua literatura, desde que êle conquistou o mundo dos leitores de maneira extraordinária, a crítica começou a achar que estava errada, que Maugham, afinal, não passava de um sub-literato... no máximo de um escritor de segunda linha... A verdade é que já em avançada idade, êle continua a escrever, vendo crescer dia a dia o número, de resto astronômico, de seus leitores: é que os leitores não acreditam na crítica... Afinal, como todo o mundo — exceto, naturalmente, o mundo dos próprios críticos, se é que uns acreditam nos outros, o que é duvidoso, também.

"Prêmio Nobel", escritor de livros que representam as maiores tiragens em lingua inglêsa e em traduções, para muitas outras linguas, mesmo a nossa (em que suas edições se exgotam com a rapidez dos "best-sellers", embora êle não faça "best-sellers") não há dúvida que Maugham é um escritor com que a crítica não pode estar de acôrdo. Glória das letras inglêsas, glória do romance e do conto, em todos os tempos, sua obra numerosa e tão amada pelos leitores de nosso vasto mundo, resistirá galhardamente, como um fiel espelho de nossa época, por menos que o queira a crítica — como sempre acontece.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Enquanto Adolfo Celi, diretor teatral, preparava a "Antígona" de Sófocles e a "Antigona" de Jean Anouilh, o Teatro Brasileiro de Comédia levou à cena outra vez "A Dama das Camélias". Depois de quatro semanas de intenso sucesso, o T. B. C. montou novamente a célebre farsa de Goldoni "O Mentiroso", peça em que Sérgio Cardoso e Waldemar Wey tiveram papéis de muito destaque.

★

E, por falar em teatro, o "Grupo Tetral Politécnico", levou à cena a famosa peça de Thornton Wilder, "Our Town". A representação estêve acima da média geral, em se tratando de um grupo de amadores.

★

O Clube dos Artistas e Amigos da Arte promoveu uma exposição de artes plásticas, a fim de angariar fundos para a construção de uma sede própria. Estiveram presentes ao "vernissage": José Tavares de Miranda, Antônio Rangel Bandeira, Maria de Luordes Teixeira, Maria Antônia, José Geraldo Vieira, Francisco Matarazzo Sobrinho, Rebelo Gonzalez, Conde Huberto Schonfeldt, Pola Rezende, Darcy Penteado, Paulo Rossi, Maria Engênia Franco, Isolina Portugal, Lígia Fagundes Teles, Gofredo da Silva Teles Filho, Bruno Giorgi, Hebe Carvalho, Ademir Martins, Walter Lewy, Ibiapaba Martins, Paulo Vanzolini, Reynaldo Bairão.

★

A cantora Maria Kareska foi a solista do apreciado "Réquiem", de Gabriel Fauré, num concêrto recentemente realizado no Teatro Municipal. Sem dúvida alguma, a conhecida soprano estêve numa de suas noites mais felizes, tendo sido bastante aplaudida, juntamente com Paulo Ansaldi.

● V CENTENÁRIO DE DA VINCI

Além de outros atos e solenidades comemorativas do V Centenário de Leonardo Da Vinci, sob o patrocínio da Academia Brasileira, a Embaixada da Itália fêz realizar uma sessão na Casa de Machado de Assis, tendo discursado sôbre a figura do genial italiano o acadêmico Osvaldo Orico.

Essa comemoração teve lugar a oito de maio último, com grande concorrência.

● SUPLEMENTO LITERÁRIO DO "JORNAL DO POVO"

Temos em mãos mais um número do brilhante suplemento literário do "Jornal do Povo", de Ponte Nova. Como sempre, com o esfôrço que representa, por parte dos rapazes de Ponte Nova, o suplemento vem repleto de artigos e colaborações interessantes, abrindo-se com o excelente artigo d Eugênio Gomes, "Poeta em Nova Iorque", a respeito de Garcia Lorca. Poemas e notas de crítica enriquecem mais êste número do mensário de literatura e artes que se edita em Minas e que tanta repercussão tem tido nos meios literários brasileiros.

● A ETERNA COLETTE

Colette fêz recentemente 79 anos! A longevidade persegue (ou protege) os escritores... Comemorando essa veneranda data, a autôra de "Chéri" declarou que não é lá muito agradável uma bela manhã saber que se entrou nos oitenta anos... Assim — disse ela — prefiro me esquecer disso e escolher uma idade mais agradável: a partir de hoje, tenho cinqüenta e oito anos... Com 58 anos tôdas as esperanças são permitidas...

● MAUPASSANT E A CRÍTICA

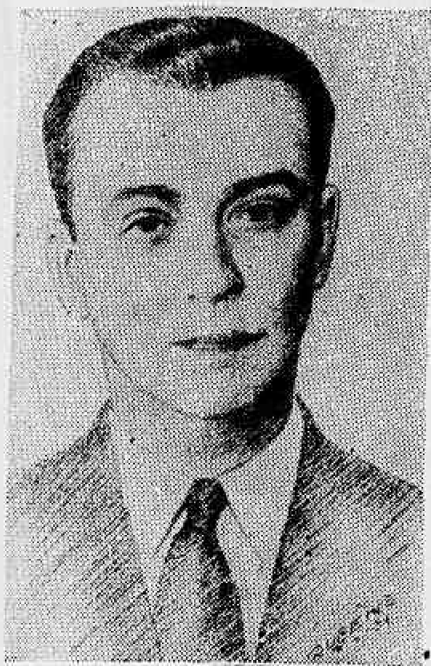
Recorda-se esta seta de Maupassant aos críticos: — "Há certos críticos que jamais falam do livro que nós escrevemos, mas do que êles escreveriam em nosso lugar..."

Enrique Larreta esteve no Rio



O Rio hospedou nos últimos dias o poeta Enrique Larreta, um dos maiores nomes das letras hispano-americanas, grande poeta da Argentina, cuja obra faz honra às glórias literárias castelhanas e à cultura do Continente Sul. A passagem pelo rio do poeta dessa obra-prima que é «La Calle del Amor y de la Muerte» foi motivo para que o festejasse o mundo intelectual brasileiro, prestando-lhe as homenagens que lhe são devidas. No clichê, a visita de Enrique Larreta à Academia Brasileira, de que é sócio correspondente, vendo-se o grande poeta da Argentina entre os acadêmicos Austregésilo de Ataíde e Rodrigo Otávio Filho.

LETRAS MINEIRAS



Juscelino Kubtischeck

"Cais da Eternidade", de Edison Moreira, foi premiado com vinte mil cruzeiros, "Prêmio Oton Bezerra de Melo". Trata-se de um livro de poemas, já quase esgotado, dado a consagração da crítica nacional agora confirmada como o melhor livro de poesias do ano de 1951 e que a Academia Mineira de Letras acaba de premiar.

★

Tomou posse na Academia Mineira de Letras o poeta Nilo Apatecid: Pinto. O novo imortal foi saudado pelo escritor Mário Matos. Na noite da posse do autor de "Música da Fonte", compareceu ao cenáculo o mundo literário da Capital e elementos da sociedade. Outras homenagens foram prestadas ao novo acadêmico, destacando-se a hora de arte que o poeta e deputado José Alcino Bicalho ofereceu a Nilo Aparecida Pinto, à qual compareceu o governador Juscelino Kubtischek de Oliveira, que reafirmou aos presentes, o objetivo de seu govêrno, de prestigiar as letras mineiras.

★

"Prêmio "Cidade de Belo Horizonte" — O prefeito Américo René Gianetti, acaba de criar vários prêmios literários, com o nome "Cidade Belo Horizonte", cujas bases são as seguintes:

1º — Poderão concorrer, com obras de ficção ou de erudição, inéditas ou publicadas no corrente ano até a data do encerramento das inscrições, os autores brasileiros, com residência efetiva no Estado de Minas Gerais, pelo menos há dois anos na data da inscrição, requisitos que deverão provar nesse ato.

2º — Serão concedidos três prêmios em dinheiro; um de Cr$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros) para ficção — romance ou contos; um de Cr$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para poesia; um de Cr$ 15.000,00 (quize mil cruzeiros) para erudição — história, sociologia, crítica ou arte.

3º — Não haverá limite máximo para o número de páginas das obras, cabendo à Comissão Julgadora classificá-las ou desclassificá-las também quanto a seu número de páginas ou à matéria que contiverem.

4º — A inscrição será feita mediante a entrega das obras concorrentes ao Departamento de Educação e Cultura, até o dia 30 (trinta) de setembro do corrente ano, devendo as obras inéditas ser datilografadas em espaço dois. Das obras inéditas será exigido um exemplar, e, das publicadas, serão exigidos três exemplares.

5º — As obras concorrentes serão julgadas de acôrdo com os dispositivos dos decretos mencionados e o resultado do julgamento será publicado no dia 12 de dezembro do corrente ano.

As demais condições do concurso estão nos decretos citados e o Departamento de Educação e Cultura prestará aos interessados as informações que lhe forem solicitadas.

FORA DO PRELO

O LIVRO DA SEMANA

"RAIZ FUNDA"

É um romance de Fernanda de Castro que nos chega de Portugal (Livraria Bertrand), êste "Raiz Funda", que recebemos por intermédio da Livraria Antunes. Ao abri-lo, como nos acontece sempre que cortamos as páginas de uma obra saida de mãos femininas, o que nos interessa mais é um pouco da revelação do mistério do sexo que, certamente, se encontrará ao longo de sua leitura.

Essa curiosidade justificada, diante do eterno feminino, é plenamente satisfeita em "Raiz Funda", história dramática de uma vida de mulher, onde os homens são simples comparsas e estão ali para as "deixas" dos diálogos, como das situações. Fernanda de Castro não descurou seus heróis masculinos: apenas nos parece que, diante da verdade das personagens femininas, êles nos surgem toscos e apagados de figura como de psicologia. Teresa, a heroína, é uma pequena burguesa provinciana que sufoca na sua Beira. Criada à moderna pelo pai, sofre as limitações impostas pela mãe, já viúva, e que a quer com êsse primitivismo reacionário que frusta tanto destino de filhos. Teresa reage no seu bovarismo e encontra no casamento de amor uma válvula para a escravidão em que vive. Porém não se adapta nem ao marido, nem ao ambiente lisboeta. Escolhera mal o caminho de sua salvação. partira na direção errada, para a sua fuga, casando-se com um escritor falhado, jogador alcoolatra. Êle, sim, que a amava, um pouco animalmente, porém a amava. Talvez fôsse mesmo o animal, a fêmea, que buscara naquela provinciana revel, sem perceber que ela exigia muito mais do que isso, por parte dêle. E nisso, nesse equívoco de amor, arrastando-se em sôpros, épicos, sem melodrama, transcorre a história pungente de "Raiz Funda".

Escrito com verdade e estilo, com seguras notações psicológicas, o romance de Fernanda de Castro, com seus bons e firmes retratos de mulher, constitui algo acima da média comum dos romances do gênero, traçados por mão feminina. Realmente, estas duzentas e cinquenta páginas que lemos com facilidade, vasadas em forma agradável, com sua narrativa singela e aliciante, tudo presidido pela bem feita figura de Teresa, uma personagem bem viva, desde as primeiras linhas do livro — merecem o destaque que têm tido considerado "Raiz Funda" entre os bons romances lançados sob a responsabilidade da conceituada Livraria Bertrand.

Edmundo Lys

NOITE — O poeta Argileu Silva reuniu neste grosso volume poemas e sonêtos de sua lavra. O autor de «Noite», o volume que nos chega da Bahia, em edição da Imprensa Oficial do Estado, foi considerado um dos melhores sonetistas de seu tempo, um neo-paranasiano com todos os preconceitos da escola, salvando-se pela sua personalidade exuberante.

ROTEIROS DA ZONA OESTE — O nome de Raimundo Nonato está ligado ao modernismo brasileiro, como fundador que foi da revista «Bando», de Natal. Depois disso, consagrou-se com um romance, «Quarteirão da Fome», e pelo incansável labor a que vem se entregando. Agora reaparece com êste livro que estuda aspectos geográficos e humanos do sertão norte-riograndense. obra de grande interêsse e mandada editar pelo governador Dix-Sept Rosado, destinada ao sucesso que merece, tanto nela se associam o documentário e o literário da melhor categoria.

POESIA — São vinte e dois poemas de Elza Bebianno. Obra de estréia, evidentemente, em que se nota, ainda alguma insegurança e certa tortura de forma. Mesmo assim, êste livro representa uma contribuição lírica de mérito, na poesia do momento. Elza Bebianno prefere (?) o poema curto em que se sente mais à vontade, evitando, por êsse recurso, a eloqüência traidora que, nela, parece um elemento de sua poesia, como de sua poética. A consciência dessa falha conduzirá sua arte à economia vocabular que ela deseja, sem perceber que o tom alto de alguns de seus poemas está nos próprios temas que ela trata. Um detalhe de forma específica a que ela quer fugir, certa de que o instrumento lírico está no oposto da eloqüência. Alguns de seus pequenos poemas são primorosos tanto de estrutura, como de emoção. Ela tem perfeita noção disso. Mas, por outro lado, parece temer êsse excesso de economia formal e de cair no «parnasiano», na forma torturada. Entretanto, o que devemos assinalar aqui é que, apesar de suas incertesas, ela revela um temperamento e uma vocação digna de estímulos.

RUI BARBOSA — Lembrar, às novas gerações, a figura moral dos grandes homens, é obra de mérito. Êles representam montanhas espirituais a que podem chegar os sêres superiores pelo caráter, pelo trabalho, pelo civismo. Daí os louvores às Edições Melhoramentos pela publicação de «Rui Barbosa», biografia ilustrada, escrita pelo professor Renato Sêneca Fleury. Das páginas do volume emerge o vulto do nosso patrício.

GENTE MALUCA — Em páginas divididas é o álbum das Edições Melhoramentos intitulado «Gente maluca», o qual, folheado ao sabor do capricho do leitor, enseja a formação de figuras pitorescas extravagantes, irresistíveis de comicidade. Walter Trier é o desenhista inglês autor do livrinho. As ilustrações têm, efetivamente, fôrça bastante para transmitir bom-humor aos grandes e pequenos.

CORREIO DA REVISTA

Prezado leitor.

Com as aquisições do último número — secções de Teatro, Música, Artes e Rádio — sobe a 13 o número de nossas secções permanentes. O número aqui é simples referência; o essencial é que V. repare na boa qualidade. E dizemos mal ao falar em 13, quando na verdade passam a ser 14 as secções permanentes, pois destacamos da parte noticiosa de Cinema o comentário crítico de Leon Eliachar. Dêsse modo, percorrendo as páginas da REVISTA, V. estará informado sôbre o que de mais importante vai pelo mundo das coisas do espírito e da sensibilidade.

Também não pouparemos esforços para melhorar o nível das nossas foto-reportagens. Acreditamos sinceramente que V. já se sinta mais satisfeito com os últimos números, mas continuamos no empenho de apurar o que está bom e corrigir as deficiências que ainda existem.

Estamos aliviando, por outro lado, como fizemos há mais tempo com outras páginas, aquelas em que aparecem as secções "Tudo isto aconteceu" e "A Semana em revista". Seus olhos cairão com mais agrado sôbre os claros que passam a combinar no jôgo da composição.

Alguma coisa mais? Talvez houvesse para dizer, mas — desculpe, leitor amigo — o número está para fechar e V. nos dê licença.

A DIREÇÃO

★

JOASH BRUNO (Rio) — Neste mesmo número V. poderá encontrar um sem número de fotografias de Pier Angeli. Quanto a Lois Maxwell poderá se dirigir ao escritório da Art Film, na rua Senador Dantas, e pedir seu retrato. Poderá também pedir à Metro, na rua do Passeio.

E.C. — Tupaciretã (R.G. do Sul) — Seu conto "Recordando nosso amor" estava muito fraco. Quanto ao outro, vamos examinar.

NIDOVAL REIS (Rio) — Está aprovado o seu "Mania de Poetas".

D.G. (Rio) — "Piano a quatro mãos" foi aprovado. Mas "Polichinelo" não passou.

NINA MARIA (Salvador) — Foi aprovado "O Sonho do Pescador".

SOLÂNGE (Rio) — Seu conto "Acaiaca" está aproveitável, mas é necessário refundi-lo retirando-se dêle a parte não literária que muito o prejudicou. Também é necessário falar pessoalmente com a autora sôbre aquela invocação ao deus Rudá, que não é crença dos índios daquela região, e sim de Mato Grosso, como se vê no "O Selvagem", de Couto de Magalhães" Gostariamos de que a autora viesse falar a um dos membros da Comissão Julgadora, aqui na redação, qualquer dia, entre 9 e 11 horas.

A.B.M. (Rio) — Muito curto o "Túmulo".

H.C. (Rio) — Muito fraquinho o seu conto "A Promessa".

M.A.M. (Rio) — "Feia" e "Uma viagem complicada" não conseguiram aprovação. Chamamos sua atenção para o estilo que usa, muito vulgar, sem substância. A senhorita possui qualidades para composições literárias; mas está muito fora da técnica do conto. Procure aperfeiçoar-se. Não é caso para desesperar.

J. de O.R. (S. Paulo) — "As amarguras do Silva" não pôde ser aprovado. Fraquinho. Procure melhorar seu estilo e evite as amplificações enfadonhas.

O SONHO DO PESCADOR

(Continuação da pág. 35)

Nunca briguei com Ana, porém as brigas estavam começando. Por fim veio o ciúme... Só faltava mesmo, o ciúme!

— Você anda é enfeitiçado por alguma lambisgóia; vive escrevendo prá ela...

O pobre do livro não ia adiante, nem a "gancho"! Engasgou no terceiro capítulo, e quando a idéia vinha a mulher aparecia e a idéia tornava a fugir. Uma tristeza!

Fui me deitar. Estava já pegando no sono, quando ouvi um grito. Apanhei o revólver, pois já era tarde, e desci as escadas como um furacão. Dei com o muleque da Anastácia tremendo como vara verde, diante dum quadro.

— Que é menino?

— Uma as-som-bra-ção... Aquelas ca-ras medonhas... Uns aleijões...

— Estúpido, você não conhece arte?

Êle arregalou os olhos. Arte? Nunca vi arte dêsse jeito, metendo mêdo a gente!

Ah! moço! Subi as escadas degrau por degrau... sem fôrças!

Meti o revólver na gaveta e me atirei na cama, numa choradeira louca. Ouvi uma voz grossa:

— Jão... ô Jão...

Era meu irmão Vicente que me acordava.

— Está maluco? Que chôro é êsse?

— Um sonho, Vicente, Santo Deus!...

Felizmente o galo cantava. Amanhecia. Embarcamos..

Ah! moço! Estava vexado... doidinho prá chegar em casa. Quando avistei Rio Vermelho, criei alma nova... Uns minutos depois dei com as vistas em riba do outeiro e vi minha palhoça! Inteirinha moço... A cobertura estava douradinha de sol; parecia um pedaço de cobre ariado.

Apertei a mulher num abraço tão profundo que ela ficou até desconfiada.

À noite a lua estava uma lindeza! Peguei na viola e Ana cantou uns versos que aprendeu quando era mocinha.

"Teus olhos são negros, negros
Como as noites sem luar
São ardentes, são profundos
Como o negrume do mar..."

O Gondoleiro do Amor é uma magia... não é moço?

A mulher acabou de cantar eu contei o sonho a ela. Chorou, coitada... se benzeu e disse: Louvado seja Deus!

— Moço, a mulher falou bem. Seja louvado, para sempre, o bom Deus, criador de tôdas as coisas...

★

Hoje, o velho João descansa na paz do Senhor e deixou, certamente, para a sua futura geração o que herdara da geração passada.

Quando passo perto daquele outeiro, sinto ouvir as suas palavras:

"Felicidade é minha cabana, minha vela, meus dois filhos, o meu bote..."

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.

A EDUCAÇÃO ESPIRITUAL DA CRIANÇA

Essas palavras encerram uma pequena mas importantíssima comunicação do Mestre, Luiz de Matos, dada em Sessão Pública, em dezembro de 1949, no Centro Redentor desta Capital, abordando um tema fundamental da vida espiritual.

Mas, o mais importante em tôdas essas palavras é a severa advertência feita aos pais no que lhes concerne à disciplina, à educação, à evolução espiritual da criança. Senão, vejamos:

Investigar com raciocínio, com vontade de descobrir algo de nobre, de superior para contento do seu espírito, é fazer trabalho produtivo, grandemente útil na passagem pela Terra.

A vida espiritual, bem estudada, é um manancial de conhecimentos para aquêles que vivem sequiosos de saber e desejam aperfeiçoamento e evolução.

Há no Racionalismo Cristão muito para desdobrar. Não se pode vir ao Redentor como se vai a qualquer diversão, ou às casas onde se pratica a magia negra. Vir ao Redentor, é estar dando passos largos para a evolução espiritual.

Aqui se aprende a dar valor a vida e se passam momentos felizes. Aqui se pensa na passagem da vida, busca-se esclarecimento, faz-se progresso e reconhece-se as grandes responsabilidades que o espírito assume ao descer a êste mundo para processar sua encarnação.

A evolução espiritual se constata entre todos aquêles que estudam desde os reinos da Natureza ao sêr humano.

Quem não admira o nascer de uma criança, cujo nascimento se opera sob protestos do espírito, esbravejando com a sua cabecinha, com os seus olhos abertos, como que a reclamar por liberdade! Só isso não observam os indiferentes à vida, os chamados pobres de espírito, que andam porque a isso são obrigados. O desenrolar da vida é constante, e quem não admira, quem não sente a vibração espiritual que irradia dessa inteligência Universal.

Só mesmo os ignorantes propositais é que a isso não observam e admiram. O espírito ao encarnar, fica como que esquecido do que se passa no seu mundo de luz, le ingressa neste, certo de que vai ter sofrimentos para fazer a sua evolução. Êle tem que ficar esquecido de si próprio, para a sua própria felicidade, por ser dever dos pais encaminhá-lo aqui, desde o primeiro dia de vida, numa constante disciplina espiritual, para que êle pouco a pouco, evolua corrigindo qualquer rebeldia, teimosia, para que possa progredir dia a dia e vir a cumprir o seu dever de espírito encarnado. Deve-se doutrinar a criança, metodizar o seu viver, pois ela tem os seus períodos de evolução, em conformidade com a idade que ela for atingindo. E' preciso compreender a vida, estudar e por em prática tudo que for racional para evitar falências espirituais, cuja única causa é a falta de educação, de preparo e encaminhamento da criança.

O Racionalismo Cristão mostra a todos aquêles que procuram as suas Casas qual o modo, a qual a disciplina que devem seguir, para a sua própria felicidade e para melhor trilharem o caminho da vida. E para melhor estudo e compreensão, temos as obras editadas por esta Casa que demonstram como se evolui numa ordem tôda progressiva e natural, dentro das leis comuns e naturais, materiais e espirituais. A Obra Racionalismo Cristão, em seu capítulo IV, fornece ensinamentos para saber educar a criança, desde os primeiros momentos da vida física e até a desencarnação. Essa obra é um verdadeiro dicionário da Vida, para aquêles que sabem pensar, estudar, raciocinar, concluir e tirar deduções daquilo que foi lido.

Procurai estudar e compreender a vida tal qual ela é e tal qual ela deve ser vivida, se quizerdes ter a satisfação de cumprir os vossos deveres.

LUIZ DE MATTOS

A REVISTA HA 50 ANOS

25-5-1902

DOIS ANOS

DOIS anos completa no presente número a REVISTA DA SEMANA; dois anos de trabalho, de sacrifícios, reagindo lentamente contra o lamentável desamor da nossa terra por tôdas as manifestações de caráter artístico. Quanta ansiedade, quantas canseiras, quantos dissabores representa uma tentativa dessa natureza! Lá fora, se o programa é honestamente cumprido o êxito é rápido e esplêndido: remunerador na ordem material, abundante em créditos na ordem moral Aqui, a marcha é vagarosa, medida, cauta, receosa, fecunda em surprêsas. Outros teriam sucumbido, nós tivemos fé, crentes em que a Beleza, a eterna Beleza, acabaria por triunfar. Nada resiste à sua magia, aos seus poderosos recursos de sedução. E vencemos, sem outro auxílio além da nossa coragem, fortalecida pela sincera e poderosa crença na imortalidade da harmonia. Dias passaram e também semanas e meses sem que a curiosidade pública atentasse na utilidade do nosso esfôrço, na sua influência suave sôbre a saúde da alma e dos costumes. Nós sofríamos calados esta singular indiferença e calados prosseguíamos na tarefa ingrata, dando mais elegância à linha, mais esbelteza à decoração, mais variedade e meiguice aos tons. Depois, um belo dia, como que por encanto, um lindo e tépido sol de primavera derreteu o gêlo e a REVISTA entrou de circular livremente por esta vasta metrópole do esquecimento. A quem o devemos? Cremos bem que às mulheres. Foram, elas, com o seu instinto inato da Formosura e da Graça, que primeiro se aperceberam da índole e dos intuitos desta publicação. E como "ce femme veut Dieu le veut" logo uma aragem fagueira fêz esvoaçar por tôda a cidade, ainda úmidas, como um bando de gaivotas emergindo das ondas fecundas, as fôlhas da nova REVISTA. Hoje, feito o paralelo dos tempos, navegamos em mar de rosas, entre monções fagueiras e augúrios prósperos. Já é permitido esperar e esperar confiadamente, agradecendo o patrocínio dos que tanto nos ampararam quando ainda éramos desconhecidos e incompreendidos.

OS TEATROS

GABRIELA Carlota Réju — Madame Réjane Poret — nasceu, segundo rezam as crônicas, em Paris, aos 5 de junho de... Não direi a data do nascimento de uma criatura na plena e triunfal floração da formosura e do talento. Há em todo escritor que se preza um gentilhomem e seria falta de tato, de cortesia, e de nobreza, ir rebuscar na opulenta cabeleira da Marechala os fios de «prata velha» de que fala Júlio Dantas na «Ceia dos Cardeais». Certo é que Réjane, discípula, e muito querida, de Régnier no Conservatório, onde obteve em 1874 o segundo prêmio de comédia, estreou no Vaudeville a 25 de março de 1875, na «Revue des Deux Mondes», criando em seguida «Mlle. Lili», «Premier Tapis», «Verglas», «Dominos Roses», «Clube», «Maris d'Ida e Odette». Deixando o Vaudeville em 1882 para entrar no Variétés, criou «Nuit de Noces de P. L. M.», passando ao Ambigu para criar «La Glu»; ao Palais Royal, para «Ma Camarade»; ao Vaudeville, para «Clara Soleil»; ao Varietés, para «Demoiselles Clochard» e «Decoré»; ao Odeon, para «Germinie Lacerteux» e «Shylock»; ao «Vaudeville, para «Marquise»; ao Variétés, para «Ma Cousine»; ao Odeon, para «Amoureuse»; ao Grand Theatre, para «Lysistrata»; ao Vaudeville, para «Madame Sans Géne», «Maison de Poupée», «Viveurs», «Bonne Hélenne», «Partage», «Douloureuse», «Pamela», «Zazá», «Calice», «Georgette Lemeunier», «Lys Rouge», «Mme. de Lavalette», «Beguin», «Robe Roufe», «Sylvie», «Fente Douce», «Course de Flambeau», além da reprise da «Sapho» e da sua recente criação: «La Passarelle».

E esta grande artista, é a grande Réjane, a Réjane dos retratos de Chartran e de Besnard, que o público do Rio de Janeiro vai ouvir no mês de julho próximo em algumas das suas criações geniais. Que o Lírico se encherá a transbordar, nem sequer me atrevo a duvidá-lo. O fim dêste folhetim não é, porém, fazer reclame à emprêsa; é concorrer para que a visita da mais parisiense de tôdas as atrizes francesas, resulte algum proveito para os nossos artistas, e é, para os artistas que, sem distinção de nacionalidade, trabalham nos teatros do Rio de Janeiro.

E' a êsses e aos empresários que eu desejo ver freqüentar os espetáculos da Réjane, para que ao período de hesitações e apalpadelas, em que se tem debatido até agora a nossa desorientação artística, suceda afinal um período de método e de escola, plano que ainda há pouco João Chagas sintetizou em período claro e belo de uma das suas excelentes correspondências para o «Primeiro de Janeiro», do Pôrto:

«Uma troupe de teatro não é uma companhia de cavalinhos. No teatro há solidariedade — de gênio e de aptidões. Os artistas de uma «troupe» artística devem completar-se como os indivíduos de uma mesma família. O repertório é o primeiro, principal elemento de educação e de disciplina. O repertório é, nos teatros o que os ritos são nos templos — a invocação, o patronato artístico. «D. Maria» foi a casa de Garret, como a «Comédia Francesa» é a casa de Moliére. Diz-se: a casa de Garret, como se diz: a capela de São Roque, a igreja de São Paulo. Os teatros são capelinhas artísticas, onde não podem caber todos os santos a um tempo, nem sacerdotes de tôdas as religiões. Vem a desordem e o culto desce».

Réjane será apenas uma aparição, sem influência alguma sôbre a arte nacional, se os nossos artistas não concorrerem em massa a estudar-lhe o jôgo impecável, o máximo de naturalidade compatível com a ilusão teatral, a arte dos detalhes, a propriedade do ambiente, em absoluta concordância com os tipos, os caracteres e a dramatização da ação. E' claro que essa assistência só aproveitará aos que dentro da caixa craniana possuem mais alguma coisa além de pevides de abóbora e melancia; mas que admiráveis lições poderá ali colhêr o núcleo dos que cultivam o teatro com o enlevado carinho e a severa consciência dos eleitos da arte!

Atores e atrizes muito terão que aprender com a visita de Réjane, porque ela não vem só; traz consigo, pelo menos, dois atores de primeira ordem: Grand e Dubose. Grand, o criador do Roberto Heinecke, de «A Honra», tem sido um dos mais dedicados auxiliares de Antoine. E' um comediante completo, um ator de escola e recursos, aplaudido e festejado, pela rigorosa verdade das suas interpretações. Dubose é o criador de «Durand e Durand», «Paradis», «Remplaçant», do inglês do «Dindon», «Petit Chagrin», «Layétte», «Poigne», «Un complot», «La bourse ou la vie» e, ùltimamente, no Vaudeveille, «Ponte douce», «Coure ao Flambeau» e «Passarelle».

O fato é tanto mais para estranhar quanto «tournées» de estrêlas se caracterizam, em geral, pela uniforme nulidade dos satélites. Desta vez, não; temos uma verdadeira constelação, onde há luz que farte, para os nossos artistas, desejosos de progredir.

FARFALLA



PIADAS

● Fala-se de um marido infeliz que bateu na mulher.

Um amigo defende-lhe a brutalidade:

— Ora ponha-se algum dos senhores no lugar dêle...

Um do grupo:

— Ponha-se V. S., se isso lhe dá gôsto.

● Num jantar de noivado. Um convidado usa da palavra:

— Brindo ao noivo, desejando vivamente que êste dia se repita por muitas vêzes.

● Num exame de geografia:

— Onde fica a Suíça?

— Ao lado do bigode.

● Um empregado, encarregado de tirar passaportes, viu-se uma ocasião em sérias dificuldades, para dar todos os sinais de um alto e poderoso personagem, que tinha sòmente um ôlho.

Chegando à descrição dos olhos, o empregado hesitava receando ofender por qualquer forma o melindre do cavalheiro. Por fim, teve uma lembrança que lhe pareceu felicíssima. E escreveu: «Olhos grandes, prêtos e vivos, sendo de notar que um dêles se acha ausente».

Tudo isto

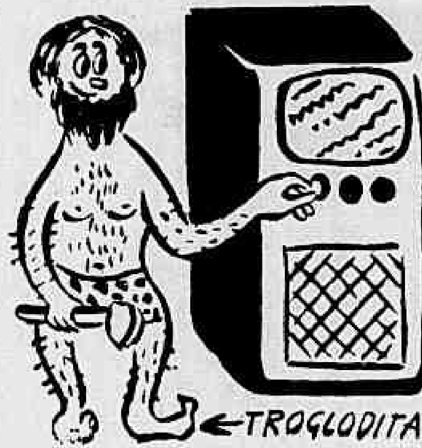


ÊLE ERA INOCENTE — Jean Deshays, operário de PARIS, fôra acusado de duplo homicídio e condenado a dez anos de prisão. Um dia, porém, uma conversa entre mulheres levou a polícia a investigar aquela frase. "Tuas mãos estão tintas de sangue". E mais um doloroso êrro judiciário se registrou na Justiça da França. O encarcerado era inocente. O caso emocionou todo o país, e o condenado foi pôsto em liberdade depois de curtir a reclusão durante 4 anos. Aqui o vemos ao chegar a sua casa, beijando a mulher



O SORRISO DE TRUMAN — E' um homem eufórico, com êsse largo sorriso. Gosta de pescar durante suas férias, embora recentemente uma feroz "barracuda" o ameaçasse perigosamente na Flórida. Truman também é apaixonado das músicas, mas não dessa música barulhenta, e sim da música melódica. Gosta de ouvir Mach, Mozart, e a Quinta Sinfonia de Beethoven lhe faz muito bem ao espírito. Adoro o Danúbio Azul, de Strauss, que classifica como "nada mais delicioso". E tudo êle faz para esquecer política

Nada é novo sob o sol



NÓS, os felizes habitantes dêste meado do século XX, achamos que êste mundo está muito adiantado, e que tudo o que apresentamos é fruto de nossa inteligência aprimorada. A ciência moderna converte a vida humana em delícias sem par, e a sociedade de hoje exibe novidades desconhecidas da humanidade de séculos pasados. Séculos? Milênios. Mas já diziam os profetas que nada é novo sob o sol. E disseram uma verdade. Houve povos já desaparecidos sob as cinzas do pasado longínquo, que dispunham de aperfeiçoamentos que julgamos serem privilégio nosso. Na era do átomo houve filósofos gregos que "descobriram" tôda a sua mecânica, e só não chegaram a fabricar bombas pelo simples fato de as guerras serem de outra natureza. Nas artes, então, a coisa é muito interessante. Agora mesmo, em Paris, a Casa das Belas-Artes, na rua dêsse mesmo nome, n. 11, organizou maravilhosa exposição, cuja inauguração se verificou há poucos dias, na qual os milhares de freqüentadores e visitantes puderam verificar uma arte moderna que tem, apenas uns 40 mil anos de existência! Documentos sôbre a arte franco-cantábrica, a arte do Levante espanhol, a esquemática da Espanha, as Artes do Saara e a bochmaniana, provaram que a nossa "arte moderna" tem quarenta séculos e tão artística quanto a do século XX...



★

Berghof, o castelo nazista

ERA o "ninho de Hitler" nas elevadas e saudáveis montanhas de Bad Nauheim, no murmurante curso do Obersalzberg. Hitler mandara construir êsse esconderijo poético como refúgio para sua alma eufórica, sedenta de poder, e onde fazia suas farrinhas com mulheres e amigos íntimos. A 4.800 metros de altitude, era o seu castelo inviolável de onde costumava olhar para o sul a sonhar com o domínio do mundo. A Áustria lhe ficava à vista, e daquela Baviera, berço do nazismo, o Fuehrer se preparava cuidadosamente para dominar os povos. Mas veio a segunda grande guerra. O nazismo foi destroçado pelas armas aliadas e o sonho entrevisto nos ares de Bad Nauheim, nas cumiadas baváricas ao sussurro do Obersalzberg, completamente desfeito. Hitler desapareceu sob os escombros fumegantes do palácio da Chancelaria de Berlim e o seu "ninho de águia" o delicioso "Berghof" destruído. E agora, por uma ironia do destino implacável, a mesma emprêsa que construiu êsse castelo nazista para as delícias do Fuehrer alemão, ganhou a concorrência aberta pelos aliados para a sua demolição definitiva, a fim de não ficar mais nenhum vestígio dessa época condenada pela consciência democrática do mundo. Assim acabam os prepotentes. Assim passam as glórias dêste mundo.



Aconteceu

Águas Formosas

UM bonito nome para uma cidadezinha do interior mineiro. Minas Gerais é, a sse respeito, um Estado que possui locadades com lindas denominações. Mas inelizmente, nem sempre os belos topônimos stão em harmonia com a administração unicipal. Com Águas Formosas, por xemplo, sucedia o seguinte: não possuía scrita na sede, não havia arquivos para ocumentos, nunca os prefeitos prestaram ntas à Câmara Municipal, nem ao Triunal das ditas. A situação escolar era eplorável, o mesmo sucedendo com as as de transportes. Também não havia z elétrica, nem a azeite de baleia. Mas eram as boas fadas e foi eleito um hoem ainda moço, educado, corajoso e mante de suo terra: José Quaresma da osta. Não era possível que o Município e Águas Formosas, um dos mais ricos do tado, continuasse atrasado daquele jeito. o novo prefeito meteu mãos à obra. Coeçou pela organização administrativa, ndo a Contadoria Municipal, organizano a escrita, imprimindo ordem em tudo. estou contas à Câmara de Vereadores e o Tribunal de Contas, sôbre todos os s de sua gestão, o que pela primeira z sucede naquele Município. Levou a o muitos melhoramentos, construiu pons, inaugurou trinta escolas e, ao sair e comentário, já estará inaugurada a z elétrica! O próprio Governador do Eso vai ver que fenômeno é êsse em uas Formosas, que de tanto abandono, pareciam "Águas Sujas".





SANGUE DE CACHORRO — "Jackson", um cão do Lavrador, com 10 anos de idade, foi chamado ao hospital de veterinário de Whiteplains, nos Estados Unidos, para socorrer com o seu sangue, a um ser de sua espécie que perdera muito sangue, quando atingido pela hélice de um avião. E "Jackson" se submeteu à operação, cedendo 100 centímetros cúbicos de seu precioso sangue ao "collie" que está alí deitado, à espera do efeito salvador. "Jackson" é um bravo, e, durante a guerra, sobrevoou o Japão com o seu dono



trote dos Acadêmicos

É uma instituição acadêmica, felizmente em decadência. No Rio, apenas algumas Escolas Superiores e a Naval continuam a nutrir a tradição, mas, tudo faz crer, o processo mude de natureza. O último "trote" na Escola Naval deu motivo a sérias providências proibitivas das próprias autoridades diretoras daquele estabelecimento de nossa defesa nacional. E' que os rapazes se excediam na maneira de "batizar" os novatos. Não se pode negar que o trote, quando dirigido com arte é até construtivo. Quando os nossos acadêmicos receberem os calouros organizando programa artístico, embora beneficiados com o sentido da graça estudantil, teremos trotes dignos de todos os aplausos. Não falta motivo. Os trotes de aspecto carnavalesco de última classe, com rapazes lambuzados, em cuecas, a desfilar pelas ruas repetindo os "sujos" dos dias de Momo, também concorrem para a decadência dessa brincadeira de gente moça e alegre. O trote pode e deve ser mantido, mas sob condições de mais respeito humano. Não é possível que os calouros sejam recebidos como animais desprezíveis, objetos de tôda sorte de irreverências. Os estudantes podem manter a tradição, mas sem exceder-se na maneira de desprestigiar a dignidade de colegas que vão chegando. Podem explorar, com muito sucesso, motivos de crítica, apresentando paródias engraçadas e com arte.





BATISTA ENTRE AS MULHERES — Depois de reconquistar o poder em sua pátria, o general Fulgêncio Batista recebe em seu gabinete de trabalho uma multidão de mulheres que afluiu ao Palácio presidencial a fim de homenageá-lo e falar-lhe sôbre as necessidades de suas respectivas organizações femininas. Nessa ocasião, disse êle: "Eu sou um ditador, mas estou com o povo. Só perseguirei aquêles que se opuserem ao meu govêrno". E tôda Cuba está esperançosa nas promessas do Batista

NUMA FESTA NUPCIAL INÉDITA

DEZESSEIS CASAIS UNEM SUAS VIDAS



O sr. João Borges Filho, a pedido dos trinta e dois nubentes, parte o grande bôlo nupcial



A direita — O padre José Sotero da Silveira lança a bênção nupcial a um dos casais. Em baixo — O juiz Paulo Faria da Cunha presidindo a a cerimônia civil



NA manhã de 13 dêste mês, uma bela e tocante festa de casamento reuniu pelos laços matrimoniais trinta e duas pessoas, começando na Matriz da Gávea e terminando no Hipódromo Brasileiro. Sim, por que os dezesseis casais pertencem à grande família turfista que movimenta o nosso famoso prado de corridas. O Sindicato dos Empregados em Casas de Diversões, que congrega os trabalhadores do turf, promoveu a encantadora reunião, para a qual obteve o entusiástico apoio da diretoria do Jockey Clube. Aquela foi uma manhã de incontidas alegrias. Na Matriz da Gávea, o padre José Sotero da Silveira oficiou a cerimônia religiosa, e no Hipódromo o juiz Paulo Faria da Cunha presidiu o ato civil. Seguiram-se discursos, o sr. Raymundo Nonato, presidente daquele sindicato, enaltecendo o significado da solenidade e dando um público e caloroso testemunho de gratidão da numerosa classe à diretoria do Jockey. Dirigiu também uma eloqüente saudação aos nubentes. Falou o sr. Roque Ferrer, representante do ministro do Trabalho, que terminou por sugerir que o dia 13 de maio fôsse, de agora por diante, considerado o «Dia do Funcionário do Jockey Club». O sr. Ferrer elogiou os serviços sociais do Jockey, tecendo louvores à pessoa do seu presidente, o sr. João Borges Filho, expressões que a seguir são vivamente repetidas e ampliadas pela sta. Mauricéa Felix da Silva, diretora dos serviços escolares da sociedade, que em nome da família turfista oferece ao sr. João Borges Filho um álbum contendo as assinaturas de todos os funcionários, sendo ao terminar muito aplaudida. Fala, então, o presidente do Jockey, agradecendo emocionado e lembrando, sob palmas, a pessoa do ministro Oswaldo Aranha, a quem faz questão de atribuir a ampliação das obras de assistência social da entidade. E por fim o Sindicato dos Empregados em Casa de Diversões oferece a todos os presentes um esplêndido lunch, como fecho daquela magnífica reunião, que marcou uma das mais expressivas páginas da nossa vida turfista.



No altar da Matriz da Gávea a'inham-se os nubentes para a solenidade litúrgica









A direita, pela ordem — O sr. Raimundo Nonato proferindo o seu discurso. Fala, em agradecimento, o sr. João Borges Filho. À esquerda do orador está a senhora Helena Borges, sua espôsa e à direita o juiz Paulo Faria da Cunha. A professôra Maurícia Felix da Silva saudando o presidente do Jockey, e o sr. Roque Ferrar pronunciando sua oração

PRESIDE O IAPETC

S. Ex. O MOTORISTA



O motorista é investid
na presidência: pequen
discurso

PARA o lugar de presidente do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Trabalhadores de Transportes e Carga (IAPETC), vago com a exoneração do Prof. Oscar Stevenson, nomeou o govêrno o motorista José Cecilio Pereira Marques.

José Cecilio serviu na praça até dois anos atrás, quando deixou o serviço no autolotação em que trabalhava e passou a prestar serviços ao vereador Mourão Filho, seu compadre, atual presidente da Câmara Municipal. Havia se destacado como cabo eleitoral, nos meios profissionais de sua classe, do Sr. Lutero Vargas, deputado do P.T.B. pelo Distrito Federal.

A posse do motorista que vai dirigir uma das grandes autarquias do país teve lugar no dia 6 e foi concorridíssima, tendo comparecido elevado número de colegas de profissão, elementos e representantes sindicais e o Sr. Segadas Viana, ministro do Trabalho.

Os flagrantes desta página fixam alguns aspectos da cerimônia.



S. Ex. o Ministro e S. Ex. o Presidente se abraçam



Sala cheia e abafada: grande júbilo entre os presentes



O ônibus levou os amigos e a saudação dos amigos

Quem deixou de ocupar o Palácio do Catete?





João Pinheiro?

A morte impediu que João Pinheiro fôsse eleito presidente da República, em substituição a Afonso Pena. Essa sucessão eram favas contadas, ninguém duvidava que o notável administrador mineiro, que duas vêzes governara seu Estado natal, ascenderia à primeira posição do país. Seu prematuro falecimento tirou a Minas Gerais o quatriênio 1910-1914, que teria sido, sem a menor dúvida, um dos mais operosos e notáveis governos da República.



David Campista?

Morto João Pinheiro, o presidente Afonso Pena entrou a quebrar lanças em favor de seu ministro da Fazenda, Dr. David Campista, também seu conterrâneo. "Vai nos dar muito trabalho essa candidatura...", objetou-lhe o Sr. Wenceslau Braz, já indicado para ocupar o govêrno de Minas. Mas pôs-se a trabalhar pela candidatura do gôsto do Presidente. O Exército e Pinheiro Machado, impondo o nome do Mal. Hermes, afinal eleito, queimaram êsse sonho.



Rodrigues Alves?

Claro que sim. Tendo sido já Presidente, com mandato para o período 1902-06, o Consº Rodrigues Alves devia voltar ao Catete como sucessor eleito do Presidente Wenceslau Braz, em 1918. Enfêrmo, não póde assumir na data legal, sendo **substituído pelo** Vice-Presidente Delfim Moreira. Sua morte determinou nova eleição, que deu a vitória a Epitácio Pessoa e assim **Rodrigues Alves** deixou de, uma vez mais, ocupar o palácio de onde **já governara o Brasil.**



Júlio Prestes?

A gangorra Minas — S. Paulo funcionava normalmente e não raro o mineiro no Catete queria fazer outro mineiro seu sucessor, o mesmo sucedendo com os paulistas. Os eventuais eram militares. O eventualíssimo foi Epitácio. Por isso, devendo deixar o Govêrno em 1930, o Dr. Washington Luís impôs o nome e a eleição do Sr. Júlio Prestes, ex-presidente de S. Paulo. Prestes ganhou, mas não levou. A revolução de 1930 fechou-lhe a porta do Catete.

Getúlio Vargas?



Getúlio Vargas? Mas não estará êle no Catete desde 1930, quando impediu a posse de Júlio Prestes, que prestaria compromisso dois meses mais tarde? E' verdade, mas com a interrupção do quinquênio preenchido pelo General Eurico Gaspar Dutra. E foi justamente em 1946 que o Dr. Getúlio Vargas deixou de continuar no Catete, como presidente regularmente eleito, porque não se dispôs, então, a enfrentar o sufrágio popular. Os resultados das eleições de 1950 demonstraram claramente que o atual Presidente não precisava ter assumido os incômodos de uma mudança para Itu, a 29 de Outubro de 1945.

REVISTA DA SEMANA

Redator-Chefe:
ALCEU MARINHO REGO

Redator-Chefe de Publicidade
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Desenhos de
ALBERTO LIMA

Diretor:
Gratuliano Brito

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, **Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone:** 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio Cia., Constituyente. 1746, Montevidéu. Na Argentina "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta **de 60 páginas**

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA **Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro**

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria 22-5802 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2

MÓVEIS E DECORAÇÕES



Projetos executados por técnicos-decoradores

TAPETES FEITOS À MÃO

TAPETES E PASSADEIRAS

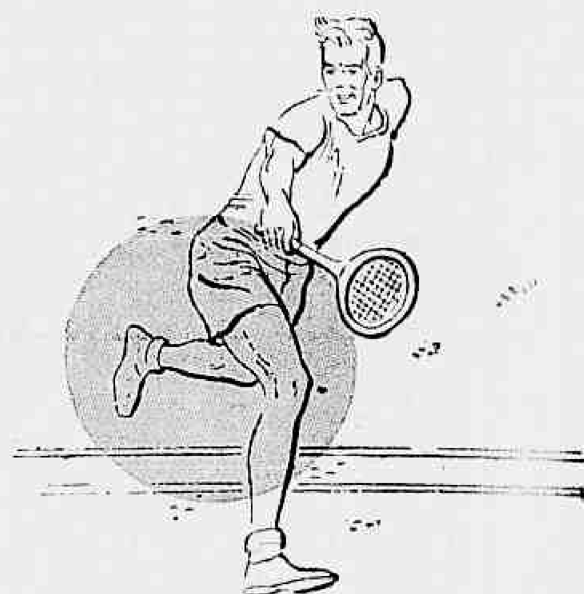
de farração, em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas



65, Rua da Carioca, 67 — Rio



sua recompensa... e nosso orgulho!



Tenis... amigos que se reunem em amável competição esportiva... elegante pretexto para apreciar as coisas boas da vida, como Hollywood - o cigarro tradicional da sociedade brasileira...

cigarros Hollywood

uma tradição de bom gosto



SB.144

UM PRODUTO SOUZA CRUZ